REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

N. 31 - Vol. 43 - Janeiro/Junho de 2001

EDUFRN
Editora da UFRN

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Número 31 – Volume 43
Janeiro/Junho 2001

Digitação *– Maricely de Medeiros*
Revisão *– Pelos autores*
Capa *– Olavo Oliva*
Editoração eletrônica *– Erinaldo Silva de Sousa*

Catalogação da Publicação na Fonte. UFRN / Biblioteca Central Zila Mamede
Divisão de Serviços Técnicos

Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. – vol. 1, n.1 (1951). – . – Natal(RN): A Academia, 1951 –

Descrição baseada em: v. 43, n. 31 (Janeiro/Junho. 2001)
Periodicidade semestral a partir do n. 31, v. 43.
Publicada pela EDUFRN a partir do n. 31, v. 43.

ISSN

1. Literatura brasileira – Periódicos. 2. Poesia Norte-rio-grandense – Periódicos. 3. Cultura – Rio Grande do Norte – Periódicos. 4. Ensaios – Periódicos. 5. Ficção Norte-rio-grandense – Periódicos. I. Título.

CDD 869B
RN/UF/BCZM 16/01 CDU 821.134.3(81) (05)

DIRETORIA DA ACADEMIA

Presidente

Diógenes da Cunha Lima

Vice-Presidente

Paulo Macêdo

1º Secretário

Nilson Patriota

2º Secretário

João Batista Pinheiro Cabral

Tesoureiro

Enélio Lima Petrovich

Diretor da Biblioteca

João Wilson Mendes Melo

Diretor da Revista

Manoel Onofre Jr.

Comissão de Contas

Sanderson Negreiros, Gilberto Avelino e Maria Eugênia Montenegro

Comissão de Sindicância

Jurandyr Navarro, Luís Carlos Guimarães e Olavo de Medeiros Filho

Souciano Barbosa - 1889-1919
Manuel Santos - 196

ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

PATRONOS E ACADÊMICOS

Situação em maio de 2001.

Cadeira Nº	Patrono	Primeiro Ocupante	Sucessores
01	Padre Miguelinho	Adauto Câmara	Raimundo Nonato da Silva; Sílvio Pedroza - Falecido
02	Nísia Floresta	Henrique Castriciano	Hélio Galvão; Grácio Barbalho
03	Cons. Brito Guerra	Otto Guerra	José de Anchieta Ferreira
04	Lourival Açucena	Virgílio Trindade	Enélio Lima Petrovich
05	Moreira Brandão	Edgar Barbosa	Ascendino de Almeida; Manoel Onofre Júnior
06	Luís Carlos Wanderley	Carolina Wanderley	Gumercindo Saraiva; João Batista Pinheiro Cabral
07	Ferreira Nobre	Antônio Soares	Mariano Coelho; Nestor dos Santos Lima
08	Isabel Gondim	Matias Maciel	Walter Wanderley; Nilson Patriota
09	Almino Afonso	Nestor Lima	Cristóvão Dantas; Humberto Dantas; Peregrino Júnior; Dorian Gray Caldas
10	Elias Souto	Bruno Pereira	Paulo Macêdo
11	Padre João Maria	Januário Cicco	Onofre Lopes da Silva; Miguel Seabra Fagundes; Fagundes de Menezes; Paulo de Tarso Correia de Melo; eleito
12	Amaro Cavalcante	Juvenal Lamartine	Veríssimo Pinheiro de Melo; Oswaldo Lamartine – eleito
13	Luís Fernandes	Luís da Câmara Cascudo	Oriano de Almeida
14	Joaquim Fagundes	Antônio Fagundes	Raul Fernandes – Falecido
15	Pedro Velho	Sebastião Fernandes	Antônio Pinto; Eloy de Souza; Umberto Peregrino
16	Segundo Wanderley	Francisco Palma	Rômulo Chaves Wanderley; Maria Eugênia Montenegro
17	Ribeiro Dantas	Dioclécio Duarte	Aluízio Alves
18	Augusto Severo	Waldemar de Almeida	Dom Nivaldo Monte
19	Ferreira Itajubá	Clementino Câmara	Nilo Pereira; Murilo Melo Filho
20	Auta de Souza	Palmira Wanderley	Mário Moacir Porto; Dorian Jorge Freire
21	Antônio Marinho	Floriano Cavalcante	Luís Rabelo; Valério Mesquita
22	Leão Fernandes	Padre Luís Monte	Dom José Adelino; Padre Jorge O'Grady de Paiva – Falecido
23	Antônio Glicério	Bezerra Júnior	Othoniel Menezes; Jaime dos Guimarães Wanderley; Iaperi Soares de Araújo – eleito

24	Gothardo Neto	Francisco Ivo Cavalcante	Antídio Azevedo; Antônio Soares Filho ; Tarcísio da Natividade Medeiros
25	Ponciano Barbosa	Aderbal de França	Inácio Meira Pires; João Wilson Mendes Melo
26	Manoel Dantas	José Augusto Bezerra de Medeiros	Diógenes da Cunha Lima
27	Aurélio Pinheiro	Américo de Oliveira Costa	Vicente Serejo
28	Padre João Manoel	Paulo Viveiros	Jurandyr Navarro
29	Armando Seabra	Esmeraldo Siqueira	Itamar de Souza
30	Mons. Augusto Franklin	Manoel Rodrigues de Melo	Aluízio Azevedo
31	Padre Brito Guerra	José Melquíades	
32	Francisco Fausto	Tércio Rosado	João Batista Cascudo Rodrigues
33	Tonheca Dantas	Oswaldo de Souza	Hypérides Lamartine
34	José da Penha	Alvamar Furtado	
35	Juvenal Antunes	Edinor Avelino	Gilberto Avelino
36	Benício Filho	João Medeiros Filho	Olavo de Medeiros Filho
37	Jorge Fernandes	Newton Navarro	Luís Carlos Guimarães
38	Luís Antônio	José Tavares	Jerônimo Vingt-Un Rosado Maia
39	Damasceno Bezerra	Raimundo Nonato Fernandes	
40	Afonso Bezerra	Sanderson Negreiros	

SUMÁRIO

I -	**DORIAN GRAY CALDAS: 50 ANOS DE SUA ARTE**	**9**
-	Os 50 anos de arte de Dorian Gray Caldas – Valério Mesquita	11
-	Saudação a Dorian Gray – Luís Carlos Guimarães	14
-	Mar de Tinta – Marcos Silva	17
-	Retrato (três por quatro) de Dorian Gray – Manoel Onofre Jr.	27
-	Dorian Gray, artista primoroso – Jurandyr Navarro	32
-	Cinqüentenário de Dorian Gray Caldas – Aluísio Azevedo	34
-	O pincel mágico de Dorian Gray – Getúlio Araújo	37
-	Quatro depoimentos – Gilberto Avelino – João Batista Cascudo Rodrigues – Paulo Macêdo – Maria Eugênia Montenegro	40
-	Dois temas de Dorian na Bibliografia Mossoroense – Vingt-un Rosado	44
-	Ofício – Alice Spíndola	67
-	Natal II – Jorge Tufic	68
-	Lembranças súbitas de Dorian Gray Caldas pelos museus do mundo – Paulo de Tarso Correia de Melo	69
-	O irresistível compromisso com o sonho – Dorian Gray Caldas	71
-	Discurso do acadêmico Dorian Gray, na FIERN	73
II -	**CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE JOSÉ TAVARES**	**75**
-	Em memória de José Tavares da Silva – José de Anchieta Ferreira	78
-	Discurso do Dr. Ciro Tavares	81
III -	**CENTENÁRIO DE FALECIMENTO DE AUTA DE SOUZA**	**91**
-	Auta Henriqueta de Souza – Rejane Cardoso	94
-	Auta em "Oásis"	98
-	Aspectos da Literatura Potiguar – Nilson Patriota	100
IV-	**NOVO ACADÊMICO**	**105**
-	Discurso de posse do acadêmico Vicente Serejo	107
-	Discurso do acadêmico Sanderson Negreiros, saudando o novo acadêmico na sua posse na ANL	125
V -	**VÁRIA**	**131**
-	Natal, um luxo da natureza – Diógenes da Cunha Lima	133
-	Algumas fontes para o estudo da História do Brasil em Portugal – uma nota introdutória – João Batista Pinheiro Cabral	136
-	O mistério do poeta e a decifração do poema – Paulo de Tarso Correia de Melo	153
-	Notas de Leitura: um olhar sobre si mesmo tendo como referência o outro – Pedro Vicente Costa Sobrinho	158
	Poemas – Jarbas Martins	163
IV-	**BIBLIOGRAFIA DOS ACADÊMICOS (CONTINUAÇÃO)**	**173**

I

DORIAN GRAY CALDAS: 50 anos de sua arte

OS 50 ANOS DE ARTE DE DORIAN GRAY CALDAS

Valério Mesquita (*)

Felizes os povos que têm a dádiva do talento e da obra de seus artistas para dar forma e cor a seus sentimentos, a suas tradições, a sua história e felizes, também, esses povos, quando reconhecem a grandeza desses artistas que o poeta Ezra Pound chamava **antenas da raça.**

Neste ano de 2000, fechando o Século XX e abrindo as portas do terceiro milênio, pode-se afirmar que nos inserimos entre os povos felizes porque Natal, o Rio Grande do Norte e o Brasil festejam o cinqüentenário da produção artística de Dorian Gray Caldas, o mais importante expoente, sem esquecer Newton Navarro, das artes plásticas que o nosso Estado já tenha possuído.

Em 1950, com coragem, Dorian Gray, Newton Navarro e Ivon Rodrigues, revolucionaram o conceito de pintura, portanto de arte, entre nós, com uma exposição, nas proximidades do Grande Ponto, em um casarão que tinha sido ocupado pela Cruz Vermelha, começando, assim, não apenas um movimento que daria seus frutos em termos estéticos, mas uma jornada desbravadora na sensibilidade adormecida da província.

Pela primeira vez, o Rio Grande do Norte viu-se frente a obras que não representavam o passatempo dominical de prendadas donzelas e melancólicas senhoras, nem o desabafo cromático de algum entediado habitante de longas tardes abafadas. Tratava-se de quadros que não se limitavam à descrição oleográfica, mas transmitiam o universo inquieto da verdadeira arte.

Durante cinqüenta anos Dorian Gray, incansavelmente, na multiplicidade de sua capacidade criativa produziu (e continua produzindo) obras que contém essa inquietude alimentada pela sensibilidade e pela generosidade que de sua vida transborda para telas, tapeçarias, desenhos, esculturas, poemas e ensaios.

Dizia Platão que o belo é difícil, referindo-se ao belo da arte.

Dorian Gray, profundo conhecedor desta verdade, exprime o belo, em sentido transcendental, no ritmo quotidiano de seu viver oferecendo a todos o resultado do seu talento, de sua disciplina, de sua maravilhosa capacidade de fabulação.

Diz Francisco Brennand que o verdadeiro artista deve **fabular**. Dorian Gray é exemplo de fabulação nas marinhas luminosas, nos desenhos ressuscitadores de mitos, nas formas das esculturas, nas cores de tapeçarias, na arquitetura dos versos. Escreve o poeta Diógenes da Cunha Lima, na apresentação do belíssimo livro de poemas de Dorian Gray, **os Dias Lentos**, que o autor **derrama poesia em tudo o que faz** e, sem dúvida, trata-se de uma afirmação irretocável.

Prestar homenagem a esse artista é honra que é concedida a quem homenageia, porque a verdadeira homenagem é aquela que, constantemente, é por ele distribuída para todos através da limpidez de suas criações que parecem tocadas por um anjo saído de um poema de Rainer Maria Rilke.

Homem cordial, atencioso, afetuoso, Dorian Gray é, antes de mais nada, um artista que, apesar de sua universalidade, nunca se afastou de suas origens, de sua realidade poética de brasileiro, nordestino, potiguar, natalense.

Se pintou uma das obras mais importantes do muralismo, o martírio de Frei Miguelinho, na Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte, merecendo essa obra, com justiça, que Franco Jasiello a chamasse de "poliptico" e a comparasse à pintura mural de Giotto, criou, também álbuns contendo desenhos ilustrando nosso folclore, nossos brinquedos, nossa flora, por isso Luís da Câmara Cascudo escreveu:

"Compreende-se que Dorian Gray, pintor e desenhista enfrentando a composição, tenha a vocação pictórica pela realidade brasileira, incapaz de deformá-la, mutilá-la sob o pretexto de interpretação pessoal".

Depois de cinqüenta anos de atividade artística ininterrupta, Dorian Gray, que sempre utilizou-se de uma linguagem personalíssima, inconfundível, mantém-se fiel aos casarios que emergem da memória, às paisagens sugeridas pela

intimidade com a natureza e seus mistérios e disso resulta aquilo que Clarival do Prado Valadares definiu como **criação artística referencialmente do local, mas em termos de pintura universal do homem erudito e** fez Antônio Bento classificá-lo como pintor representativo da cultura plástica do Nordeste brasileiro.

Por ocasião dos cinqüenta anos de arte de Dorian Gray, deve-se saudar, junto com a realização extraordinária de uma medida personalíssima de forma e conteúdo, aquela comovedora e definitiva do artista que ignora voluntariamente o fascínio de exotismos aliciadores para permanecer coerentemente poeta de sua terra, de seu povo, de sua paisagem física e humana. Deve-se saudar a condição essencial do artista que representa, em qualquer latitude, a áspera e doce condição de ser do Rio Grande do Norte, de amá-lo e de ser, por ele, amado.

(*) Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e do Conselho Estadual de Cultura.

SAUDAÇÃO A DORIAN GRAY

Luís Carlos Guimarães

A Fundação José Augusto faz a festa da noite de hoje para homenagear Dorian Gray Caldas, nos 50 anos de sua arte. Arte tão espontânea, tão afirmativa, tão flagrante, tão carregada de verdade e merecimento, que dispensaria a homenagem. Mas se é freqüente na sociedade as falsas louvações tantas vezes ao fútil, ao banal, ao imerecido, por uma obrigação de justiça façamos uma homenagem ao real verdadeiro.

Quero neste momento dizer da amizade e da admiração por Dorian Gray Caldas, o artista de maior expressão do Estado no século que passou e também no que começa, que muito tempo lhe resta, e lhe sobrando vida significará atividade constante para quem, tão em plenitude, continua na construção de uma obra que a história guardará no seu devido lugar. A esse trabalhador braçal da pintura, da escultura e da tapeçaria, que está comemorando 50 anos de labor criativo, numa doação à arte que soma milhares de peças espalhadas pelo mundo.

Acrescenta-se ao artista múltiplo a graça da poesia, este fogo sagrado que, ao invés de consumir, vivifica, amplia os horizontes, e sempre recomeça como o mar de Paul Valery, e no curso de suas estações só conhece a primavera. Todo artista, por natureza, busca a poesia na realização de seu trabalho. E que dizer de Dorian Gray que, por um dom de eleição, é pintor, e numa conjugação de maravilhamento sendo pintor é poeta, e sendo poeta é pintor, na elaboração de uma interminável tapeçaria em que, fio a fio, minuto a minuto, a beleza se manifesta como dádiva que nunca se exaure.

Comprometido com a vida, Dorian Gray vive o seu tempo e jamais foi um pintor circunscrito a determinados temas. Seus quadros, tapetes e esculturas abarcam o mundo, desde o registro de nossa história até ao pintar o rio Potengi matizado de cambiâncias crepusculares. E também o humilde e rude pescador, como também, à janela cega e anoitecida, uma mulher que se debruça com um olhar de tristeza na rua vazia de transeuntes.

Na sua galeria de retratos sobressaem seu pai e sua mãe, à distância antiga de uma época passada, e tantas outras figuras do mais anônimo cotidiano. O casario à beira-rio e engenhos onde vibram verdes tão ardentes como aqueles que certamente emolduravam o paraíso. E as paisagens que somente habitam o coração de um poeta. Enfim, uma infinidade de temas que fulguram em cores nas telas, como se brotassem, em jorro, de uma fonte imperecível. Entretanto, Dorian é, também, um pintor de marinhas da mesma linhagem do genial Panceti, hoje um pouco esquecido, e talvez até o supere, tal é a sua celebração do mar retratado em quase um milhar de telas.

O mar está presente na sua obra como o ar que se respira numa fruição ininterrupta de alumbrado encantamento. O mar separado do céu pela linha do horizonte, na vizinhança de despojadas dunas brancas ou vestidas de um verde de gritante exuberância. O mar apaziguado na fímbria de espumas que estertoram com as ondas até a praia, ou sereno reflete a claridade esvaída do entardecer ou alucinadamente azul espalha o desespero luminoso do meio-dia. O mar nos seus desdobramentos de beleza pulsando no coração e na alma do artista Dorian Gray, com a intensidade calorosa da entrega, como se ele o pintasse com o seu próprio sangue transformado em cores.

Essa doação está em todos os estágios de sua arte – seja o pintor, o tapeceiro, o escultor e também o poeta, do qual, de forma específica, não falaremos agora, já que a homenagem vai para os cinqüenta anos de sua arte, aquela que é construída com a sabedoria de suas mãos, porém reconheçamos que estamos falando essencialmente da poesia que não é feita com palavras, mas aquela que, pelo caminho do olhar, chega ao coração e ao pensamento, e assim, instigada pela emoção, num círculo vicioso, recorrente, pela sua beleza e transcendência, aceitamos e reconhecemos pelo arrebatamento que fala pela voz das cores e das formas.

De fundas raízes na nossa realidade, a arte de Dorian Gray é a um só tempo nordestina e universal. Um destaque na sua obra são os tapetes de grandes dimensões: um deles está aqui. Na maioria retrata temas da região, entretanto, a denúncia de dor e sofrimento comuns a situações que ainda envergonham

o Nordeste é suavizada pelo lúdico e o onírico no tratamento dado aos temas. Sua arte é universal pela compreensão e sopro de humanidade que as percorrem, pelo toque pessoal que revela um estilo, pelo domínio da técnica, pela utilização mágica das cores e um apurado sentido de composição. De tudo aquilo que assinala a condição do verdadeiro artista em qualquer latitude.

Concluindo, chamo aos que aqui estão, e que tem olhos de ver com sensibilidade, para receberem a arte de Dorian Gray Caldas.

(*) Discurso pronunciado por ocasião da abertura de exposição do artista, no Palácio da Cultura, Natal.

MAR DE TINTA

*Marcos Silva**

"Por mares nunca de antes navegados."
(Luís de Camões, *Os Lusíadas*)

"Et dès lors, je me suis baigné dans le Poème
De la mer, infusé d'astres, et lactescent,
Dévorant les azurs verts; où, flottaison blême,
Et ravie, un noyé pensif parfois descend;"
(Arthur Rimbaud, "Le Bateau Ivre")

Há um famoso episódio na biografia artística de Wassily Kandinsky, introdutor da pintura abstrata no ocidente moderno: no final da primeira década do século XX, ainda hesitante entre ecos de um Impressionismo tardio e o impacto do Cubismo, do Expressionismo e do Fauvismo que nasciam, ele viu um de seus quadros (uma paisagem) virado de cabeça para baixo; a partir da reflexão sobre esse acontecimento, o artista russo começou a produzir os primeiros trabalhos da modernidade plástica européia que não dependiam de referenciais explícitos do mundo extra-quadro – paisagens, fisionomias, História, Mitologia, Religião, adereços domésticos (naturezas mortas), cenas de costumes, cotidiano da sobrevivência, etc.

Certamente, antes desse evento, outros pintores viram suas obras fora da posição "correta" em que foram feitas e na qual deveriam ser apreciadas pelo público, sem que isso provocasse qualquer mudança na linguagem pictórica. As conseqüências daquele deslocamento específico foram outras porque, considerando-o muito mais que acidente ou desvio para o irracional, Kandinsky desenvolveu uma série de articulações entre a perda ou a diminuição do tema direto e alguns percursos, então recentes, da plástica moderna.

* Professor da USP e Escritor

Uma paisagem virada de ponta cabeça tem, momentaneamente, misturados seus componentes temáticos mais imediatos, possibilitando apreender uma mancha plasti-camente estruturante: o céu parece se metamorfosear em base da imagem, montanhas ou rios se constituem em massas de cor, o chão se transforma em parte superior de tudo, os planos mais distantes e os mais próximos se invertem...[1]

Junto com essa aparente confusão, emerge uma intensa consciência do trabalho desenvolvido: o artista se esforçou para transformar a superfície da tela, originalmente plana e branca, e as tintas, antes aprisionadas em tubos ou bastões, num acontecimento visual. Para tanto, explorou poeticamente tons, contrastes, harmonias e tensões no ato de ver e fazer o mundo. A arte, ao invés de se colocar diante de um mundo que lhe é externo, configura-se como atividade que também faz o mundo e se faz como parte desse mundo.

Embora Kandinsky tenha analisado tal fazer em termos de espiritualidade[2], é impossível negar sua contribuição para uma maior consciência das artes visuais como trabalho humano com matérias próprias (pontos, linhas e planos). Isso se manifestaria teoricamente em etapa posterior - princi-palmente, desde 1922, nos seus cursos na Bauhaus[3]. A partir dessa conquista, toda a História das artes visuais (inclusive, a pretérita) podia ser encarada como constituição de pensamento visual[4]

Essa nascente pintura abstrata possuía uma histori-cidade artística palpável. Ela conduzia a conseqüências mais radicais os abalos que o referencial temático sofrera com a luz e a cor impressionistas (transformadas, nos anos 70 do século XIX, em referenciais mais importantes), com a evidência do múltiplo arbitrário na definição de planos, de Cézanne aos cubistas, e com a transfiguração plástica da tensão emocional por Van Gogh,

---

[1] A afirmação é válida também, com as devidas adaptações, para outros gêneros tradicionais da pintura – retrato, natureza morta, etc.

[2] KANDINSKY, Wassily – *O espiritual na arte*. Tradução de Álvaro Cabral e Antonio de Pádua. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

[3] IDEM – *Ponto e linha sobre plano*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

[4] Sem fazer essa discussão sobre Kandinsky, um livro de Rudolf Arnheim oferece excelentes pistas para temas aqui evocados:
ARNHEIM, Rudolf – *El pensamiento visual*. Tradução de Ruben Masera. Buenos Aires: Eudeba, 1971.

Munch e os expressionistas. Nesse universo, os céus de Van Gogh se constituíam em planos dramáticos, as águas de Monet se elaboravam como planos de luz e cor e as montanhas e árvores de Cézanne nasciam de uma infinidade de planos em construção.

Foram diferentes caminhos para a crítica do olhar que monopolizava a organização da imagem, de acordo com os cânones renascentistas, e que alguns de seus maiores autores (Da Vinci, Michelangelo e, nos séculos seguintes, El Greco, Velásquez, Rembrandt e Goya, dentre outros) já colocavam em crise[5].

Num plano mais geral dessa experiência histórica, cabe lembrar que o moderno pensamento visual celebrava uma renovação permanente da linguagem, num certo paralelismo com a arrogância da burguesia triunfante, na passagem do século XIX para o século XX. Essa atitude era partilhada, inclusive, pela social-democracia, em sua cega confiança no futuro[6].

Ao mesmo tempo, a modernidade plástica criticava indiretamente os termos da ideologia dominante ao desequilibrar aquele monopólio do olhar e suas significações supostamente indiscutíveis, impedindo a redução do artístico à condição de duplo da natureza ou de mundo naturalizado, tornando visível um mundo como problema[7].

É necessário evocar essa historicidade do pensa-mento visual moderno para evitar a tola oposição excludente entre abstratos e figurativos, que perde de vista produções de artistas como Klee, Miró, Moore, Morandi e, antes deles, Picasso e Matisse, produtores de figuras altamente problematizadas, associadas à concepção do quadro como objeto e à consciência da superfície, tópicos muito explorados pela colagem cubista[8].

---

[5] Antes (mas perto) da invenção impressionista, o poeta e crítico Baudelaire entendeu quadros de Delacroix como acontecimentos de cor:
BAUDELAIRE, Charles – *Curiosités esthétiques*. Lausanne: Éditions de l'oeil, 1956.

[6] BENJAMIN, Walter – "Sobre o conceito de História", in: *Magia e técnica, arte e política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 222/232.

[7] Comentando Pollock, posterior a esse momento, Naves rejeitou a interpretação subjetivista de sua obra, que desagua numa interioridade como resposta linear aos conflitos do mundo. Salientou, pelo contrário, a impossibilidade de preservar os pólos sujeito/mundo como opostos e externos um ao outro, impossibilidade trabalhada pelo artista estadunidense.
NAVES, Rodrigo - "Jackson Pollock: o mar e a água-viva". *Folhetim*, Suplemento do jornal Folha de São Paulo. São Paulo: 3 de julho de 1987.

[8] Escultor, Moore se particulariza nesse grupo mas seu diálogo com a obra de Picasso é perceptível.

Um desdobramento posterior dessas questões se manifestou na reescrita das categorias analíticas clássicas sobre a imagem (plano, composição, dinâmica e claro-escuro), como se observaria nos planos virtuais e na simetria de Mondrian, nas camadas de tinta de Pollock, transformadas em planos imediatamente palpáveis, e na importância central da dinâmica para a *"Suite Boogie-Woogie"*, do primeiro, e a *action painting*, do outro.

A moderna visualidade brasileira manifestou algumas particularidades no trato com essas questões, evidenciando o específico de sua historicidade. Uma primeiríssima geração, nos anos 10 e 20 do século XX, dialogou brilhantemente com problemas do Expressionismo (Anita Malfatti), do Cubismo (Tarsila do Amaral) e do Surrealismo (Ismael Nery). O grupo hegemônico subseqüente, dos anos 30 a 50, embora dotado de qualidades técnicas e poéticas, tendeu a se exceder na ênfase atribuída a referenciais de teor nacional, traço identificável em Portinari, Di Cavalcanti e, numa escala menor, em Segall. Nessa última etapa, a modernidade plástica, entre nós, se manteve mais densa em autores como Guignard e Goeldi, depois sucedidos pelos que começaram a romper com o projeto modernista, casos de Volpi, Iberê Camargo, Lygia Clark e Hélio Oiticica[9].

Portinari, referência nacional naquele segundo período, foi representativo de uma moderação, cada vez mais oficial, da moderna visualidade brasileira. Ele atendeu a encomendas privadas (retratos das elites carioca e paulista) e governamentais (do retrato oficial de Vargas aos painéis e murais sobre História e à ênfase no tema do trabalho)[10]. Formação acadêmica[11],

---

[9] Também nos anos 60 do século XX, a *pop-art* do Brasil, diante da ditadura militar em ascensão, assumiu características críticas e políticas que a tornariam irreconhecível para os exegetas norte-americanos daquela tradição.

[10] BENTO, Antonio – *Portinari*. São Paulo: Léo Christiano, 1980.
Fabris salienta diferenças entre as concepções de trabalho próprias ao Estado Novo e o tema na obra de Portinari. Suas análises são bem fundamentadas mas não levam em conta que o pintor, afinal, participou ativamente da consolidação do assunto no universo ideológico daquele período, correspondendo a demandas do regime, que lhe fez encomendas. FABRIS, Ana Teresa - *Portinari, pintor social*. São Paulo: Perspectiva/ SECSP/EDUSP, 1990 (Estudos – 112). A respeito da solicitação privada de retratos a Portinari, ver: MICELI, Sérgio – *Imagens negociadas – Retratos da elite brasileira (1920/ 1940)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

[11] Uso esse adjetivo e seus derivados com o sentido que lhe foi atribuído pelos modernos: associado às Academias de Belas Artes.

virtuosismo técnico e ecletismo estilístico funcionavam, para muitos de seus admiradores, como justificativas do moderno nesse artista: fazia aquilo porque *"queria"*, uma vez que "sabia" as regras *"certas"*[12]. Tais argumentos misturavam ignorância a ingenuidade: Qual artista moderno prescindira de estudo rigoroso, sem se prender necessariamente às Academias de Belas Artes? Antes dos impressionistas, a luz de El Greco e a anatomia de Ingres eram erros, em relação às regras acadêmicas, ou grandes acertos, como descobertas estéticas?

Newton Navarro e Dorian Gray Caldas, inventores da modernidade plástica no Rio Grande do Norte desde fins dos anos 40, sofreram o influxo moderador e tardo-acadêmico dessa segunda geração moderna brasileira, reforçado pelo argumento regionalista. Isso se manifestou especialmente no campo temático explorado por ambos (folclore, paisagem, fauna e flora, cenas de trabalho, costumes, História) e num virtuosismo que desem-penhava aquela função de prova de competência, apontada em Portinari.

Se esse saber é óbvio, tornando redundante a necessidade de provar qualquer coisa, ele contribui para desfazer o freqüente equívoco sobre um caráter supostamente auto-didata da produção moderna norte-rio-grandense. Embora Newton e Dorian não tenham cursado formalmente Belas Artes, o primeiro estudou em Recife (com Lula Cardoso Ayres) e Rio de Janeiro (com Goeldi)[13]. Ambos analisaram, na prática da produção e com afinco, a História da plástica ocidental, refletindo sobre Picasso, Matisse, Rouault e Chagall, dentre outros importantes nomes do século XX. Desenvolveram, por fim, um trabalho sistemático para a definição de poéticas próprias, mais aprofundadas no desenho, por Newton, e na pintura, por Dorian.

A pintura de Dorian Gray Caldas é marcada pelo ecletismo de estilo, inclusive num mesmo momento de produção, que sugere

---

[12] Sobre adeptos e adversários desse artista nos anos 30 e 40 ("portinarismo" e "anti-portinarismo"), ver:
ALMEIDA, Paulo M. de - *De Anita ao Museu*. São Paulo, Perspectiva, 1976 (Debates – 133).

[13] "Um depoimento inédito de Newton Navarro". Entrevista concedida a José Sebastião Witter et al., no Museu da Imagem e do Som de São Paulo, 25 de junho de 1982. Apresentação, revisão de texto e edição de Marcos Silva; transcrição por José Hermes Martins Pereira. Digitado, inédito, 28 fls.

busca de poéticas e atendimento a diferentes demandas – colecionismo privado, encomendas de governo, associações patronais ou empresas, ilustrações para livros e periódicos, etc.

No começo, sua forte definição de figuras, quase submetendo o pintar ao traço preliminar do desenho, se mesclou com um escalonamento de planos acentuadamente geométrico, introduzindo padrões de quadriculamento do espaço que marcariam parte dessa produção até à maturidade.

Num quadro de 1953, por exemplo, essa geome-trização dos planos foi muito mais enfatizada que a figura feminina tematizada, em possível diálogo com Mary Vieira e Milton Dacosta[14], estabelecendo uma tensão entre o fazer do artista e sua posterior decodificação, colocando esse último ato como necessidade de quem vê o trabalho plástico.

No mesmo ano em que abordou esse universo geome-trizante, Dorian também explorou uma dramaticidade de sabor expressionista, em paisagem com um vasto primeiro plano ocupado pelo solo e um ritmo de composição definido tematicamente por postes de rua, evocando a poética de Goeldi.

É ainda de 1953 uma imagem que evidencia o atento observador das naturezas mortas de Bracque e Morandi, capaz de lhes contrapor respostas.

Nesses três exemplos, o cuidado com o geométrico e o expressivo teve como fundamento a percepção de tensas relações entre figura e fundo, que não é alheia às discussões da arte moderna a partir da Psicologia da gestalt[15]. Daí, uma rugosidade ou uma tonalidade do solo ou do céu pintados assumirem tanta importância na cena plástica quanto fisionomias e gestualidades de personagens.

Parte significativa da produção de Dorian Gray Caldas nos anos 60 e 70 explorou núcleos de personagens na paisagem (pescadores, dançarinos de bumba-meu-boi, lavadeiras, casario, barcos, etc.), em planos que, freqüentemente, eram espaços de

---

[14] A evocação desses e de outros nomes sublinha o processo cotidiano de qualquer artista erudito, como Dorian: refletir sobre a produção de seus maiores. Não foi outro o sentido das releituras de Rembrandt, Velásquez, Goya e Manet por Picasso ou das apropriações do último (notadamente, das soluções de "Guernica") pela série bíblica de Portinari – nesse último caso, com resultados muito frágeis.

[15] PEDROSA, Mário – *Arte, forma e personalidade*. São Paulo: Kairós, 1979.

luz projetada ou refletida. É um universo visual que se repetiria em muitas de suas posteriores tapeçarias - desprovidas, todavia, do trabalho cromático próprio à pintura. Aquelas obras realizaram ocasionalmente incursões experimentais em termos de matéria (uma paisagem com recortes de tecidos colados, unidos pelo desenho e pelos tons de cor) e composição (outra paisagem com planos em diagonal, que se cruzam, aprofundando a tensão entre figura e fundo).

O trabalho pictórico de Dorian com vastas áreas de solo, água e céu preparou o caminho para a realização das marinhas mais recentes. Produzidas na maturidade etária do artista, elas realizam um balanço de suas conquistas como pintor, projetando-as poeticamente para novas possibilidades e convivendo com uma produção mais anedótica, de painéis (Assembléia Legislativa do RN e Aeroporto de Natal, dentre outros) e ilustrações (jornal *O Galo* e múltiplos livros).

O anedótico de painéis e ilustrações conduz a certa dispersão visual, submetendo a imagem aos temas e, em muitos casos, desdobrando uma cena em etapas narrativas ou descritivas, não necessariamente plásticas. As marinhas, em contrapartida, se caracterizam pela concentração informativa, inseparável do percurso de pincéis e tintas, constituindo-se através de acontecimentos que dependem da consistência do óleo, da resistência do suporte (tela, cartão) e da ação de olhos e mãos do artista. Embora Dorian trabalhe com planos e luzes, como o fez ao longo de todo seu percurso artístico, a pasta da tinta é apresentada nessas pinturas em permanente diálogo com a matéria líquida que lhe serve de referencial, impregnando outras materialidades representadas na cena – areia, pedras, flora, céu. Nesses termos, tais pinturas assumem a condição de um significante muito especial: um mar de tinta.

As marinhas de Dorian podem ser encaradas sob ângulos da temática regional ou como adereço decorativo, abordagens legítimas - talvez menores. Mais que isso, vale salientar o trabalho visual com o tempo que tais pinturas realizam, estabelecendo uma peculiar dialética entre o ato e sua finitude, por um lado, e o produto de beleza, projetado para a permanência, por outro. Dessa forma, o artista relaciona o instante da pincelada à persistência da obra, enlaçando o agora e a memória, a aparente infinitude do

referencial, em seu eterno retorno, e sua finalização na prática humana e nos limites da pintura.

Essas características das marinhas de Dorian fazem pensar sobre os incontáveis níveis de tematização próprios às artes visuais, presentes ao longo de sua História. A "Tempestade sobre Toledo", de El Greco, por exemplo, apresenta uma cena da natureza e da História como reflexão visual sobre o homem no cosmos: A cidade resistirá? Até quando seus moradores estarão vivos? O olho de Deus é também ameaçador raio?[16] A pintura abstrata moderna, por sua vez, não é alheia a esse problema e encerra múltiplos temas.

Produzindo suas marinhas noventa anos depois da aventura criadora de Kandinsky e tantos séculos após El Greco, Dorian se beneficia de uma liberdade da pintura no século XX que pode até fazer pensar na perda de qualquer tema, mas remete para níveis temáticos específicos[17]. Se colocarmos uma dessas marinhas de cabeça para baixo, à maneira do episódio de Kandinsky antes narrado, o tema imediato da obra poderá diminuir mas o mar de tinta, como mancha estruturante da imagem, não se perderá. Nele, ainda será possível identificar a tendência do artista norte-rio-grandense a respeitar cores locais (água esverdeada, céu azulado, areia em tons de bege) e a indicação de pontos de fuga e linhas de perspectiva, através de sugestões de pedras ou flora. Ao mesmo tempo, cor local, pontos de fuga e perspectiva surgem como frutos do trabalho artístico, da vontade do pintor e de seus gestos.

Por ser de tinta, esse mar preserva um provocativo caráter de indagação: Que mar é ele? O que torna sua beleza diferente daquela que a natureza já oferece? Como seu tempo próprio se relaciona com o tempo de outras produções do mesmo autor –de sua pintura histórica, digamos?[18]

---

[16] Um antigo manual de estética marxista faz instigantes indagações sobre aquele quadro: FISCHER, Ernst – *Necessidade da arte: um interpretação marxista*. Tradução de Leandro Konder. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

[17] Na última década do século XX, o tema geral de uma bienal de Veneza foi o corpo, incluindo a obra de Pollock como exemplo privilegiado: seus grafismos foram adequadamente interpretados como percursos corporais do artista; o tema, portanto, não foi visto apenas como representação.

[18] Alguns exemplos dessa pintura histórica de Dorian estão reproduzidos no livro: CALDAS, Dorian Gray – *Canto heróico – Arte & texto*. Natal: EDUFRN/Assembléia Legislativa, 1999.

A primeira resposta engloba simultaneamente o registro de lugares específicos (praias do Rio Grande do Norte ou não) e um mar de ateliê, numa mistura entre mares interiores e exteriores. Sem dúvida, é um mar inventado artisticamente, para ser navegado pelos olhos, pensando visualmente problemas. Refletir sobre ele jamais escapa de abordar a própria condição humana.

Sua beleza é peculiar como fazer social, atividade de um artista específico. Daí, a responsabilidade do olhar e do gesto inaugurais, a serem recuperados pela visão do intérprete, que não se confunde com a cegueira de alguns colecio-nadores e investidores, alheios à sua propriedade como ato de ver o mundo – e, portanto, de se verem. Celebridades que visitam Natal e são presenteados com pinturas de Dorian (o economista e político Roberto Campos, em 1995, por exemplo) devem se sentir honrados e assustados: aquela beleza foi feita para se pensar; só é possível escapar de tal pensamento através de olhos escancaradamente fechados[19].

O tempo desse mar oscila entre o agora do fazer e ver, o passado da História da Arte – que não é solução, mas parte do problema – e a memória que se lança para o futuro. Daí, ele conter doses de ousadia que a pintura histórica de Dorian, em seus limites de lição cívica e louvor do estado[20], não pode percorrer. Se essa pintura histórica reafirma um tempo extra-quadro (ação heróica, personagens de exceção, momento de inflexão), o tempo das marinhas faz retomar o fazer humano diante do cosmos, à imagem e semelhança de Deus mas abandonado por Este na Terra, índice de fragilidade do homem e lembrança Daquele Deus, inescapável necessidade do primeiro se resolver através de seus próprios recursos.

---

[19] Cf. o título original do último filme de Stanley Kubrick (*Eyes wide shut*), lançado no Brasil como *De olhos bem fechados.*

[20] Em alguns trabalhos dos anos 20 a 40 do século XX, os muralistas mexicanos conseguiram reelaborar aspectos desse gênero plástico, sob o signo de paródia e elucidativos anacronismos:
SILVA, Marcos - "Uma perda de avessos – O povo na parede – Ciência, trabalho e revolução no muralismo mexicano". *Projeto História.* São Paulo, PUC, 21: 67/104, novembro de 2000.
Mais recentemente, os brasileiros Glauco Rodrigues e João Câmara Filho, num contexto histórico diverso, trilharam caminhos particulares da pintura histórica, como se observa em latrinas e logomarcas de multinacionais num retrato de Vargas e Dutra (Câmara Filho) e em soldados da Guerra do Paraguai nas ruas cariocas do século XX (Rodrigues).

O tempo que passa tem sido trabalhado por artistas, na virada do século XX para o XXI, através de matérias como flores que murcham, peça de linho aberta sobre mesa ou caminhão que circula com fardos de tecido colorido, dentre outras soluções, ampliando as poéticas visuais[21].

As marinhas de Dorian Gray Caldas superam um aparente caráter repetitivo desse gênero plástico e reafirmam a pintura como um dos suportes do pensamento visual contem-porâneo.

Natal/São Paulo, dezembro de 2000/janeiro de2001

[21] Os exemplos evocados são obras apresentadas em recentes bienais de São Paulo.

RETRATO (TRÊS POR QUATRO) DE DORIAN GRAY

*Manoel Onofre Jr.**

Seus quadros são disputados pelos colecionadores. Mas, no início de sua carreira, no longínquo 1950, a receptividade era gelo, quando não indignação. Vendo as estranhas formas e cores dos quadros de Dorian Gray, os visitantes do I Salão de Arte Moderna, realizado naquele ano, reagiam com um riso de mofa. "Quixotices de rapazes". Mal sabiam que estavam testemunhando o despertar da Arte Moderna em Natal.

Mas, apesar dos retrógrados, fizeram-se ouvir algumas vozes animadoras. O cronista Veríssimo de Melo disse em sua coluna de "A República": "Dorian é o mais moço de todos eles (Newton Navarro e Ivon Rodrigues, os outros) e nos parece o mais avançado para o abstracionismo. Olhando algumas de suas composições, e comparando-as com Portinari, temos a impressão que o famoso pintor, diante de Dorian, é o mais acadêmico dos artistas."

Dois anos depois, a reação do meio provinciano mostrava-se menos hostil. Grande parte daqueles que torciam a cara diante dos quadros cubistas, agora sentiam e compreendiam algo de sua mensagem. Dorian expunha, então, novos trabalhos sob patrocínio da "Revista de Letras", órgão em que colaborava como poeta e ilustrador. A revista publicava artigos em defesa da nova arte. No corpo de colaboradores encontravam-se nomes como Zila Mamede, Deífilo Gurgel, Luís Carlos Guimarães, Lenine Pinto, Luiz Rabelo, Protásio Melo, Aluizio Furtado de Mendonça, Veríssimo de Melo, Newton Navarro e outros também "novos". Na abertura da exposição aconteceu episódio que é relembrado por Dorian, com risos.Uma turma de rapazotes, passando casualmente pelo local da amostra, perguntou ao pintor se aquilo era os cartazes do circo.

O sucesso alcançado deu-lhe a idéia de uma exposição no Rio, onde as possibilidades do meio artístico eram cem vezes mais amplas do que na província. Tal exposição não se realizou.

Em entrevista concedida à "Revista de Letras", Dorian dizia a respeito da planejada viagem ao sul: "Pretendo expor, lá, vários quadros. Quantos? – Duzentos. Se possível, mais." Era entusiasmo de sobra.

No ano seguinte, nova exposição, em conjunto com Newton Navarro. Esta teve lugar - na falta de galeria apropriada - no centro da Divina Providência. Nesse tempo as incompreensões ainda estouravam, de vez em quando, em torno dos artistas e sua arte. Certo cronista social chegou a sugerir que a diretoria do Clube América destruísse os murais de Dorian, que ornamentavam as paredes internas da boate. Na opinião do ilustre fofoqueiro, eram feios demais.

Mas, de modo geral, a exposição foi sucesso. Presença do mundo intelectual e autoridades. Ampla publicidade nos jornais e rádios. Mais uma vitória para a nova arte.

Em 1956, realizando curso no Rio, Dorian aprendeu os mil e um segredos da cerâmica. De volta a Natal, realizou exposição, apresentando vários trabalhos da nova experiência. Foi no hall da Loja Maçônica "21 de Março". Concedeu entrevista à "Revista de Letras", referindo-se a assuntos de arte e literatura, cujas opiniões não mudaram – diz ele. "A boa poesia é eterna" – afirmava a respeito do concretismo. "Não vejo razão para divisões. As circunstâncias de tempo e forma não a contaminam. O concretismo, embora seja um desejo de dar cor e forma à poesia, não possui ainda realidade objetiva." Mais adiante, referindo-se à escultura: "O problema espacial encanta-me. É o velho segredo da esfinge. Ser permanência ou alma do tempo. Henry Moore e Mário Cravo são os escultores da minha predileção."

Chegou o ano de 1963. A convite do Diretor da Sociedade Cultural Brasil – Estados Unidos, Dorian expôs no hall daquela Casa seus peixes, barcos e barqueiros da nova fase. Novidades eram dois trabalhos escultóricos e algumas cerâmicas.

Na abertura da mostra, conta Dorian, sucedeu algo pitoresco. Newton Navarro, que devia fazer a apresentação, não chegou na hora. Resultado: o vereador José Guará, orador contumaz, salvou a situação, num improviso. Deu-se que, daí a pouco, Navarro chegou, de discurso no bolso. E o discurso era quase um poema feito da amizade que unia os dois pintores. Zangado, porque não haviam esperado por ele, retirou-se logo, e passou algum tempo "intrigado" com o seu velho companheiro.

Verdadeira consagração, a nova mostra, que se realizou no salão nobre do Palácio do Governo. A fina flor do **society** papa-jerimum, longe de hostilizar, como há alguns anos, soltava "oh! s" de admiração diante dos sobrados e casarões do artista.

Depois, Dorian é convidado pelo Rotary Clube, para fazer o monumento à Amizade, que se encontra na praça Rotary, em Petrópolis, Natal. Então, já havia esculpido a "Mãe", que foi colocada na Praça das Mães, ao lado do antigo prédio do Tribunal de Justiça, atual sede da **OAB – RN**.

Conheceu Vanda, sua esposa, em uma festa de igreja. Com pouco estavam casados. Hoje diz: "Namoro que começa em igreja, termina no altar". O repórter vai e acrescenta: "Termina em Dione". Esta é uma futura **miss**, 3 anos de idade, que fica mexendo nos instrumentos do pai, enquanto ele se absorve no trabalho de pintar, em seu estúdio dos fundos da casa. Mal sabe falar, mas já vai desenhando com os lápis coloridos da coleção que ganhou. Filha de peixe... Ela freqüenta a escolinha de arte infantil. Gosta mais de desenhar cobras.

Certa vez Dorian reproduzia um Cristo de Miguel Ângelo, mas não se mostrava muito seguro diante do seu trabalho. O

Cristo parecia-lhe demasiado forte e musculoso, mais guerreiro que místico. Pois, Dione chegou, viu o trabalho e disse: "Papai tá desenhando papai do céu". Dorian respirou, aliviado. Aquele era Cristo mesmo. Se Dione o reconhecera...

Dá os retoques finais num trabalho. Trata-se de uma cena de pescadores, quase monocrômica, cinzenta, as cores entram apenas para ligeiros efeitos. Não está usando tinta a óleo. "Não gosto, seca devagar, fica melando". Lá para as tantas, coloca a tela na parede e a observa, demoradamente. Vê-se que está satisfeito. Então apõe a assinatura. E grita:

– Vem ver, Vanda.

É sempre assim. Dona Vanda também faz as vezes de secretária e conselheira. Quando não gosta de um detalhe, diz. E Dorian quase sempre aceita suas ponderações. É ela quem arruma o atelier do pintor, pondo em ordem a enorme quantidade de quadros seus e de outros artistas natalenses. O atelier tem franco acervo para constituir-se em pequeno museu de arte. Quadros presenteados pelos autores. Na maioria gente nova. Sobre eles diz Dorian: "O movimento dos novos é válido e necessário, inclusive até com as distorções que eles às vezes cometem, por falta de conhecimento, ou por autodeterminação." Cita nomes: Carlos José, Jussier Magalhães, Iaperi.

Como uma coisa puxa a outra, a conversa descamba para a produção atual do pintor, e este diz: "Sou um viciado. As mesmas coisas que fazia há dez anos são as que faço hoje. O que mudou foi a técnica." E adianta: "Engajado na pintura expressionista não ortodoxa, adapto tudo aquilo que seja válido". Há alguma identificação entre a sua pintura e a de Navarro? Não. Mas revela-se grande admirador deste. "Das figuras que conheço, tem sido das mais coerentes, artística e humanamente".

A entrevista é interrompida por Dione, que vem pedir qualquer coisa ao pai. O repórter, então, despede-se. Já tem o retrato de Dorian Gray.

NOTA – Escrevi este "retrato" há anos. Publiquei-o, então, no jornal "Tribuna do Norte", de Natal, do qual era repórter. Faço-lhe agora algumas corrigendas, mas deixo-o com o seu ar de coisa circunstancial, jornalística.

Dorian Gray é o artista laborioso de sempre. Tornou-se, há algum tempo, também tapeceiro. Não pára. Conserva aquela vitalidade juvenil.

Dione ficou "no canto", nasceu um herdeiro vivo e inteligente. Ela é uma moça em flor, e poeta elogiada por quem sabe das coisas.

(*) Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

DORIAN GRAY, ARTISTA PRIMOROSO

*Jurandyr Navarro**

A Literatura e a Arte têm, no Rio Grande do Norte, expoentes que em nada ficam devendo aos intelectuais de outras geografias brasileiras. A Pintura tem florescido em nossa terra desde os primórdios do século que agoniza, aperfeiçoando-se notadamente nos derradeiros cinqüentas anos.

É que a onda modernista mais se agitou nesse último período histórico, premiando o nosso pequenino Estado com verdadeiros mestres das telas artísticas.

Entendo, embora leigo no assunto, ser a obra de arte concebida pela visão do seu criador, sofrendo metamorfose no decorrer das idades. Arte houve desde que o homem é homem, habitante do planeta. As inscrições rupestres estão grafadas nas rochas megalíticas das cavernas pré-históricas.

Tem sido o homem sempre o ser impressionado, cuja fagulha do seu espírito incendeia o seu entendimento, produzindo visões que são retratadas pelo pincel nervoso do artista.

Estilos artísticos marcaram épocas, em ordem cronológica, de um tempo a outro: o Bizantino, o Gótico, o da Renascença italiana, o Neo-clacissismo, o Barroco, o Impressionismo, o cubismo...

A mente inteligente e esclarecida de Dorian Gray Caldas absorveu o aprendizado dessas escolas históricas. E nessa atmosfera da sensibilidade viveu ele para tornar-se artista plástico dos mais conceituados da potiguarânea. Inúmeras suas exposições que mostram, em vivo relevo, sua arte criativa.

Hegel, no seu livro "O Belo na Arte", estabelece a diferença entre o belo artístico e o belo natural. Para ele o primeiro supera o segundo, elucidando que o belo artístico é um produto do espírito, comunicando a sua superioridade na sua manifestação; e, de conseqüência, na sua Arte.

E acrescenta: somente o espírito é verdade e somente enquanto espiritualidade existe.

O trabalho cultural de Dorian Gray provem do seu espírito arguto, fantasioso, imaginativo, sendo contemplativo somente no ato de reflexão.

Mesmo pintando um quadro na forma antiga, segundo a qual a arte seria uma imitação da natureza, defendida por Sêneca, Dorian o faz pintando-o com o matiz espiritual.

Fosse ele preparar uma tela adornada de motivos da arte cristã ele a faria, também, por símbolos, por exemplo: uma romã, simbolizaria a autoridade eclesial ou a castidade; a maçã, representaria a queda do homem no paraíso; a uva e a folha da videira, respectivamente, o sangue de Jesus e o vinho da Eucaristia; e, por fim, a cereja, imitando o céu crepuscular.

É a imaginação que gera a ação subjetiva criadora, induzida pela sensibilidade do artista de talento.

A inspiração é um estado d'alma. Brota ela do fremir da adrenalina urdida pelo subconsciente e despertada por sentimentos adormecidos.

Esse estado d'alma é permanente na pessoa do verdadeiro artista.

Dorian Gray é possuidor desse atributo imanente, nascido com ele, e imperativo da arte pela sutil sensibilidade do seu espírito superior.

É ele um dos expoentes máximos da nossa cultura artística.

Que o meio século da sua arte vitoriosa, sirva de parâmetro a outros amantes da bela arte embriagadora e sentimental.

Termino com a eloqüente frase de Pablo Picasso, considerado o maior artista do século XX e autor da célebre "Guernica":

"A arte é uma mentira que nos faz perceber a verdade".

Natal, outubro de 2000.

(*) Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

CINQÜENTENÁRIO DE DORIAN GRAY CALDAS

*Aluísio Azevedo**

O Rio Grande do Norte, representado pelo que há de mais expressivo nos seus meios culturais, sociais, políticos e da educação, comemorou, condignamente, neste ano 2000, final do século XX e do milênio, os 50 anos de atividades artísticas de Dorian Gray Caldas, uma das maiores personalidades que a nossa terra conheceu, como artista plástico, desenhista, pintor, escultor, poeta, ensaísta e autor de obras de tapeçaria.

Não será exagero de nossa parte, registrar, aqui, a seqüência de homenagens que Dorian Gray recebeu durante este ano, começando por aquela que a Universidade Federal do Rio Grande do Norte lhe prestou, vindo depois a da Academia Norte-rio-grandense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, do Conselho Estadual de Cultura e da Assembléia Legislativa do nosso Estado.

As maiores expressões das letras e das artes potiguares já tiveram a oportunidade de se manifestar a respeito de tão inolvidável personalidade, cada uma enfocando, em seu pronunciamento, as múltiplas atividades do nosso homenageado, ao mesmo tempo em que lhe davam, com justa razão, o merecido colorido.

De nossa parte, torna-se difícil encontrar palavras, que possam traduzir os sentimentos que emanam de nossa alma e de nosso coração, para saudar, exaltar e homenagear este incomparável homem de artes, que é Dorian Gray Caldas.

Iniciando suas atividades em 1950, ao lado de Newton Navarro e Ivon Rodrigues, com uma exposição, no Grande Ponto – Natal, durante estes 50 anos, ele vem marcando presença em todos os acontecimentos artísticos de nossa terra, com as suas belas produções, que são visitadas e elogiadas pelos amantes das belas artes.

É do romancista e imortal Machado de Assis, que foi o 1º Presidente da Academia Brasileira de Letras, esta citação: "*De todas as coisas humanas, a única que tem o seu fim, em si mesma,*

é a arte" e Graça Aranha, outro notável escritor arremata com estas palavras: " É na essência da arte, que está a própria arte". O pensador Fábio Luz completa esta seqüência de citações dizendo: "A alma do artista deve ser transparente e pura como o cristal". A meu ver, Dorian se enquadra, perfeitamente, com as expressões anteriormente registradas.

Brennand disse, certa vez: " *O verdadeiro artista deve* ***fabular***" e Dorian Gray não fez outra coisa, em sua vida artística, senão tornar presente em seus trabalhos essa magistral técnica da fabulação, dentro do grande universo de suas gravuras, monumentos, murais, painés, casario colonial, sobrados, marinhas, cerâmicas, tapeçarias e trabalhos a bico de pena.

Sabe-se que Dorian não apenas realizou exposições em nossa terra, mas, de modo especial, em várias cidades brasileiras e até no exterior, como por exemplo, nos Estados Unidos, na Argentina e na Europa. O seu nome já foi citado em Dicionários de Artes do Brasil e até na Revista Geográfica Universal de Munique, na Alemanha, atravessando, portanto, as fronteiras do nosso país, para se projetar mundialmente.

A respeito de seus livros publicados, a relação é tão grande que deixamos de fazer o seu registro, mas, no entanto, não poderíamos omitir o que escreveu o acadêmico Diógenes da Cunha Lima, Presidente da nossa Academia de Letras, na apresentação do livro "O Dias Lentos": "*derrama poesia em tudo que faz*".

Aprofundando nossa pesquisa sobre a sua vida e obra, encontramos algumas opiniões de personalidades, que transcrevemos, logo a seguir.

De Archidy Picado, de João Pessoa-PB: "*Dorian Gray desponta, ao lado de um Brennand e de um Gilvan Samico, como autêntico criador de uma realidade nordestina, típicamente brasileira, transformada pelo seu talento de poderosa expressividade*".

Do colunista de Artes Plásticas de São Paulo, José Geraldo Vieira: "*Sua arte não tem teor* ***engagé****, de documentos dos engenhos e vilas potiguares, mas está impregnada de densidades ecológicas e folclóricas, temática, essa, colhida e transfigurada com especial interesse paisagístico e exato senso plástico*".

O nosso eminente escritor, Peregrino Júnior, assim se expressou em 1968, no Rio de Janeiro: "*A melhor e a mais linda lembrança que trouxe de Natal foi o seu álbum de gravuras. Que bonita realização artística! Um belo documento do progresso cultural de nossa terra. Fiquei comovido e contente. Muito obrigado Dorian Gray. Seu álbum honra Natal e o Brasil*".

Este, é o homem que o Rio Grande do Norte exalta, ao ensejo do transcurso dos seus 50 anos de atividades artísticas e culturais, fato que motivou a nossa participação, através do presente trabalho, para a sua publicação nesta Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras, como homenagem ao imortal da mesma Academia, Dorian Gray Caldas, ocupante da Cadeira nº 09.

(*) Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

O PINCEL MÁGICO DE DORIAN GRAY CALDAS

*Getúlio Araújo**

"Do pincel mágico, a luz do divino
soma heranças da poética do povo".
Alice Spíndola

Dorian Gray Caldas nasceu na cidade do Natal-RN, em 1930. Pintor, tapeceiro, escultor, contista, ensaísta e poeta.

Desde cedo o artista potiguar teve pelas artes uma paixão especial, e faz jus à fama de que o Nordeste é um dos principais celeiros da cultura brasileira.

PAIXÃO PELOS CLÁSSICOS

Durante a sua adolescência, Dorian Gray contentou-se a admirar e estudar os gênios da pintura clássica: Leonardo da Vinci, Micheangelo, Rafael, Goya, Velasques e Donatello.

Em 1950, com Newton Navarro e Ivon Rodrigues participou do I Salão de Arte Moderna de Natal.

PINTOR-POETA

O primeiro contato que tive com a obra do consagrado pintor foi no início da década de oitenta, em viagem a Natal, gozando férias – o início de várias visitas à cidade e diversas viagens que passei a fazer anualmente levado pela admiração que suas pinturas haviam-me despertado.

Em um primeiro momento, suas telas são vistas como um mundo de fantasia, mas representam cenas e situações do cotidiano da cidade solarenga do mestre Luís da Câmara Cascudo. A figura humana está sempre presente no imaginário do artista. Muitas das figuras representam o povo simples, com as mãos, geralmente calosas pela labuta da sobrevivência.

Visitar o atelier de Dorian Gray, sente-se uma emoção que é participar de seu processo criativo.

O labor artístico desse excelente pintor, tem a marca dos grandes artistas, com uma linguagem pictórica própria e inconfundível.

ATÁVICO NORDESTINO

Apaixonado pela cidade do Natal, o atávico norte-rio-grandense, inteligente, de vasta e sólida cultura, talento polimorfo, estabelece uma espécie de catarse expressiva, não inflacionaria, cuja linha está à margem de cosméticas meramente esteticistas e de preocupações estafadas de pesquisa pela pesquisa, para abraçar fluxos proporcionais que resultam do vivido (o sonho) e do vivente (o homem e a própria pintura).

Inspirando-se na paisagem potiguar, Dorian nos transporta no seu próprio universo, onde o mar, o rio Potengi, o casario da rua Chile, os pescadores, apanhadores de algodão, cajus, bumba-meu-boi, traduzem esse élan espontâneo que emana de sua paisagem interior. Com uma técnica bem-elaborada dissimulada por detrás de grande simplicidade, ele traça e retraça o caminho paciente da conquista da universalidade.

Seus tapetes de colorido fauve, são disputados por colecionadores do Brasil e exterior. As pinturas que guardam tons pastéis, quase sempre paisagens, transmitem algo mais do que a simples reprodução da natureza, imprimem uma visão global de um artista, preocupado com o bucólico, lírico, onírico.

Como artista plástico participou de dezenas de exposições. Dentre estas, merecem destaque: I Salão de Arte Moderna em Natal (1950), Cerâmica, Pintura e Escultura — Loja 21 de março, em Natal (1956), Pintura na Galeria Berro d'Água, Rio de Janeiro (1967), O Rio Grande do Norte visto por seus artistas plásticos, Galeria Conviv'Art, UFRN (1985), Pintores Norte-Rio-Grandenses, na Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro (1987), Exposição Individual na Galeria Goeldi, Rio de janeiro (1967), Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco (1969), Hotel Nacional de Brasília (1969 e 1982). Em 1998, recebeu o Grande Prêmio de pintura, em Bruxelas-Bélgica.

RETROSPECTIVA DOS 50 ANOS

Comemora-se nesse mês de novembro, no Palácio da Cultura, em Natal, com o patrocínio da Fundação José Augusto, uma mega retrospectiva do artista: 5O ANOS DE ARTES PLÁSTICAS.

Referências críticas

O poeta Sanderson Negreiros assim o define: "Pintor de marinhas, é um dos que melhor neste país souberam ver, transfigurar, rever e modificar o grande mar – nordestino e do mundo".

Sobre o pintor-escritor, Brasigóis Felício, membro da Academia Goiana de Letras, escreveu: "Um carpinteiro da palavra e mestre da Arte Contemporânea nordestina".

O MITO MAIOR

"Mito ou não mito, Dorian Gray vai realizando, dia-a-dia, a sua obra de arte majestosa. Seus quadros, seus tapetes, suas marinhas (que belas!) estão por todos os edifícios públicos de Natal, noutros Estados e em museus estran-geiros. Em verdade, Dorian Gray é o maior trabalhador braçal da arte que a cidade conhece, estima e quer bem" – Veríssimo de Melo.

"O gravador dotado de extraordinário talento e dominando sua técnica com brilho e vigor, dá-nos as mais deliciosas imagens de nossa terra e da nossa gente — um panorama lírico do Rio Grande do Norte — suas terras, suas praias, suas doces paisagens, seu povo admirável" – Peregrino Júnior, membro da Academia Brasileira de Letras, Rio, 31/12/68.

A pintura de Dorian Gray sempre me impressionou por sua liberdade, sua imaginação insaciável. Ele é um grande mestre da pintura contemporânea, colocado a serviço da alegria de viver, que está longe do marasmo retido nos nossos corações.

Um grande artista, grande amigo e excepcional ser humano.

---

* Getúlio Araújo é médico e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

QUATRO DEPOIMENTOS

A Academia Norte-rio-grandense de Letras realizou sessão especial, em homenagem aos 50 anos de arte do acadêmico Dorian Gray Caldas. Na oportunidade, usaram da palavra vários acadêmicos. Dentre os depoimentos, então, prestados por escrito, transcrevemos os seguintes:

DORIAN GRAY

Construímos a nossa amizade, sob as sombras e a balaustrada do **Atheneu**. Tínhamos - ressalte-se, a forte aliança celebrada entre o sonho e o ideal. A poesia e a arte, para nós, simbolizaram, sempre, o sereno e irrenunciável rumo ao nosso comportamento de existência: a obstinação no trabalho e o incansável amor à arte de criar devotado. Por prolongadas horas, conversávamos sobre poesia; e pertencíamos a uma geração "quase ouro", na feliz conceituação do talento de Nilson Patriota. Sempre buscávamos o mar, e, por acharmos que a onda de música entende, nós dizíamos os nossos versos, sob os ventos, em harmonias, escorrendo na balaustrada do mirante de Petrópolis.

Erguia, Dorian, a sua voz, reproduzindo o seu verso, belo e denso, enquanto eu devolvia ao mar o meu Canto:

Das manhãs trazendo os brancos sons
Pões mensagens tão humanas
Em vôos de asas claras
De garças e gaivotas breves.

Mar das tardes em sol de verão,
Encerras cantando o mistério
Dos mortos em busca do longo repouso.

Mar dos marujos, mar dos tristes,
Mar do meu pai,
Mar que também é meu,
Mar sempre claro e brando...

Hoje, portanto, comemorando os seus 50 anos vitoriosos, de devoção e grandeza às artes plásticas e à poesia, louvo e felicito o amigo e irmão Dorian Gray Caldas.

Gilberto Avelino

Natal,19.10.2000.

Dorian Gray Caldas é o "trabalhador braçal da pintura, da escultura e da tapeçaria" – na mensagem essencial de Luís Carlos Guimarães.

Ei-lo, senhor do privilégio de cinqüenta anos de construção artística, com seu tempo, sua memória e a invenção de vida.

Tem-se nele um perfil bergsoniano - pela duração das coisas, interioridade do imemorial e nas suas diferenças.

Torna-se preciso repetir Lyotard, sendo Dorian Gray Caldas portador de uma realidade positiva:

> ..."conseguir descrever a paisagem. A cor é propícia a essa desmobilização do olhar".

Significa o próprio "desafio da pintura: fazer ver a presença". Que serve de ponto de encontro da paisagem e do rosto estilizados, diante de sua representação.

"Por que pintar? Bastaria escrever". O pintor e o poeta revelam uma combinação exitosa de Dorian Gray Caldas, em suas ações recriadoras.

O escultor e o artesão de fino lavor convivem – em formas e aspectos matizados – na harmonia dos traços característicos de sua personalidade.

Minha saudação cordial a Dorian Gray Caldas, no reconhecimento dos méritos assinalados no companheiro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

João Batista Cascudo Rodrigues

Brasília, 19.10.2000.

Desde o alvorecer de minha atividade jornalística, já distante vai o tempo, quase quatro décadas, que exalto esse servidor e maestro das artes que se chama Dorian Gray Caldas.

Pintor e escritor múltiplo, artesão pleno, poeta plural, construtor de uma obra significativa e imortal. São raros os que se fazem paradigmáticos, como ele.

Dorian é exemplo enriquecedor do padrão artístico de elevada qualidade em nosso Estado. De produção laboriosa e marcante, seja no ambiente norte-rio-grandense, seja no quadrante nordestino ou horizonte nacional.

Artista, poeta e escritor, sua trajetória evidencia sinais identificadores com a nossa Academia de Letras, centro emissor da inteligência e da cultura de nossa terra.

Imensurável é o júbilo espiritual que esta nossa Província lhe oferece em instante tão auspicioso.

O que dizer mais a Dorian? Que o seu talento me ilumina; que a sua arte me sensibiliza; que a sua contribuição às artes e à cultura enaltece o Rio Grande do Norte e o Brasil! O abraço de

Paulo Macêdo.

DORIAN GRAY

Conheço Dorian Gray de longa data, desde quando ainda rapazinho, se iniciava nas artes plásticas, a mostrar o seu talento nato, talvez herdado de sua mãe – D. Ninfa, também uma artista.

Há um laço de parentesco entre nós, pois meu marido – Nélson Montenegro – também era Caldas, pelo lado paterno. Caldas é sinônimo de cultura e fidalguia, pois na família há verdadeiros gênios como João Lins Caldas e Zaíra Caldas, sua irmã.

Quando fiz minhas Bodas de Ouro, tive o privilégio de receber de Dorian um lindo desenho simbólico, de grande expressão artística, que usei nos cartões de lembranças das bodas. Ainda me presenteou com expressivas gravuras para o meu livro A Piabinha Encantada e Outras Histórias, editado pelo

MEC e que à minha revelia, não as usou no livro. Fiquei revoltada, uma vez que os desenhos de Dorian, eram muito superiores às que aparecem no livro.

A arte de Dorian é universal, o seu traço é incon-fundível e abrange várias etapas de sua carreira com marinhas, folclore, paisagens, criações geométricas e que tanto encantam o público.

Dorian Gray não é apenas um pintor famoso no Brasil e no exterior, trabalha e cria desenhos espetaculares nas tapeçarias. Há painéis seus em vários países.

Dorian é um artista eclético. Não trabalha apenas com a tinta e o pincel, a agulha e a linha. Brilha também como poeta e escritor, com livros publicados de poesia e prosas. Escreve , faz palestras mostrando seu estilo clássico.

Como amigo, um fidalgo. Tem sangue azul nas veias e sua aparência, circunspeto, cabelos brancos é realmente de um nobre. Onde está, brilha, tudo isto dentro de uma simplicidade que só os verdadeiros artistas possuem.

Assim é Dorian Gray e eu me orgulho de ser sua amiga e confreira na Academia Norte-Riograndense de Letras.

Maria Eugênia Montenegro

Natal, 24.10.2000

DOIS TEMAS DE DORIAN NA BIBLIOGRAFIA MOSSOROENSE

Vingt-un Rosado

Cronologicamente, data de 1993 o estudo da poesia de Almino Afonso, análise notável deste Dorian Gray Caldas, autêntico homem da renascença.

Vejam em quantos territórios da Inteligência andou este mago da sensibilidade artística: pintura, tapeçaria, escultura, poesia.

Em 1981 Dorian já havia sido tocado pela saga de Mossoró, ao escrever "*O Ataque de Lampião a Mossoró*", mas a Coleção Mossoroense só recebeu a honrosa provocação para publicá-lo em 1990.

Em 1981, o Presidente da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte, Carlos Augusto de Souza Rosado, convidou-o para realizar um mural sobre a chegada de Lampião a Mossoró.

Mas, anteriormente, nos anos 50, Luís da Câmara Cascudo já lhe pedira para pintar um cangaceiro, na porta de sua biblioteca para guardá-la.

Fato que ele destaca como tendo marcado definitivamente a sua carreira.

A escrita poética de Dorian é do mais alto nível, tanto quanto os sete bicos-de-pena, que quero preservar, atendendo ao convite de Manoel Onofre Júnior.

O título de Dorian já estava de há muito esgotado.

Mossoró lhe deve ainda a síntese que ele fez ao seu povo, proclamando-o "ordeiro, brioso e valente".

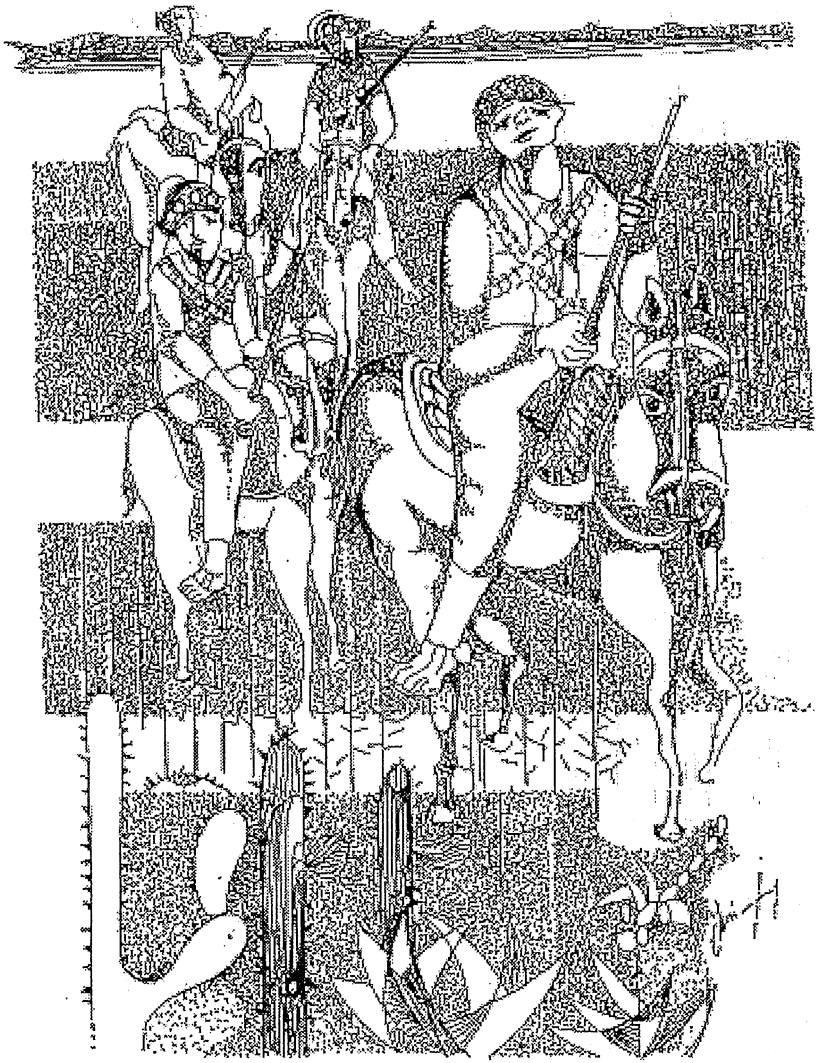
Santa Luzia do Mossoró, 12 de março de 2001.

Dorian Gray Caldas

O Ataque de Lampião a Mossoró

Preparação do ataque

Bate o sino
da Matriz.
Cangaceiros
vão chegando
pelo atalho.
Já venceram
a caatinga
flor de espinhos
e xiquexique.
A trote largo
vão chegando,
bandeirantes
sem bandeiras
itinerantes
sem rumos
cascavel
entre o lajedo.
Cangaceiros
vão chegando
pelo atalho.
Já venceram
serra e monte
légua e pó
pelos caminhos,
contra os muros
da cidade
as mãos nas armas
apontadas
os dedos
nos seus gatilhos,
os cangaceiros
vêm vindo
para transpor
os domínios
de defesa permanente
da cidade de Mossoró.



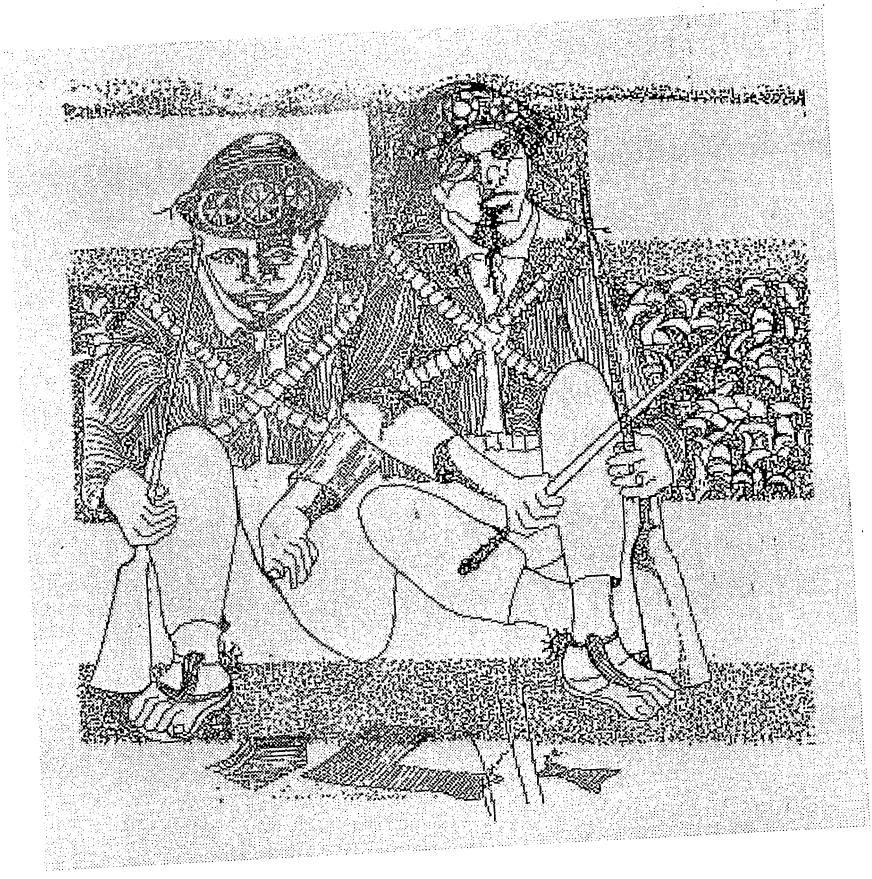
Cangaceiros arranchados

Cangaceiros conversando
fazem planos
de tomar
de uma só vez
casa, igreja, armazém
com tudo o que têm direito
aos quatrocentos
contos de reis
do pedido pelo acerto.

Com armas e munições
sem medo de advertências
instigado por Massilon
Lampião decide tomar
a Princesa do Oeste
a cidade de Mossoró.

Convidaram Jararaca
Sabino veio de graça
e tomaram a direção
da cidade de Apodi
preparação e sinal
do que pode acontecer
se Mossoró resistir.

No tropel dos seus cavalos
pelos negros canos das armas
pelas armas apontadas
pela ponta de suas facas
vão chegando os cangaceiros.



Aqui fala-se da morte de um informante a caminho de Mossoró

Seu grito fica no ar
na hora de o matar
com sete punhais de aço
sete facadas fatais
sete punhos de punhais
sete mortes matadas
na hora de o matar;
sete vidas comprometidas
pelas sete pragas
na hora de se passar.
Desgraças e maldições
até a sétima geração.
Os punhais vão ser lavados
da bainha ao fio do corte
pra tirar nódoa de sangue
e apagar a mancha
que o sangue marca
na faca
na marca que fica no homem.

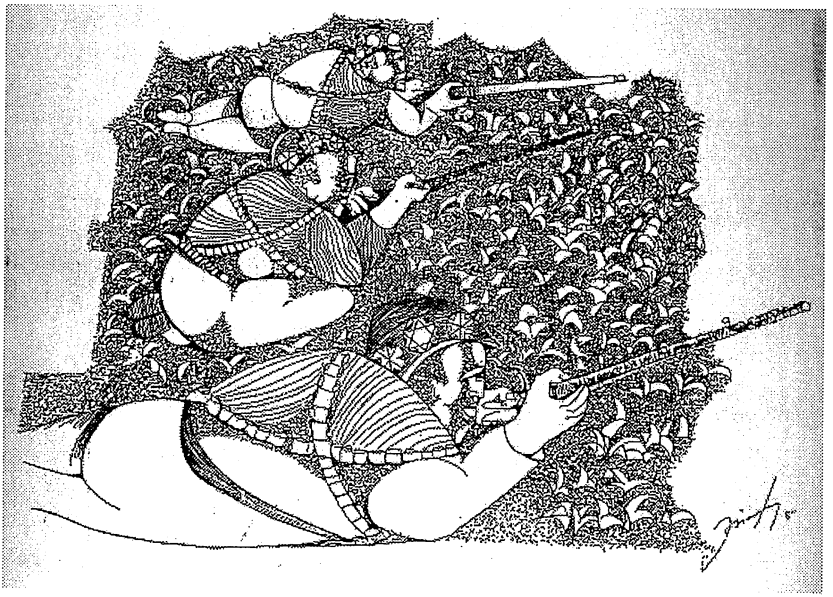
Conversa de cangaceiros

Virgolino:
Vim da vida
vim da morte.
Fiz meu nome
por mim mesmo.
As marcas no meu fuzil
da ponta da faca
mostram no corte
minha sorte.

Fui meeiro, plantador,
capataz, agricultor,
semeei, madruguei,
fui grão, suor e enxada.
Hoje sou Lampião
cangaceiro e matador
nas trilhas deste sertão.

Massilon:

Da mesma sorte partilho
mas até hoje ainda estou vivo.



Virgolino

Fui meeiro, plantador
fui vaqueiro e morador
nas terras do meu sertão.
De poucas letras sabido
sei porém mandar recado
com o meu nome assinado.

Nunca desrespeitei alguém
que provasse ter coragem.
Aprendi com rapidez
os ofícios do sertão: ser homem
zelar o nome
honrar pai e família
e proteger meus irmãos.
Vingar a morte do pai
foi a minha intenção.
Fazer justiça
que a justiça só se faz
com as próprias mãos.
Sou Virgolino Ferreira
conhecido Lampião
com patente de capitão
prêmio que recebi
do meu padim Padre Cícero Romão.

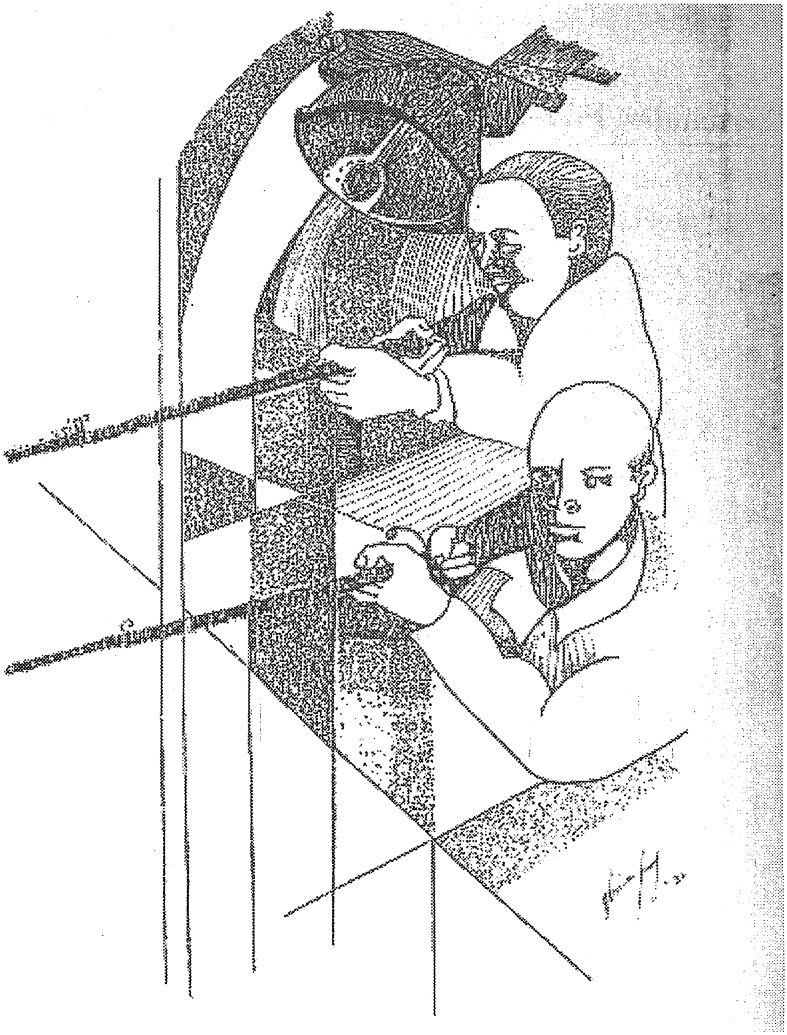
Sabino:

O meu crime ter nascido
com sina de cangaceiro,
trilha de muito perigo
já enfrentei sem ter medo.
Cascavel já vi morrer
antes do bote fatal,
muito cão eu já matei
com meu clavinote mortal.

Virgolino:

Com ferro firo
com ferro serei ferido.

Nenhuma cova me cabe
nenhuma terá minha morte
sem que a tocaia
me acabe
na passagem.
Sou Virgolino por nome
Lampião pelo prenome
patente que Padre Cícero
em Juazeiro me deu.



Rodolfo Fernandes Prefeito de Mossoró comanda a resistência ao ataque de Lampião

Quem conhece esta cidade
que se abre sempre em leque
com seu vento noroeste
vadiando nas calçadas
e suas manhãs de louça
nos frontões dos seus sobrados
com seus portões sempre abertos
trabalhados pelas flores
dos seus ferros,
não sabe porque agora
se fecham estas portas,
não sabe porque agora
se fecham estas janelas.

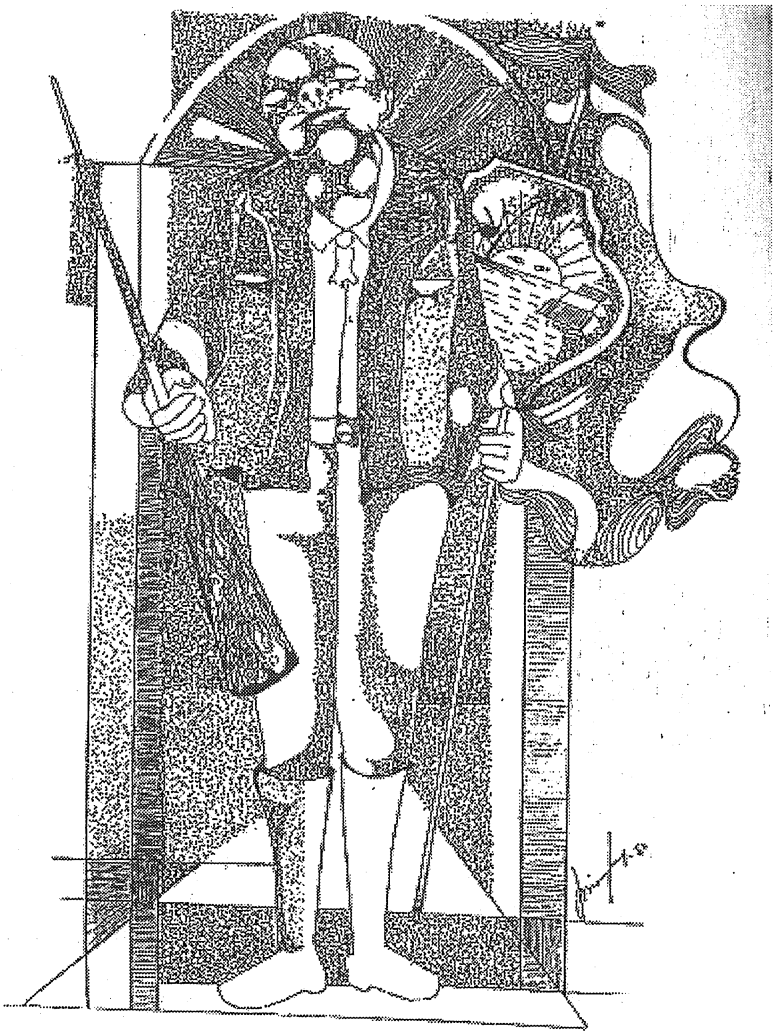
Quem conhece esta cidade
suspensa do chão miragem
vista de longe
de perto poesia e sol
aos leques dos cata-ventos.
Quem conhece esta cidade
não sabe porque agora
se guardam de rifles
estes telhados mordentes
de balas justificadas
nos arrimos de areia
pedra rolada entreposto
da resistência
ao bando de Lampião.

Quem conhece esta cidade
com seu rio de águas mansas
sarpenteando as herdades
com sete braças de margens;
não sabe porque agora
os leques da carnaúba
apontam facas.

Não sabe porque não desce ao rio
a canoa com o menino
com seu anzol, passarinho
beliscando a flor do rio,
com sua mão separando
no lance a linha do azul
das duas margens do rio
onde não se mexe a folha
nem o pássaro canta
nos telhados
de onde se avistam distantes
um horizonte de verdes
e outros verdes dos montes.
Não sabe porque se fecham
estas portas e janelas
estes ferrolhos e tramelas
esquadrias de proteção
da casa, sala e portão.

Quem conhece esta cidade
com seus telhados lavados
pelas primeiras chuvas de maio
com a torre de sua igreja
São Vicente
(urgentemente
toquem o sino
Lampião já está
chegando
nas portas desta
cidade).

Quem conhece Mossoró
por dentro e por fora estrela
por fora concha na ostra
por dentro fruto aberto
com suas pontas de estrelas
apontadas para o cruzeiro
com seus filhos hospitaleiros
herança de seus herdeiros
sabe porque agora as pontas
dessa estrela apontam negros
fuzis por sobre os telhados
por sobre os campos plantados
por sobre a linha dos montes
por sobre os horizontes
apontam negros fuzis
da igreja da Matriz.



Da morte

Um só ferido bastava
um só morto representava
a resistência da cidade.
Uma só bala matava
seja caça seja homem
a bala mata sempre
quando a caça faz-se urgente
independente das razões
– família, honra, dinheiro –
mata quando primeiro
atinge o alvo carteiro.
Justifica-se na morte.
Registra-se no ato
discuta-se ou não o fato.

Foi Colchete o primeiro
a se expor:
escudo (pensava ele)
o seu peito fechado.
Escudo o seu sangue
e o seu punhal queimando
por dentro do corpo
espinha de sol e morte
por uma bala acertado
de Manoel Duarte.
Abriu-lhe na cabeça
uma flor de sangue
surpresa.
Todo o seu corpo
navega
num outro espaço
– o oposto.

Jararaca veio roubar
o que o morto não tinha
mas se tivesse
não mais lhe pertencia.
De si apenas restara
esta negra flor de sangue
nascida assim de repente.

O bando de Lampião
fugiu para o cemitério
que era lugar mais seguro.
Aos mortos não faz diferença
a usurpação do seu campo.
A única diferença:
o cemitério agora
não guarda
o silêncio que guardava.

A morte de Jararaca

Conta a crônica da morte
de Jararaca que, depois
de preso e ouvido,
seria por segurança
escoltado pra Natal.
Pediu o preso pimenta
e um canudo para soprar
seu pulmão, para sarar a ferida
que queimava à brasa viva.
A morte se apoderava
do seu corpo de vinte anos.
"Toda vez que respirava
o sangue lhe vinha à boca".
Ferido de morte estava.
O tiro de Manoel Duarte
como "um coice de cavalo"
lhe acertara no peito.
A morte foi lentamente
tomando todo o seu corpo.
Foi levado para a cadeia
e também ferido na coxa.
Jararaca já estava
metade morto.
À saída da cidade,
bem perto do cemitério,
uma cova recém-aberta
aguardava o corpo
daquele que
foi sepultado
ainda vivo.
"Valha-me Nossa Senhora"
teria dito.
Não por medo,
mas devoção pela santa
protetora dos desvalidos.

E ainda disse que "sabia
de sua hora chegada"
e chegada a hora morreria
que cangaceiro
tem a morte por valentia.
Pedro Arcanjo,
um soldado
de porte baixo e perverso,
com ordem ou sem ordem
abre-lhe a garganta
com o sabre.

Um grito surdo se ouve
por sobre a noite calada,
por sobre o vento da noite
no silêncio da madrugada.
O seu julgamento
a morte.
Defronte do cemitério,
com pretexto de julgamento,
teve morte de cobra:
morte de faca e pancada.
Nesta hora o bando
de Lampião deixava
para sempre
as terras de Mossoró.

OFÍCIO

Para Dorian Gray Caldas

Do pincel mágico, a luz do divino
soma heranças da poética do povo,
construindo a efígie nordestina
sob a perícia do olhar do artista.

Na efígie: gestos, vestígios, signos,
sob o anseio e a carícia do sonho
do homem que traça, com linhas e curvas,
a síntese e o matiz da voz dos símbolos.

Com perícia e audácia, o artista
transpõe o Potengi, singra o Atlântico
e, lá, por detrás do muito longe,
mostra o oceano do singular ofício.

À Arte, o talento imprime plasticidade
e estilo; perfuma e impõe o selo do ímpar,
no engenho e na tenacidade, de que vigora
o tom da fala que tem mais do que voz.

De quadros e murais da cidade do Natal
emana a efígie do Brasil de 500 natais.

*Alice Spíndola – 2000.**

*Poeta e escritora, vivente de Goiânia, é autora de "Fio do Labirinto" (Prêmio Nacional Jorge Fernandes (UBE/RJ) e Prêmio Nacional Auta de Souza.

NATAL II

Jorge Tufic

Tenho que ver Natal. Se não revê-la
com seu dorso de areia; ali encravado
o galo cujo canto deslumbrado
menos parece galo do que estrela.

Tenho que ver Natal. Quero tece-la
com as aragens do mar, o azul parado
numa tela espectral tendo a meu lado
as mãos de Dorian Gray e um barco a vela.

Tenho que ver Natal. E assim querendo
já me vejo entre as ruas da cidade,
embora a mim somente esteja vendo.

Tenho que ver Natal. São sete horas
com mais sete de volta; mas, quem há-de
saber-te a mesma como sempre foras?

LEMBRANÇAS SÚBITAS DE DORIAN GRAY CALDAS PELOS MUSEUS DO MUNDO

*Paulo de Tarso Correia de Melo**

PARIS: CENTRE POMPIDOU. ORFEU POSA PARA MATISSE.

O jovem frente à janela
toca violino.
Manhã e música
som e ar fino.

O jovem frente à janela
faz a manhã nascer.
Movimento em sol
e em ré florescer.

CANTO DE AMOR: UM QUADRO DE DE CHIRICO

Além do muro é a tarde
azul calado e sem nuvens.
O muro sustenta a face
de Apolo e a luva, imóveis.

A face de Apolo é o dia
transparente, mudo e cego,
decepado ao corpo grego
de carne – mármore fria.

A bola de baseball,
estéril óvulo atômico,
junto da luva de plástico

descansa da cirurgia
do amor: afago de mão
como a luva está: vazia.

(*) Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

O IRRESISTÍVEL COMPROMISSO COM O SONHO

"Arte é exercício experimental de liberdade".
Mário Pedrosa.

Venho da infância com a compulsão para a arte, a poesia, o sonho. Desenhei nos meus primeiros anos, com fúria e paixão, tudo que via, percebia, era uma extensão de minhas mãos, da minha sensibilidade. É natural que este exercício fundamentava-se na apreensão figurativa imediatamente observada e copiada – algo, todavia, já transbordava dos registros. Desenhava semelhanças com relativa facilidade. Incorporei depois a escultura, a pintura, os fundamentos teóricos e técnicas essenciais à construção do meu trabalho: nascia a gravura, a tapeçaria, o afresco, o mural, a cerâmica, os metais, o óleo. Vindo de informações acadêmicas, sem escolaridade, certamente chegaria ao moderno pelo mesmo caminho, pelo autodidatismo, adaptativo, vocacional, intuitivo, exercitado pela capacidade receptiva de sentir a arte e premiar as minhas prioridades eletivas.

Assim caminhei em direção dos registros humanos, segmentos, marginalidade, rio, mar, autos da cidade, luz e cor, fantasias de reis e rainhas, fugas coloridas da miséria de muitos, redivivas pelo ritmo da dança, os papéis coloridos dos brincantes, as luas de falsos metais, o brilho dos punhais, a festa aguda e deslumbrante das periferias urbanas. Assim os registrei com a alegria do encontro e com a certeza da participação. A hora maior das suas liberdades. Fui aos sobrados sentir a alma anímica dos velhos casarões, seus habitantes flagrados no imponderável sopro de ontem, o respirar de antigas afeições deitadas sobre as sombras. Nestas sombras dos anos 60, 70, as personagens, os casarios, os barcos, os barqueiros nas vagarosas cantigas, longos e adormecidos fazeres entre valores tonais e luzes frias.

A tapeçaria abriu um leque de luz e cor nativas na minha arte. Vieram os figurantes com suas oferendas, os frutos da terra, as bandeiras das festas, os festejos dos galantes, os morros e o mar, as crespas vegetações, a cor pura das lãs misturadas ou intertextualizadas pela emoção do traço à fixação do tema, à

imponderabilidade da arte. E estas figurações percorreram o universo dos registros. Vou aos campos, aos sítios e aos amanheceres, às madrugadoras e aos adormeceres nas alpendradas dos engenhos. Traço e cor, emoções redivivas pela fixação e redescobertas pela emoção duradoura. E fiz também o registro da gravura, o preto e branco expressionista cortado à flor das imburanas; o rosto dos profetas do povo, as danças dos negros, os mitos, os milagres, as assombrações e os sonhos dos arautos cantadores das feiras e dos cordéis nordestinos. O traço a lápis fez o primeiro registro, curva os primeiros horizontes, o rio e o morro, o rosto anímico e expectante da surpresa. A cor veste, completa o sangue, o brilho dos olhos, a luz dos sons que não se escutam, mas são evidências na arte.

A grande e vasta solidão do mar exige do pintor/pastor a paciência do pescador; a hora do encontro. Distante e retirado, o mar deita a sua luz de metal. Um fragmento de espuma bate na rocha fria. Crianças brincam na luz de cobre sobre uma nesga de azul-água. A distância conduz-nos à viagem, ao compromisso com a aventura. O mar é uma constante em meu trabalho. Raro é o dia em que não me faço ao mar para sentir sua presença avassaladora incomensurável, não é só a lição de partir, mas de sentir o mar em toda a sua extensão, no arqueado peso de sua totalidade. Somos às vezes oceânico.

O meu trabalho em arte é este, dia após dia, explorável e prudente, paciente artesão dos meus ofícios. Nele deposito meus ócios e os meus cansaços, meus sonhos e os meus últimos irreconciliáveis esforços. O resto é poesia.

Dorian Gray Caldas

DISCURSO DO ACADÊMICO DORIAN GRAY, POR OCASIÃO DO LANÇAMENTO DO LIVRO "TODOS OS PLANOS", NA FIERN.

Ilmo. Sr. Presidente da FIERN – Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Norte – Dr. Abelírio Vasconcelos da Rocha.

Meus senhores,

Nesta hora, agradeço principalmente a maneira de ter sido escolhido por V.Sas. para representar em cor e traço a nossa Cidade do Natal e o Rio Grande do Norte. Agradeço a alta direção desta casa pelo apoio, o cuidado, a unanimidade do sentimento que inspirou esta publicação. Agradeço a equipe da Dois A a eficiência, o envolvimento afetivo e diferenciado no qual trabalharam para a realização desta obra de arte. Eficiência, alto valor técnico e competência. O primeiro livro referencial de um artista norte-rio-grandense com estes parâmetros de qualidade.

Quis o destino que fosse eu a receber esta distinção.

O substancial da pintura encontra-se espargido sobre a comunidade inteira que ela penetra e anima, diz-nos Hegel, no seu livro "O Sistema das Artes". Esta abrangência que cai sobre os vários segmentos da sociedade representa o interesse à representação ainda hoje das artes dentro do contexto social de uma comunidade. Estou sumamente lisonjeado por tal reconhecimento. Resulta da longa e resistente continuidade eletiva para a qual dotei meus melhores dias; minhas forças e a minha identidade interior à consecução deste projeto: A arte. Se a consagração de uma vida a objetivos tão insustentáveis, aparentemente tão frágeis que se apoiam no sonho, merecem o reconhecimento unânime da sociedade e de todos os segmentos que a compõem nestes meus cinqüenta anos de arte, valeu a pena ter sonhado, valeu a pena a conseqüente permanência deste impulso nascido no mais íntimo da vocação na infância. Fui e sou este criador da arbitrária esperança; ponho no papel a palavra que arde como as chamas dos vulcões; o poema cai gota a gota

da alma; as exigências dos vestígios da herança é a continuidade da descoberta. Pinto as permanentes e mais eloqüentes fragilidade humanas. Intemporal fica o homem e a sua hora nos gestos nos autos da cidade, na topografia das ruas; no registro das paisagens; na cor dos metais das luas; no sol sobre o verde das palmas dos coqueiros; tudo é verdadeiro e belo se o fazemos de maneira plena e surpreendemos a natureza e nela acrescentamos a grandeza que Deus reservou ao íntimo de suas criações. Cabe ao artista descobri-la. Agradeço ao Sr. Presidente da FIERN, Dr. Abelírio Vasconcelos da Rocha, pelo gesto de aceitação, promoção e divulgação deste artista pintor e poeta, neste belo livro, que na curva desta geografia continental do Rio Grande do Norte, faz minha arte voltar-se para a mídia nacional. Nela, priorizo a minha cidade na sua verdade mais eloqüente. Elegi minha aldeia e creio nela. O cinturão da cidade que me cinge e me contém à viagem não me convida a fugir além, como diria Mallarmé não me atrai a aventura da fuga. Aqui debaixo da minha sandália sei que a terra em que piso fez a minha destinação.

II

CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE JOSÉ TAVARES

CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE JOSÉ TAVARES

A Academia Norte-rio-grandense de Letras e a Academia de Medicina do Rio Grande do Norte realizaram sessão conjunta, na sede da ANL, em homenagem ao centenário de nascimento do acadêmico José Tavares da Silva. Pelas referidas agremiações, respectivamente, discursaram os acadêmicos José de Anchieta Ferreira e Rúbens Santos. Em nome da família do homenageado, falou o Dr. Ciro Tavares.

EM MEMÓRIA DE JOSÉ TAVARES DA SILVA

José de Anchieta Ferreira *

Na data em que se prestam merecidas homenagens ao Dr. José Tavares da Silva, sentimos também a obrigação de reverenciar a sua memória pelo muito que ele representou na medicina do nosso Estado durante uma existência que hoje completaria o centenário.

Figura exponencial na sua profissão, pioneiro das grandes intervenções cirúrgicas no Rio Grande do Norte, o Dr. Tavares inscreveu o seu nome no primeiro time dos cirurgiões brasileiros.

A primeira vez que o vi operando foi na sala de cirurgia do então Miguel Couto, auxiliado pelo Dr. Luiz Antônio dos Santos Lima, clínico renomado, que , através do Hospital do Câncer, que tem o seu nome, continua presente e solidário com os que sofrem. Sem dúvida, dois apóstolos, duas figuras lendárias, da nossa medicina que não fizeram da profissão a arte de enriquecer, mas a ciência de fazer o bem.

Diplomando-se em 1926 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, no ano seguinte Zé Tavares, como nós o chamávamos, é convidado pelo Dr. Januário Cicco para integrar a reduzida equipe médica do Hospital de Caridade Juvino Barreto, atual Onofre Lopes, do qual, Januário, era o diretor.

Naquela época não existiam especialidades cirúgicas, havia o cirurgião geral, que retalhava indiscriminadamente qualquer parte do corpo humano. E Tavares, que , ainda acadêmico, fora interno, durante cinco anos, do serviço do famoso cirurgião e brilhante anatomista, Raul Batista, sabia transitar, com o seu afiado bisturi pela intrincada selva de vasos, nervos e músculos, dando a impressão de conhecer, de cor e salteado, o tratado de Anatomia Descritiva, de Testut e Latarjet, que apavorava os estudantes de medicina pela extensão da matéria distribuída em 4 grossos e pesados volumes.

Em 1979, no escritório do seu filho Ciro Tavares, hoje residente em Brasília, esse saudoso mestre da medicina presenteou-me com um valioso depoimento, com mais de duas

horas, que gentilmente me permitiu gravar, durante o qual ia recompondo o passado, juntando lembranças da infância e da juventude, evocando amigos, vivos e mortos, rememorando fatos e episódios de 40, 50 e 60 anos, com prodigiosa memória, como se contasse coisas ocorridas na véspera, sem esquecer um detalhe, sem confundir uma data ou um nome.

E, assim, com emoção, recordava "Em cirurgia fiz quase tudo: "gastrectomia, gastrogejunostomia, cole-dectomia, nefrectomia, esplenectomia, ressecção do intestino grosso e delgado, cirurgia urológica, do pescoço e todo o tipo de fraturas e o primeiro a realizar uma raquianestesia. Falou da irmã Albina, indispensável na sala de cirurgia, da competência de D. Elita, enfermeira diplomada na Escola Ana Neri, no Rio de Janeiro, que elevou o padrão de enfermagem do Miguel Couto. Recordou a sua preocupação quando realizou a primeira transfusão em Natal, com o sangue doado por D. Anita Brandão. Comentou os seus estágios nos melhores serviços da Alemanha, Áustria, Estados Unidos e Argentina.

Recordou também a sua breve excursão à política e o seu desligamento do Partido Popular, sob cuja legenda fora eleito deputado, em outubro de 1934. Primeiro diretor do Pronto Socorro, com sede no Hospital Miguel Couto, solenemente inaugurado em dezembro de 1945, com a presença do Interventor Miguel Seabra Fagundes, durante o qual, encerrando o seu discurso de posse, declarou:

"A medicina de urgência é particularmente ingrata. Apesar de nossa abnegação e devotamento, não logramos, às vezes, alcançar a felicidade de sentir a alegria do triunfo sobre a morte, alegria que, por vezes, é a única recompensa para aqueles que exercem a profissão médica"

Nesse depoimento, recordou o sufoco e ansiedade, a inesperada maratona para regressar ao Brasil, saindo de Berlim, na iminência da II Guerra Mundial, que o apanhou na terceira classe de um navio inglês, superlotado, em pleno Atlântico Norte.

Pedro Nava em "O Círio Perfeito", sexto volume de suas memórias, considerava Fernando Paulino como o mais completo cirurgião brasileiro, relacionando-o ao lado de Carlos Chagas, Manoel de Abreu, Oswaldo Cruz e Torres Homem, o pai da clínica

médica no Brasil. Se Pedro Nava, que também era médico, tivesse conhecido o Dr. José Tavares da Silva, com certeza o teria relacionado nessa galeria de notáveis da medicina brasileira.

Discurso proferido em 14/12/2000, na Academia Norte-rio-grandense de Letras, pelo centenário de nascimento de José Tavares da Silva.

(*) Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

DISCURSO DO DR. CIRO TAVARES

"A dor é um momento prolongado que não se pode dividir em estações", escreve Oscar Wilde no DE PROFUNDIS. Nenhuma expressão é mais forte e verdadeira para desnudar meu comportamento, se as lembranças do meu pai, o cirurgião José Tavares da Silva, voltam de infinito qualquer guardado em mim. Pareço estar mergulhado numa espécie de outono quase permanente, sobretudo se, de alguma forma, posso vê-lo, através das lágrimas, na escuridão. Quando José Américo de Oliveira Costa, o guardião dos livros, retirou da casa da rua Assu, o que sempre foi intocável e sagrado, julguei, que tudo estivesse consumado. Lembro como se fosse hoje. As prateleiras sendo esvaziadas e preciosos volumes, entregues, por mim e Vitoldo Noronha, ao diligente e estimado auxiliar que os levou para o antigo gabinete do professor, no Hospital das Clínicas. O gesto tocou-me tão profundamente, que ao escrever Atos Finais, texto que fecha meu livro Além da Rosa-Dos-Ventos, faço-lhe emocionada referência:

"Um dia, quem sabe ?

Teu galeão conduzirá

derradeiros utensílios e os ossos.

Reserva-me parte da carcaça

para sepultar nas sombras velhos sonhos."

Ao longo de minhas saudosas reflexões, eu construí um José Tavares legendário. Hoje gostaria de retomar sua realidade para evocar cenas de sua maturidade e juventude.

O resultado excepcional nos exames preparatórios, repercutiu. Onofre Lopes guardaria o nome do vitorioso desconhecido como se fosse moeda de inestimável valor e os

inseparáveis amigos da tatajubeira, Joaquim Noronha, Vicente, Carlos e Antônio Farache, apostam no brilhantismo futuro. Agora é chegado o tempo de continuar os estudos na Capital Federal e Marquilina, mãe cuidadosa, decide acompanhá-lo. As Parcas, num período de 30 anos, haviam-lhe imposto severas provações. Desde a tragédia de Cícero, o primogênito, em Bananeiras, na Paraíba, das mortes de Cyro e de Josefa, ambos com menos de 25 anos, e do próprio marido, João Félix, todas ocorridas na Ribeira, compreendera, à semelhança da Hécuba de Eurípides, que a dor e o sofrimento nela atingiram os níveis mais elevados. José, era assim que Marquilina o chamava, soubera de Cícero através dos pais, o melancólico relato do terrível acidente, numa tarde estival na quieta cidade do brejo paraibano. Quanto aos outros dois irmãos, acompanhou de perto o desenlace. Cyro, devastado pela tuberculose contraída no Rio de Janeiro, onde tentara o curso de Direito. Josefa, de insuficiência respiratória, dentro de descomunal quadro enfisemático. O pai, provavelmente de cardiopatia, que veio surpreendê-lo num repouso vespertino. Assim, Marquilina e José, como no Paraíso Perdido, solidão e sonhos entrelaçados, abandonam as sombras da casa na Ribeira, fugindo das lembranças mais sofridas.

No Rio de Janeiro, ao menos temporariamente, os dias parecem mais amenos. Desde 1906, quando o Padre João Maria, pastor sagrado da cidade e amigo pessoal, morreu na casa de veraneio do casal Tavares da Silva, no Alto, os ventos e as tempestades da vida fustigaram, repetidamente, as venezianas de Marquilina e de José Tavares. Agora, apesar das dificuldades naturais, eram mais sólidos os caminhos. A potencialidade financeira não permitiu que morassem nas melhores áreas urbanas da Capital. Restou-lhes, a opção dos subúrbios da Leopoldina, alugando modesta casa no Rocha. O filho, depois de instalados, preocupou-se na descoberta dos bondes que o levariam à Escola Politécnica. A predileção pela matemática, orientara seus passos para estudar Engenharia. A conversa com um estudante que, por três vezes tentara, sem sucesso, o vestibular, determinaria a reformulação dos planos.

No meio do caminho, o maldito dinheiro é pedra intransponível, porquanto no livro contábil de sua mãe só existia a coluna de débitos. Todos os recursos haviam sido disponi-

bilizados para um período de seis anos. Procuram Cincinato Chaves para discutir o assunto e o conterrâneo propõe sem delongas: Dona, porque José não estuda Medicina ? Com o termômetro e a caneta vai ganhar mais dinheiro. Posso levá-lo para conhecer a Faculdade, na Praia Vermelha. O ambiente causa profunda impressão no jovem observador, mas é no pavilhão de Anatomia, anexo à Santa Casa de Misericórdia, que seu coração bate mais forte. Memoriza a inscrição latina, acima da porta principal, para depois conhecer a tradução, "Este é o local onde os mortos concorrem para socorrer a vida". Entre o Largo da Carioca e o Rocha, no bonde, mergulha nas profundezas do seu espírito questionando angústias e aflições que teriam cercado as desconhecidas vidas, agora cadáveres sobre brancas mesas de mármore polido. E enquanto parece ainda ouvir o matraquear das tesouras partindo ossos e aspirar o formol suspenso no espaço, todo seu passado aflora. O Padre João Maria, Cyro, Josefa, João Félix. Não teria ele, médico, aliviado as dores ou prolongado suas existências? Decide-se e comunica à protetora que o abraça comovida e confiante.

Na Faculdade construiu grandes amizades, no meio de saudável competição. De um lado Deolindo Couto, bem nascido, influente e seu grupo de amigos. Do outro, os arredios nordestinos e os paulistas nada comunicativos. Na Anatomia, por exemplo, Deolindo, professoral, francês fluente, atraia os que não tinham intimidade com o idioma, cujos Atlas e livros clássicos estavam nele publicados. Contudo, inteligente, observou que o Dr. Raul Batista, responsável pela cátedra, dava especial atenção ao modesto companheiro, freqüentador assíduo do necrotério, onde era sempre encontrado, dissecando e preparando peças, na companhia de outros colegas. Ao longo do tempo foi que soube melhor de José Tavares. Ao estreitar a camaradagem percebeu que, por detrás do indivíduo calado, que já lera, no original, cinco das mais importantes obras de Anatole France, escondia-se cultura valiosa. Não estava errado. Com exceção de Anatomia patológica, na qual recebeu simplesmente, foi aprovado com distinção em todas as outras matérias. No segundo ano, é convidado por Raul Batista para trabalhar no Hospital São Francisco de Assis e reencontra Luís Antônio, seu professor de ciências na rua da Palha, em Natal, que, beneficiado por

legislação, ingressa na Faculdade, dispensado dos exames de acesso.

Durante o curso, além de Luís Antônio, Valdir Caldas Pires e Godofredo de Freitas são os mais íntimos. Nos finais de semana, para não deixá-lo isolado no Rocha, os dois cariocas estendem ao companheiro convites para bailes, tertúlias e festas familiares. No apertado orçamento de Marquilina, José tinha direito a um terno por ano e quando os dias mostram o flagrante desgaste do tecido, abandona as diversões sem omitir o motivo. A franqueza como expõe as dificuldades, aumenta o apreço dos colegas afortunados. Depois de três anos no Rocha, Marquilina, atormentada pela rinite alérgica, resolve mudar-se para outra casa na Rua São Francisco Xavier. Perto do Hospital. José Tavares, além do mestre Raul Batista, terá oportunidade de trabalhar com o Dr. Brandão Filho, príncipe dos cirurgiões brasileiros nos anos 20. As despesas com a iniciativa abalaram as finanças minguadas e ele pensou em suspender as aulas de alemão que começara a estudar por influência de Silvio de Abreu Fialho. Marquilina reagiu contrariamente. Tudo o que significasse cultura, conhecimento e soma de experiência, dela recebia incentivo imediato. Portanto, a idéia estava fora de propósito. Escreveu à amiga Maria Carmina Farache, em Natal, detalhando os problemas e solicitando o empréstimo de quatro contos de réis para José concluir o curso. Vicente Farache estava no Rio estudando Direito e quando os estudos e o Flamengo, depois do ABC, sua grande paixão, permitiam, aparecia sábados ou domingos para conversas amenas e defender-se na saborosa comida caseira. Uma tarde, meio da semana, Vicente, contrariando hábitos, chega na casa da São Francisco Xavier. Esbaforido, lenço enxugando o suor na testa, cabelo desalinhado e paletó aberto, entrega um pequeno e bem feito pacote, encomenda que Carlos, o irmão, recomendara urgência. Era o socorro abençoado de D. Maria Farache aportando nas mãos de Marquilina.

No último ano, determinações do Dr. Rocha Vaz, uma espécie de Ministro da educação do Governo Bernardes, causaram sério incidente. Numa Portaria, flagrantemente ilegal, a Universidade cria taxas e modifica valores de emolumentos.

Marquilina que, a partir do dinheiro recebido, redimensionara as despesas, nelas acrescendo até mesmo a viagem de regresso, ficou inteiramente desnorteada e José Tavares, mais uma vez, sentiu a aspereza dos caminhos. Só que não estava sozinho. A quase totalidade dos colegas reagiu ao ato discricionário, típico do Sr. Artur Bernardes, que, desde a posse governava sob estado de sítio. A reunião de protesto, na Faculdade, mostrou que a calma e a cordialidade do colega potiguar, tinham limites. Falando na assembléia criticou Rocha Vaz com palavras bastante inadequadas. Os paulistas, que odiavam Bernardes, aplaudiram e o ambiente dividiu-se, tenso e surpreso com o que acabara de ouvir. Qualificar o médico particular do Presidente e de sua família, exercendo importante cargo de confiança, como "ladrão e subserviente", fora gesto de completa insensatez e previsíveis o inquérito e a punição. Apenas o restrito círculo de amigos, Luís Antônio, Rocha Pires, Godofredo de Freitas, Olavo de Souza Carvalho, Paulo Campos Córtez – conhecia bem as razões do destempero verbal. Acabrunhado com o que poderia suceder, a antevisão do eclipse total de seus esforços e dos sacrifícios da mãe adorada, levaram-no a retraimento preocupante. Foi quando as amizades de Rocha Pires e Godofredo de Freitas falaram alto. Descendentes de influentes famílias de militares, ao mesmo tempo em que se uniam para ajudá-lo no pagamento dos tributos articularam para que o fato morresse como se nunca houvesse começado. E conseguiram.

A arraigada vocação de servir ao Rio Grande do Norte obriga-o a renunciar à tentação dos convites generosos que, se aceitos, certamente, iriam projetá-lo no panorama da Medicina brasileira. O mestre Raul Batista gostaria da permanência, na condição de assistente, no Hospital e na Faculdade. Contando com sua participação, Caldas Pires e Godofredo sonham com a clínica moderna, na Zona Sul do Rio de Janeiro, onde estão a elite, os luxuosos palacetes e a garantia do sucesso pessoal quase imediato. Recusa todas as propostas. Seus pensamentos estão voltados, exclusivamente, numa direção: rever as ruas do menino, a Ribeira, irmã das Rocas, cem por cento canguleira, ouvir o barulho do mar quebrando nos arrecifes da praia do meio, aspirar a maresia que a brisa sopra sobre o corpo do Rio Potengi, ter os

olhos ofuscados pela mesma claridade que as dunas absorvem e reencontrar os companheiros da tatajubeira, amigos, além da eternidade.

O médico José Tavares conhece Januário Cicco através de Luís Antônio. Três temperamentos diferentes ocupando a mesma cena – o antigo Hospital de Caridade Juvino Barreto. Januário, o irritadiço administrador de mãos de ferro, Luís Antônio, o gênio forte, acobertando o homem paciente e ponderado, que argumenta com extrema facilidade e José Tavares, o cirurgião moderno, diagnósticos rápidos e bisturi preciso, rebelde e indiferente à rigidez do regulamento anacrônico. Aparando arestas e contornando choques, estão Otávio Gouveia Varela, Ernesto Fonseca, Adolfo Ramires, Vale de Miranda e o dentista Clidenor Lago. No meio deles os abnegados José Enfermeiro, braço direito de Januário, D. Leonor Monteiro da Silva, a parteira, e a irmã Albina Vieira, da Congregação das Filhas de Santana. Não demora e os primeiros conflitos no relacionamento aparecem. Depois de formado, na Bahia, Januário veio para Natal e ficou sem poder ausentar-se para cursos de especialização. José Tavares e Luís Antônio significam a modernidade e o superior, transpirando autoritarismo, o passado resistindo às inovações. Distantes, entregues a outras missões, Ricardo Barreto e Manoel Varela Santiago, observavam apoiando o colega mais velho. Nas enfermarias, leitos ocupados por uma população de doentes beirando a indigência, exacerbam o inconformismo dos dois novos membros da equipe José Tavares diz a Luís Antônio que não está disposto a curvar-se à prepotência. Gosta de disciplina, mas tem ojeriza àquela hierarquia, que considera própria dos quartéis. O colega apoia. Os tratamentos adotados, muitas vezes ineficientes, prolongam o sofrimento e Tavares, contrariando as normas estabelecidas, assume a responsabilidade de substituí-los pelos modernos métodos terapêuticos, com respostas rápidas e positivas em larga escala. Ao mesmo tempo em que introduz a classificação do sangue e respectiva identificação do RH, comanda a adequada esterilização dos equipos de soros fisiológico e glicosado, minimizando a incidência dos choques pirogênicos. A cidade, aos poucos, toma conhecimento das mudanças e não falta quem, voluntariamente, queira ajudar. D.

Anita Brandão, confiando na capacidade do jovem cirurgião, ofereceu-se para ser cobaia da primeira transfusão de sangue. A descrença do aborrecido Januário aumenta o suspense e o Hospital vive momentos de apreensão. Não foi pequena a euforia com o êxito obtido. Vidas, muitas vidas seriam salvas a partir daquele instante. A notícia corre e somada às da revolução cirúrgica que acontecia sob sua condução, planta a semente da figura legendária. Em parte, as caridosas Filhas de Santana, assistindo a luz da vida, milagrosa e diuturnamente, regressar dos umbrais da morte, são responsáveis pela construção mítica, talvez agradecidas pelo gesto cristão, no dia em que tentavam colocar a imagem da Santa padroeira no plano mais elevado do altar da capela. Entrando no Hospital, José Tavares percebe a dificuldade das franzinas e pequeninas auxiliares. Sobe num banco e coloca a imagem no local indicado. Sorrindo-lhes, era um hábito sempre que a tarefa terminava bem, retira-se sem ouvir o profético e discreto comentário das irmãs, "suas mãos serão sempre abençoadas".

O episódio mais constrangedor envolve a enfermeira Elita Silveira. Diplomada na Ana Nery, está relegada a plano secundário no hospital Evandro Chagas, sob a direção de Ricardo Barreto, ao lado de Januário e de Varela Santiago, um dos ícones da Medicina do Estado. E foi um médico do Ministério da Saúde, durante inspeção, que observou o desperdício, sugerindo melhor aproveitamento, depois de atualização no Rio de janeiro. A tempestade é violenta. Ricardo Barreto, indignado, esbraveja, Varela Santiago qualifica a atitude como invasão de competência e Januário, considerando-se afrontado na sua autoridade, explode. A Luís Antônio, como já fizera, anteriormente, duas ou três vezes, determina "Segure seu louco". O clínico, que fazia pouco caso das reclamações, desta feita repudia e devolve duramente a grosseria. Era o princípio do afastamento que eclodiria deflagrada a luta política contra Mário Câmara. Para não prejudicar os serviços, os dois deixam de colaborar com Januário.

Mariano Coelho, poeta iluminado e amigo magnânimo, terá feito a mais bela reflexão dos acontecimentos. " O templo que escondia sofrimentos, pareceu ter empobrecido durante o

exílio de seus dois preciosos sacerdotes". No outono de sua vida, José Tavares lamentaria, repetidas vezes, o prejuízo causado pelo desvio político, que só terminou no Governo Rafael Fernandes, já eleito Deputado, depois de reunião na Relojoaria Farache, quando os amigos do peito pressionaram o franco-atirador. Os Faraches, Vicente, Carlos, Antônio e Adalberto, e Joaquim Noronha, eram as vozes de Marquilina, de D. Maria Farache, que o queria como a um filho, dos tios Olegário Costa e Antônia, e dos colegas Otávio, Ernesto, Mariano e José Varela, inconformados com a perda iminente do mais talentoso cirurgião até então aparecido no Estado. Acataria os apelos desde que Luís Antônio e Nestor dos Santos Lima concordassem. Ambos já haviam considerado a alternativa e recomendavam que ao sair, mostrasse à cidade sua grande capacidade de doar-se. Foi o que fez, ao outorgar procuração para Varela Santiago receber seus subsídios de Deputado e aplicá-los na construção de instituto que abrigasse os filhos dos hansenianos .Liberto, retoma as atividades ainda mais apaixonado e assume o estilo cavaleiro andante, novo Parsifal na busca das fronteiras do conhecimento, seu cálice sagrado.

Operando não contribuintes na Policlínica do Alecrim, vem ao Hospital para atender clientes particulares. Conhece Onofre Lopes e Clóvis Travassos Sarinho, os novos colaboradores de Januário. Suas intervenções são habitualmente freqüentadas pelos colegas que lhe apreciam a técnica e Ernesto Fonseca, resume o entusiasmo numa frase: " grande cirurgião, porque excelente clínico." Já famoso no Estado, ganha definitiva notoriedade com o episódio do filho do Governador Rafael Fernandes, acometido de apendicite aguda. Nos últimos 50 anos, não há notícias de momentos tão dramáticos na história do velho Hospital. Frente a frente, os adversários e suas desconfianças. De um lado, a família Fernandes, acreditando que inimigos não mandam flores. Do outro, José Tavares, Luís Antônio e Otávio Varela, investidos da enorme responsabilidade do ato cirúrgico. Antes, a irmã Michelina Casiraghi, que instrumentou a sessão, refugiou-se na capela pedindo à Virgem de Santana que protegesse o cirurgião e seus assistentes, cercados por considerável número de áulicos, guarda pretoriana serviçal,

vigiando a possibilidade de conduta cirúrgica negligente ou dolosa que determinasse erro fatal. Permito-me omitir os nomes para não enodoar a fascinante História da Medicina do Rio Grande do Norte. Apesar das diferenças e querelas, a grandeza de Januário diz presente. Defende o colega e tranqüiliza o Governador: "eu não faria melhor".

Partícipe de todos os grandes acontecimentos da Medicina potiguar, quase impossível excluir da vida de José Tavares, as incontáveis variantes dramáticas da trajetória, a partir da silenciosa Rua do Comércio, na Ribeira, onde nasceu, aos dias crepusculares da Rua Assu, quando na magia de prelúdio eliotiano " sua alma tensa se estendeu cruzando os céus que se estiolam por detrás dos edifícios". E por acreditar que os cirurgiões são anjos caminhando sobre o fio da navalha sem ferir os pés, retomo minha insistência em construi-lo idêntico ao Velho Marinheiro de Coleridge que "revelando sua história faz que as palavras adquiram estranhos poderes para atravessar a terra, dias e noites." Nos momentos melancólicos que me assaltam, recordo suas mãos "mãos que salvaram vidas", segundo a feliz expressão de Luís da Câmara Cascudo. E renovo, no meu espírito a esperança mítica, sempre que releio estrofe da Balada da prisão de Reading:

" Eu nunca homem vi que contemplasse
Com tão embevecido olhar,
Aquela pequenina tenda azul
Que os presos chamam firmamento,
E toda errante nuvem que passava
Com suas velas prateadas."

Sob este teto e nesta Casa, ao abrir as portas da imortalidade ao velho Tavares, modo carinhoso "que usava para dizer querido e velho amigo de todas horas, sempre solícito e leal, desprendido e bom", Onofre Lopes pronunciou, na saudação acadêmica, as mais belas palavras que conheço sobre meu saudoso pai. Expondo publicamente sua gratidão, revela que: "na minha condição de aprendiz de cirurgia, nunca me faltou a sua palavra de encorajamento, nunca me faltaram os seus

ensinamentos, nunca me faltou a sua orientação sensata e segura na conduta operatória." Na autoridade de grande condutor na criação da nossa Universidade, dimensiona o valor e a importância de José Tavares, enfatizando emocionado: " A sua obra está esculpida em 40 anos de arte. Está gravada nas salas de cirurgia, nas enfermarias, nos lares, no coração e na memória da cidade. Está na ajuda que deu aos colegas, está no ensino que ministrou aos seus alunos, está no exemplo de dignidade profissional, na austeridade e na beleza do gesto que faz da Medicina arte divina."

III

CENTENÁRIO DE FALECIMENTO DE AUTA DE SOUZA

CENTENÁRIO DE FALECIMENTO DE AUTA DE SOUZA

Há cem anos, falecia, em Natal, a "cotovia mística das rimas".

Nossa homenagem à memória da grande poetisa.

AUTA HENRIQUETA DE SOUZA
(Macaíba, RN, 12.09.1876 – Natal, 07.02.1901)

*Rejane Cardoso**

"Esvaiu-se em versos". Foi assim a sua vida, nas palavras de Edgar Barbosa, reportando-se à brevidade trágica dos seus dias, causada pela tuberculose, que contraiu aos 14 anos de idade. Era irmã de **Eloy de Souza** e **Henrique Castriciano**. Seu irmão, Irineu, morreu num incêndio. Ao irmão mais novo, João Câncio, dedicou os versos "Caminho do Sertão*": "Tão longe a casa! Nem sequer alcanço...*" Em Macaíba começou a estudar francês. Depois estudou no Colégio da Estância, de freiras francesas, em Recife. Seu irmão Henrique possuía muitos livros franceses. Daí **Auta** também ter escrito alguns versos em francês.

Era autodidata, aos sete anos lia e escrevia. Católica fervorosa, segundo narrou Henrique a seu biógrafo **Câmara Cascudo**, Auta surpreendeu ao assinar junto com escritores natalenses um manifesto de solidariedade em favor de Emile Zola, quando foi processado na questão Dreyfus, que era judeu. Zola era "*persona non grata*" para a igreja católica.

Cascudo levanta a hipótese de um amor platônico, certamente tolhido pelos ciúmes dos irmãos, o que vaza nos versos: "*Meu casto sonho! Lá se foi cantando/ talvez em busca de uma pátria nova. /Deixou-me o coração como uma cova,/ E, dentro dele, o amor chorando".* Seu livro "Horto"é bem recebido por intelectuais católicos brasileiros, como Tristão de Athayde, Andrade Muricy e Jackson Figueiredo, que escreveu longo ensaio em 1924. Otto Maria Carpeaux a inclui entre os simbolistas; Manuel Bandeira escreveu um artigo sobre a emoção de ler sua vida biografada por Câmara Cascudo. Nestor Victor escreveu sobre a poetisa longo ensaio reeditado em livro datado de 1919.

Auta, embalou nos braços mornos o pequeno Cascudo, como ele sempre gostava de contar. Ainda comemorou com um "assustado"(festa residencial com danças) o seu último aniversário. Um mês antes de morrer, escreveu versos como quem se despedia da vida. Na Av. Rio Branco 445, na véspera de sua

morte, ouviu os "Sermões" do Padre Vieira lidos por Eloy. Na madrugada de 07 de fevereiro pediu para chamarem o **Pe. João Maria**, que lhe deu extrema unção. E na despedida, **Pedro Velho** beijou sua face, além de escrever à família uma carta emocionada.

Foi sepultada no Cemitério do Alecrim e em 1906 seus restos mortais foram trasladados para a Matriz de Macaíba, no jazigo da família, onde não figurava o seu nome. No local onde Auta plantou um jasmineiro, em Macaíba, hoje funciona o grupo escolar que tem o seu nome. Alguns dos seus poemas foram musicados, fazendo sucesso durante décadas. Hoje também há centros espíritas pelo Brasil com o seu nome.

OBRAS: ***Horto*** foi seu único livro, que inicialmente chamou de "Dhalias", . A 1ª edição esgotou-se em dois meses (Ed. A República, 1900). A 2ª foi feita em Paris, 1910, com prefácio de Olavo Bilac; a 3ª no Rio em 1936 com prefácio de Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima) e a 4ª em Natal, pela FJA., com os prefácios anteriores e notas de Henrique Castriciano.
Publicou versos nos Jornais "A Tribuna", "A República", "Oásis" e na "Revista do RN", sendo transcritos em outros Estados do Norte e Nordeste.

Fontes: CASCUDO, L. da C. – **Vida Breve de Auta de Souza** – Imp. na Imprensa Oficial. Recife. Natal, 1961./// **CASCUDO**, L. da C. **Alma Patrícia** – 1ª ed. Atelier Tip. M. Vitorino, Natal, 1921; 2ª ed. FJA, Natal, 1998./// **CASCUDO**, L. da C. **O Livro das Velhas Figuras** – Vol. 03. IHGRGN, 1989./// **WANDERLEY**, Rômulo – **Panorama da Poesia Norte-Rio-Grandense**, Edições do Val, Rio, 1965,/// **MELO**, M. Rodrigues de. **A. S.**, artigo *in* Revista do IHGRGN – Vol. LXVII – LXIX, Natal, 1976/77./// Coord. **MATHIAS**, Aluizio. **Poesia Circular – Antologia de Poesia do RN** – (poesia em transportes coletivos) – Apoio PROFINC – PMN/Funcart – Viação Cidade do Sol, Natal, 1996./// **A. S. em Quadrinhos** – Série Personagens da História de Macaíba – Nº 01 – Pref. De Macaíba – Apoio Setrans/RN, out.1993./// **LYRA**, Tavares de. **História do Rio Grande do Norte** – 3ª ed., IHGRGN, Natal, 1998./

// Coord. **BRASIL**. Assis. **A poesia Norte-rio-grandense no Século XX**, Ant. PMN/Funcart/Ed. Imago, 1998./// **WANDERLEY**, Ezequiel. **Poetas do RN**, Imprensa Industrial, Recife, 1922; 2ª ed., reprod. fac-similar; Sebo Vermelho/Ed. Clima/ Sebo Catalivros, atual e notas de Anchieta Fernandes, Natal, 1993./// **ONOFRE Jr.**, Manoel. **Literatura & Província**, EDUFRN, Natal, 1997. /// **WANDERLEY**, Ezequiel. **Balões de Ensaio (Crônicas)**, Tip. Comercial, Natal, 1919./// **FIGUEIREDO**, Jackson de. **A .S.**, Col. Eduardo Prado, 1º Vol . da série C, Ed. do Centro D. Vital, Tip. Do Anuário do Brasil, Rio, 1924. /// **SODRÉ**, Nelson Werneck . **História da Literatura Brasileira.** Ed. Civilização Brasileira, Rio, 1969. /// **BOSI**, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira.** Ed. Cultrix. S. Paulo. 1982./// **SILVA**, Domingos Carvalho da. **Vozes Femininas da Poesia Brasileira – Ensaio Histórico/Literário Seguido de uma Breve Antologia.** Conselho Est. de Cultura, S. Paulo. /// **OLIVEIRA**. José Osório de. **Líricas Brasileiras – séculos XIX e XX,** Portugália Editora, Lisboa, 1954./ // GONÇALVES, Magaly Trindade, **AQUINO.** Zélia Thomas de, **SILVA**, Zina Bellodi. **Antologia de Antologias**. Musa editora, S. Paulo, 1995./// **MAURICÉA**, Christovan. **Antologia Mística de Poetas Brasileiros**. F. Briguiet & Cia. Livreiros Editores, Rio, 1928./// **FARACO,** Sérgio. Seleção, Org. e Notas – **Livro dos Bichos – 1500/1900 – Poetas Portugueses e Brasileiros.** LPM. Ed., P. Alegre, 1997. /// **OLIVEIRA**, Alberto de. **Céu, Terra e Mar** – Prosa & Verso. Liv. Fco. Alves. Rio, 1925./// **MARTINS**, Mário R. **A Evolução da Literatura Brasileira** – I Vol. Notas Biográficas, Rio, 1945. /// **Dic. Enciclopédico Koogan – Larousse**. Editoria de **HOUAISS**, Antônio, Ed. Atual. Pelo Censo Demográfico 1980, Rio. /// **CARPEAUX,** Otto Maria. **Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira,** Editora Letras e Artes, Rio, 1964. /// **GOMES**, Perilo. **Ensaios de Crítica Doutrinária. Uma Poetisa Católica.** Ec. Centro D. Vital. Rio, 1933. /// **PINTO**, Gizelda. **L. R. A. S. e a Estética Simbolista**, 1974./// **SOUZA,** Leal de, **A Mulher na Poesia Brasileira**, 1918. /// **VALDEVINO**, José. **A.S. na Literatura Brasileira – Rev. da Academia Cearense de Letras 50** – 148-62, 1956./// **VITOR,** Nestor, **A Crítica de Ontem.**/// **XAVIER,** Francisco Cândido. **A. S.** Poemas psicografados. Instituto de Difusão Espírita, 6ª ed. (28º ao 29º milheiro), Araras, SP, 1991. /// **Agenda Permanente da Literatura Brasileira.**

(verbete e retrato), MEC / Fund. Biblioteca Nacional / Depto. Nacional do Livro, 1993. /// **ARAÚJO**, J. A. Correia de. **A. S. e Poesias do Horto**, Tipografia Freitas de Azevedo, Recife, Pe. , 1915./// **SILVEIRA**, Tasso da. **As Mulheres Poetas no Brasil** – IV - **A. S.** nº 08, Terra e Sol, Rio. /// **Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira** – Org. **PAES**, José Paulo e **MOISÉS**, Massaud, Ed. Cultrix, S. Paulo, s/data. /// **XAVIER,** F. C. – **Parnaso Além Túmulo**, Fed. Espírita Brasileira, FEB, 1ª ed. 1931, 9ª ed., pág. 169 a 174, 1972./// **XAVIER,** F.C. Poema de **A.S.** psicografado *in* **Lira Imortal**./// **REGO.** Álvaro Marinho. **A. S.** Ed. Dom casmurro, Rio, 1939./// **FREIRE,** Natércia. **Poetisas do Brasil** *in* Rev. "Atlântico" nº 3, 3ª série, Lisboa, 1950./// **XAVIER,** F.C. **Cartas do Coração**, poesias psicog. Fund. Aliança Divino Pastor, Rio, 1952./// Esmeralda Campos Bittencourt reúne poesias de Auta psicografadas por **XAVIER,** F.C. *in* **Relicário de Luz**, Grupo Espírita Fabiano, Rio, 1962./// de A.S. psicog. por **XAVIER** F.C. e **VIEIRA**, Waldo in **Antologia dos Imortais**, Ed. FEB, 1962./ // Poesias psicog. por **XAVIER,** F.C in **Antologia Mediúnica do Natal**, Ed. FEB, 1966./// Ainda Poesias psicografadas por XAVIER, F.C. *in* **Trinta Anos com Chico Xavier**. Ed. Calvário, S. Paulo, 1967./// **Orvalho de Luz**, Ed. Comunhão Espírita Cristã, CEC, Uberaba, MG, 1969./// **Poetas Redivivos**, Ed. FEB, 1969,///. **Trovas do Mais Além**, ed. CEC, Uberaba, MG, 1971./// Também o livreto apostilhado **Campanha da Fraternidade Auta de Souza**, Inst. Espírita Paulo de Tarso, Ribeirão Preto, SP, 1972. /// **SIQUEIRA**, Esmeraldo, **Auta, Itajubá , Gothardo – coletânea de letras da ANL**. Nº 2, pág. 85 a 95, Natal, 1954. ///**WANDERLEY,** Palmira *in* **Revista da ANL**, ano IV, Nº 4, pág. 03 a 22, Natal, 1956.

(*) Escritora e jornalista, autora de "Erasmo Xavier, o Elogio do Delírio". Transcrito de "400 Nomes de Natal".

AUTA EM "OÁSIS"

Órgão do Grêmio Literário "Le Monde Marche", "Oásis" era, em fins do século XIX, uma das mais prestigiosas publicações literárias de Natal.

A Fundação Vingt-un Rosado publicou, em edição fac-similar, a coleção de "Oásis"(nºs 2 a 99 – 1/12/1894 – 18/06/1899), dois volumes, Mossoró, 1997.

Nesse precioso documento deparamo-nos com inúmeras colaborações de intelectuais natalenses, valendo destacar seis poemas de Auta de Souza, alguns destes reproduzidos no "Horto"(único livro da poetisa) com ligeiras modificações.

Transcrevemos de "Oásis"a primeira versão de um dos mais famosos poemas de Auta.

AO LUAR

A Mercês C. e a Maria Fausta E. S.

Astros celestes docemente louros
Giram no espaço em luminoso bando,
Ouve-se ao longe um violão gemente
E mais ainda n'um trinar dolente
Canções serenas ao luar voando.

Quanta tristeza pela noite clara!
Quanta saudade pelo azul boiando!...
Cuida-se ouvir, n'um dolorido choro,
As preces tristes de um magoado coro
De almas penadas ao luar rezando.

O Céu parece uma Igrejinha antiga
Que a Lua branca vai alumiando...
E essas Estrelas muito além dispersas
São rosas brancas no Infinito imersas
Monjas benditas ao luar chorando...

Os pirilampos pelas moitas tristes
Voam calados e sutís brilhando...
Lembram descrenças a bailar sombrias,
Ilusões mortas de passados dias,
Almas de loucos ao luar passando.

Flocos de núvens pela Esfera adejam
- Barcos de neve pelo Azul formando...
Semelham preces que se vão da Terra,
Almas mimosas que este mundo encerra
De criancinhas ao luar sonhando.

Elas parecem também velas brancas
Soltas atôa, pelo Mar vogando,
Leves e tênues, a correr imensas...
Pét'las de lírios pelo Ar suspensas
Aves saudosas ao luar chilrando...

Ai, quem me dera ser também criança!
Ai, quem me dera andar também voando!
Fazer dos Astros um barquinho amado,
N'ele vagar por todo o Céu dourado,
As minhas dores ao luar cantando!...

AUTA DE SOUZA

*Nilson Patriota**

Aos infiéis, Senhor, aos infiéis,
e não a mim, que creio o que podeis.
LUIS DE CAMÕES

Neste despretensioso esboço, fazemos referências à poetisa Auta de Souza – moça triste que escreveu ternuras. A nova geração bem pouco conhece sua obra – cremos nós. Por isso esclarecemos que não reportamos a um **gênio**, mas tão só a uma poetisa de gênio. Tampouco reverenciamos, imoderadamente, um vulto ou sua arte. Não lhe cantamos louvaminhas nem lausperenes. Buscamos, sim, dar a ambas – à poetisa e à sua obra – o lugar que lhes é devido no consenso da contemporaneidade, tantas vezes alheia aos feitos da inteligência e do espírito dos que, como ela, bem próximos no tempo, não tiveram oportunidade de ser, devidamente, visualizados pelos olhos severos e perquirentes da História.

Não é de sua vida que falaremos, mas de sua obra: pequeno livro intitulado "Horto". Muito embora aqui e ali façamos referências à crueza de seu destino insólito, marcado pela adversidade, importa-nos, sobretudo, sua conduta literária, desenvolvida durante o curto espaço de uma vida breve, dentro dos limites do meio provinciano em que nasceu e viveu.

Lembramos, com humildade, alguém que foi – inobstante o silêncio que a envolve, atualmente – quando não a maior, pelo menos a mais comovente expressão lírica de nossa nem sempre valorizada literatura nativa. E o fazemos agora – necessariamente agora – quando seus versos – fonte inesgotável de ternura e emotividade – há tanto esquecidos, desbotam no amarelo das empoeiradas páginas do "Horto", em meio aos alfarrábios de possíveis colecionadores ou antiquários das antigas letras potiguares, porém distantes, talvez, da cogitação ou do interesse mercantil de editores e livreiros.

"Desperta, coração! Vamos morar
numa casinha branca, ao pé do Mar..."

Ao relembrar seus versos, imaginámo-la adolescente e meiga; menina estudiosa a sublimar, num prisma de melancólico lirismo, sentimentos íntimos de angustia ou ternura, ou a derramá-los numa letra miúda e nervosa, nas páginas de seu caderno de notas, cheio de uma produção poética incipiente e já carregada de profusa tristeza, sentimentalismo e saudade.

Os que não vivemos seu tempo, dificilmente poderíamos compreender seu caráter, entender seu valor, se no-los não impusessem suas reais qualidades artísticas, testemunho perene daqueles que se destacam pela inteligência, a cultura e o saber. Porém é certo que, pessoalmente, Auta de Souza talvez não chegasse a impressionar. Mesmo produzindo poesia teria resvalado para o completo esquecimento, não tivera seu gênio se alçado além das condições intelectuais do precário meio ambiente, ou pelo menos se igualado às inteligências nativas que, em seu tempo, fundavam as bases culturais de nossa terra.

Ela foi, na realidade, uma moça simples como tantas outras que, em sua época, escreveram poemas, recitaram em saraus ou declamaram epístolas na Igreja.

No entanto, em seu caso particular muitos desses poemas, alinhados em estrofes simpáticas e cantantes, musicados em compasso de modinha, de tão decantados e festejados chegaram a marcar um período que, embora hoje em dia nos pareça remoto, pouco teve de sombrio, estéril ou triste.

Ao atingir notoriamente a sensibilidade dos leitores, seu verso de lirismo magoado e dolente insinuar-se-ia na corrente genética do cancioneiro popular de então, como que moldando-lhe o caráter com o firme e inconfundível traço de um certo saudosismo canoro e pungente, que foi a tônica culminante na arte dessa romântica criadora de belezas e enlevos poéticos.

Ao ler o "Horto", é bem possível que ainda hoje nos comovam os temas simultaneamente acrimoniosos e meigos que ali se alternam para nos dar a exata medida do estilo literário de sua autora, moça interiorana, possivelmente desgraciosa, enferma, solitária, mas nem por isso indiferente ao lado

sentimental da existência. Pelo que expressou em versos, é certo que viveu, sonhou e amou.

E, se foi solitária, monja não era; tampouco inclinada a prolongadas rezas. A crua face da vida lhe seria revelada, em forma de doença do interior para o exterior, e não do exterior para o interior, como acontece com certos temperamentos malsãos que enchem a metade ou mais da literatura universal em nossos dias.

O "Horto" é, inegavelmente, um livro de passagens bem tristes. É certo que foi escrito por alguém que sofreu. Não é, todavia, um escaninho de mórbidos pesares. Às vezes, suave ele é também. Numa espessa atmosfera de infinita solidão, aqui e ali, vemos, à tona, borbulhar a esteira lírica dessas canções dolentes que ensimesmaram gerações. E como a emergir de noturnas caladas aos nossos olhos transfoge a alma translúcida e branca da peregrina poetisa, que dir-se-ia já de todo embevecida em sua própria desventura, até deseclipsar-se na indimensional universalidade da saudade. Não deparamos com pesadelos, mas apenas com sonhos que, se não se fizeram coloridos, não foram, contudo, tão cruéis.

Perde muito, por certo quem não conhece ou nunca leu o "Horto". Não sendo um livro dedicado às benesses da existência, é, entretanto, um apelo ao humano, senão um preito de compreensão às adversidades – hino entoado aos percalços de quem, nos verdes anos da vida, viu-se compelida ao isolamento e ao pânico por um mal incurável. Por isso ele nos pode parecer, talvez, calcado sobre um fundo cinzento de estereotipada tristeza que se mescla numa romântica solidão permanente.

É espontânea nossa adesão ao "Horto". Através de sua leitura vamos, aos poucos, sentindo e descobrindo sua amena beleza.

Alçada pela tônica lírica do verso simples, sentimental e direto de Auta de Souza podemos vislumbrar, desde o início, a estrada que se abre para seu interior. "Horto" é jardim, embora melancólico. E é sobreplanando toda sua extensão que podemos melhor apreciá-lo. Em suas flores, gavinhas e ramos pendentes amarelece a nostalgia da própria condição temporal do ser que o descreveu, consciente da tragédia de seu próprio destino ante as precárias alternativas diuturnas da dor.

Em seu âmago – cenário glacialmente cromático e desmaiado pelos tons cinza-opacos de uma plasticidade sutil original – somos, então, dominados pelos efeitos de uma temática paradoxalmente aflitiva e lírica, que nos força a admirar particularidades de um estilo especialíssimo, único, talvez, em seu gênero, construído que foi desde o amálgama do sofrimento da comiseração e das incertezas, que são, enfim, o panágio dessa doce menina macaibense, vitimada pela cumplicidade de um destino em tudo adverso, que chamaremos de atroz. Há, porém, poesia e beleza em todo ele. E assim, somos levados a compreender que Auta de Souza não é mística, mas lírica. Ela não foi apenas a enfática pitonisa dos fados, a proclamada sibila da nostalgia. Sua mensagem poética se reveste de ternura e transborda dessas ricas e apreciáveis características subjetivas somente encontradas nos seres bastante aprimorados na escola da vida ou pelos ideais autênticos e elevados. Ademais quando, difundida em forma de canção, feita acalanto e sussurro, de longe vem – transpondo os umbrais da solidão seresteira do passado – espalhar-se, plenamente, nas noitadas boêmias e, na sonoridade chorosa dos violões, intumescer de ternura e sensibilidade suburbana, já deleitada com seus versos desde o albor do século até praticamente nossos dias...

"Brilham estrelas... Todo o Céu parece
Rezar de joelhos uma chorosa prece
Que a Noite ensina ao sofrimento e
à dor..."

(*) Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

IV

NOVO ACADÊMICO

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO VICENTE SEREJO

Senhores Acadêmicos,

Minhas Senhoras,
Meus Senhores

Parece que chego tão cedo, com esse resto de juventude que ainda trago no rosto, e no entanto, é tão tarde.

Demorei pelos caminhos.

Confesso que me deixei ficar como se fosse preciso apagar cicatrizes. Umas desenhadas no rosto. Algumas que riscavam as mãos. Outras que luziam no céu dos vastos campos da alma. Outras mais que se transformavam em chamas inventando noites.

E tudo porque era preciso esperar a clara madrugada.

Hoje, porque demorei, pago com a tristeza o preço de uma ausência. Aqui não está Ele, o mais orgulhoso da minha caminhada. Justamente Ele, tão humilde e tão Severino, que no silêncio estóico do seu olhar nada perguntava, mas mantinha engomada sua roupa de linho que pediu a mim, em segredo, para esta noite. O tempo passou tão depressa que quando olhei Ele tornara-se prisioneiro da doença. Uma bruma estranha envolveu sua consciência e uma névoa invencível acinzentou-lhe os olhos. Como seria bom, e justo, vê-lo aqui nesta noite.

Sem negar a humana vaidade, quero repetir, com o bom orgulho dos que chegam, as mesmas palavras de José Lins do Rego, o romancista nordestino da minha devoção pessoal, ao chegar à Academia Brasileira de Letras: "Aqui estou, mas não fiz uma caminhada de aventura". Como ele, também um cronista, a Academia "não foi para mim uma idéia fixa, nem vendi a alma ao demônio para obter a imortalidade". Chego, e para repeti-lo ainda uma vez mais: "sem alvoroço, sem atropelar a glória dos outros, sem arrependimento e sem temor".

Chego por inteiro.

Sentindo a companhia dos meus vivos queridos e de todos os meus mortos inesquecíveis. Chego para ser desta Casa. Para defendê-la e honrá-la. Porque agora, transpostos seus umbrais, ela faz parte de mim e da minha própria vida.

Mas, para chegar, foi preciso antes bater à sua porta.

Pedir para ser um dos seus.

Para chegar, e sentar-se à sua mesa, foi preciso submeter-se ao crivo dos seus escrúpulos. Trazer a prova da palavra escrita. Receber o voto livre de cada um, e, livremente, merecê-los, para cumprir a exigência formal da maioria absoluta e insofismável.

Porque para chegar a esta Casa é preciso ter o desejo honesto de ser um dos seus, a dignidade de confessar esse desejo, e a humildade de pedir.

Chego tocado pelo vinho da ilusão literária. Por isso cumpri sem soberba a liturgia da Casa sonhada por Henrique Castriciano e Câmara Cascudo. Venho para ser também um caminhante em busca dessa luz que nasce e ao mesmo tempo se reflete no espelho do seu próprio lema – Ad Lucem Versus.

Falo de ilusão não por acaso.

Mas porque este é o encanto maior da condição humana. E nem precisaria que fosse apenas a ilusão literária, essa que acende em nós, no azeite de nossos melhores sonhos, a chama eterna da imortalidade. Fôssemos os mais comuns dos homens e seríamos tão universais quanto os deuses. Porque até os deuses, cansados da lógica, essa deformação do cérebro que São Thomaz de Aquino tanto temia, até os deuses inventam ilusões e se deixam iludir.

É bíblico o desejo do homem de ouvir e de inventar ilusões. Os judeus já pediam ao profeta Isaías que enganasse seus ouvidos com histórias agradáveis.

Os gladiadores romanos não morriam sorrindo como imaginava a crueldade do rei no prazer mórbido do espetáculo. Era só ilusão. Atingidos no diafragma pela ponta da espada do adversário, pareciam soltar um leve sorriso, quando na verdade dos seus lábios apenas fugia um esgar nervoso, fruto amargo da dor e do espanto.

O Visconde de Santo-Thyrso no seu tão antigo De Rebus Pluribus que conservo perto das mãos numa velha edição portuguesa da Livraria Chardron, mesmo ele, encontra no seu ceticismo irônico, ao escrever sobre a avareza, uma gota de pura ilusão. Quando nos conta que um dia um rei, tendo dificuldade de encontrar quem lhe desenhasse a efígie para ser reproduzida nas moedas do seu reino, por um instante se deixou iludir pela glória e determinou que substituíssem seu rosto por uma cabeça de mulher porque assim seria amado por seu povo.

François Mauriac, no discurso ao receber o Nobel de Literatura, confessa ter sido um homem sem fé, mas termina revelando que era na esperança que abrigava, como uma ilusão, o segredo de sua paz.

Camus, na mesma Academia, sentindo a dor da solidão e declarando-se rico apenas de dúvidas, fez a mais simples e mais bela de suas confissões: Não me é possível viver sem minha arte.

Neruda citou Rimbaud para confessar que se a paciência ardente fosse capaz de conquistar a cidade esplendorosa, a cidade onde há luz, justiça e dignidade para todos os homens, a sua poesia não terá sido inútil.

A Ilusão Literária é título de um livro de ensaios do muito lido Eduardo Frieiro. O mineiro que ensinou Minas, tão fechada entre montanhas, a ler Proust e Leopardi; o humor negro de Papini e o pessimismo de Camus. É na abertura do seu livro que ele pergunta: "Para quê escrever". E ele mesmo responde: "Para nada". Mas a seguir, num instante de transcendência mágica, se agiganta e avisa: "Mas é justamente esse nada – a ilusão literária – que é tudo".

Bela e triste, mas profundamente humana, é a ilusão de Gérard de Nerval e suas quimeras. Logo ele quando nos ensina que mais pobre do que os prisioneiros são os carcereiros, porque estes não podem, sequer, sonhar com a liberdade.

Bilac acreditava que era possível ouvir e entender estrelas.

Há um Balzac, aquele das Ilusões Perdidas, que reconhece, com a certeza dos que escrevem nos troncos dos plátanos nas manhãs de outono, que "o melhor da vida são as ilusões da vida".

E um Eça, que além de escrever ao seu amigo Bertrand, na correspondência de Fradique Mendes, para dizer que a ilusão é tão útil como a certeza, ainda nos salva da mesmice do apenas real quando cobre a nudez forte da verdade com o manto diáfano da fantasia.

Austregésilo de Athaíde, ao encerrar seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, depois de ser saudado por Múcio Leão, disse com serenidade e humilde gratidão que se aquela hora fosse o último sopro de sua alma, partiria convencido de que "a ilusão não é somente a mais bela, como a parte mais fecunda da realidade".

Não foi à toa que o crítico José Aderaldo Castelo estudou, num longo ensaio, a ilusão em Machado de Assis. A precisão de lâmina do estilo machadiano capaz de imitar com perfeição o olhar humano. Foi com a arma da ilusão, tão bem manejada pelo gênio do Cosme Velho, que se manteve até agora a sensação de dúvida diante do olhar de Capitu. Ninguém sabe até hoje se era só nos seus olhos que nascia uma lágrima de saudade quando todos choravam de tristeza, ou se de Capitu, morno e sofrido, fugia um rio de águas tristes diante da morte do seu amor proibido.

A ilusão é a matéria de que são feitos os nossos melhores sonhos. O poeta Bandeira diante da notícia de que iriam demolir a casa onde vivera, avisou, como se fosse verdade:

Vão demolir esta casa,
Mas meu quarto vai ficar,
Não como forma imperfeita
Nesse mundo de aparências:
Vai ficar na eternidade,
Com seus livros, com seus quadros,
Intacto, suspenso no ar!

Mário de Andrade, no desespero de sua alma angustiada e sem sossego, suspirou numa tarde fria de garoas finas olhando sua Paulicéia Desvairada:

Eu sou trezentos, sou trezentos-e- cincoenta,
Mas um dia afinal eu toparei comigo.

Quem ensinou a Mariano Lemos, o poeta esquecido do Recife velho, que há uma lã feita dos nossos sonhos a fiar em nós o fio da ilusão?

Ainda ouço, como o sino triste e suave de uma aldeia distante, desde quando li a primeira vez, o verso sonoro do poeta Henrique Castriciano batendo, como se fosse um eco, no silêncio de rocha da gruta de Martins:

Há um coração na pedra que soluça!

Para que não falte ele, Cascudo, que num dos instantes mágicos da sua ilusão recebe no chalé da Junqueira Aires, anunciado por Anália, a visita de D. Quixote de La Mancha, eis o seu aviso:

A morte existe. Os mortos, não.

E mesmo que tudo nos faltasse, ainda restaria alisar os olhos no mármore negro do pedestal que sustenta a estátua do fundador da Academia Brasileira de Letras, Machado de Assis, com seu olhar de bronze, na ilharga do Petit Trianon, entre palmeiras, para encontrar na leitura de sua frase famosa o mais nobre fermento da ilusão:

"Esta a única glória que fica, eleva, honra e consola".

Sim,
Senhores Acadêmicos,
Minhas Senhoras e Meus Senhores

Foi o bom vinho da ilusão literária que embriagou as almas de Henrique Castriciano e Câmara Cascudo quando juntos fundaram esta Academia, numa noite de sonhos. Tempos depois, os acadêmicos decidiram ampliar o plenário de 25 para 30 representantes da vida intelectual do Estado. E um deles, escolhido à unanimidade para ser imortal, foi o professor Américo de Oliveira Costa.

A cada eleito para as cinco novas cadeiras, a Academia manteve o privilégio de conceder aos novos imortais o direito de

escolha de seus patronos, tal como fizera, por tradição, quando de sua própria fundação, em.1936.

Ali, naquele instante, começava diante de nós, discreto como a luz das brasas sob as cinzas, a revelação da grandeza intelectual de Américo de Oliveira Costa. Em 1949, ano de sua posse, aos 39 anos, já era o jornalista culto, o editorialista brilhante a brandir sua espada contra o nazi-fascismo. Já era um intelectual respeitado, e um mestre do Direito. Já vencera o desafio da vida pública como prefeito eleito de Bebedouro, hoje Agrestina, em Pernambuco; como secretário geral de governo, e procurador. Já palmilhava, com erudição e apuro estético, o território da biblioteca como seu grande habitante. Mas era ali, naquele instante da escolha do seu Patrono, num episódio aparentemente provinciano, a grande revelação literária desse homem de espírito e de gênio.

Porque só os olhos de um Américo de Oliveira Costa, tangidos pela sensibilidade de um grande leitor, seriam capazes de perceber, por entre as sombras indiferentes da província, a figura de Aurélio Pinheiro. Ele já ouvia, em Aurélio, não só as ressonâncias humanas e espirituais, como escreveu na abertura do seu ensaio magistral, mas tudo quanto acordava aquilo que ele chamou de "os mais íntimos e sensíveis índices de afinidade com as minhas próprias tendências ou gostos literários, os meus gêneros de estudo ou as minhas leituras prediletas".

Aurélio Waldemiro Pinheiro, patrono da Cadeira 27 – e confesso com um certo desgosto - lamentavelmente não nasceu em Macau, como pode sugerir o título do seu romance, mas em São José de Mipibu, há 118 anos, a 28 de janeiro de 1882. Como os filhos das boas famílias na segunda metade do século passado, o pai, Manuel Onofre Pinheiro, era major da Guarda Nacional; e a mãe, D. Maria Barbosa Pinheiro, das boas prendas do lar. Depois do primário, no rastro das qualidades intelectuais do avô e do pai, veio morar em Natal, onde depois seria nomeado funcionário do tesouro, enquanto cursava as Humanidades, no Atheneu, para só em março de 1902, iniciar o curso de medicina na Bahia.

Foi ainda aqui, na pequena e pachorrenta Natal daquele início de século, de sóis ingênuos e de luas brandas, que Aurélio Pinheiro deixou-se encantar pela vida intelectual. Era como se a ilusão literária quebrasse a vidraça da paz muito mansa da cidade,

entre as redações que praticamente sobreviviam nas pequenas tipografias, no Potiguarânia, no Centro Polimático ou no Congresso Literário que tinha em A Tribuna o veículo de divulgação de suas idéias.

Mas, um deles, por afrancesado que era nos seus traços, parecia dos mais vivos e interessantes: o Grêmio Le Monde Marche, fundado em setembro de 1894. Um pequeno e requintado jornal de idéias literárias que se colocava além do seu tempo mesmo exalando o perfume de uma belle époque aldeã, cheirando aos bogarís e resedás dos jardins da cidadezinha. É de Américo, numa síntese admirável, o retrato daquela juventude literária:

"...moços, ardentes, sonhadores, numa caravana luminosa..."

Depois, transformou-se na revista Oásis, hoje uma das maiores raridades bibliográficas do Rio Grande do Norte, e somente disponível para consultas na edição fac-similar da impressionante Coleção Mossoroense, gesto de Vingt-Un Rosado, esse Médici e sua Florença que ele inventou para nós, e para que não fôssemos tão pobres de tudo.

Em 1901, Aurélio pensa em publicar um livro de poemas – Cinzéis – mas termina por desistir de mostrar aos olhos do mundo seus alexandrinos, bem no talhe parnasiano, cheios de fulgor. Um verso, no entanto, a chave de ouro do soneto Primeiras Lágrimas, na forte dicção romântica de um poeta apaixonado, encanta a alma lírica de Américo, que o destaca:

Teus olhos ideais orvalhados de pranto.

A melhor descrição física de Aurélio Pinheiro, o claro enigma literário de Américo de Oliveira Costa na geografia humana e intelectual da província, ele obtém de Antônio Soares, o antigo, o poeta de Noivos:

"Era magro, alto, de porte elegante, cuidadoso no vestuário. Sóbrio, sem vícios, apenas amigo do cigarro, alegre e folgazão na intimidade e capaz de uma boa gargalhada, mostrava-se no entanto, às vezes, de temperamento irritável, indo até aos extremos. Intolerante para os que lhe caíam no desagrado, era afável e bondoso para os de sua amizade".

Aurélio Pinheiro retorna a Macau, já formado, em 1907. Como médico, atua também em Areia Branca, responsável pelo serviço de saúde do porto, e em Mossoró, onde além da medicina exercita a paixão literária nas páginas de O Mossoroense, mantendo a coluna Bilhetes da Serra, assinada com o pseudônimo de Stanislaw Pamplona. Uma crônica de ironia num estilo que lapidara, segundo Américo, lendo Eça, Camilo, Baudelaire, Castilho, Balzac, Voltaire e Diderot.

Ouçam este trecho de crônica, em tom confessional, que ele ergue há quase cem anos, sobre suas certezas científicas, suas humanas desconfianças, mas sobretudo sobre sua alma lírica, sempre sem perder a energia da comoção literária:

"E eu, miserável pecador, que em nada creio na terra, a não ser nas leis do Transformismo, no Sistema dos Primatas, na Força Centrífuga e na vaidade dos homens; eu que creio nas Moléculas, na Atomicidade da Matéria dispersa, no Quarto Estado Irradiante e na transmissibilidade dos micróbios; eu que sou descrente com o Padre Torquemada, creio em ti, ó doce olhar azul! Ó fios de ouro dessas tranças".

Em 1910, embarca para a Amazônia. Vai tangido por seu declarado espírito de aventura, e atendendo ao que ele mesmo chama, num dos contos de sabor autobiográfico do seu Gleba Tumultuária, de o magnetismo das águas. E só em 1926 edita pela Livraria Clássica seu romance de estréia, O Desterro de Umberto Saraiva. Ficção que Américo considera como reveladora de suas qualidades superiores de ficcionista no jogo da criação literária, tanto que mereceu, no mesmo ano, o prêmio de melhor romance regional da Academia Brasileira de Letras.

Um ano depois, em 1927, lança seu Gleba Tumultuária, também pela Livraria Clássica de Manaus. Uma composição de cenas e cenários do Amazonas, misturando amor e ódio, violência e ambição. Mas toma o cuidado de deixar, por entre a paisagem verde da floresta, o sinal camoniano da dor das coisas que passaram, quando lembra, saudoso, encarnando a personagem de Manuel Gato, o sertanejo do Seridó, fugido da seca e sonhando com a fortuna:

"Na minha cidade natal há uma colina verdejante de onde se avista o mar, a Fortaleza e aos arrecifes...".

É no estudo da gênese da criação aureliana, identificando as fontes das leituras eruditas do romancista, que Américo se supera. Com seu olhar minucioso e culto, percebe "o frêmito euclidiano" a presença filtrada de Anatole France, o sinal do ceticismo de Montaigne, o espírito geométrico de Pascal. Tudo, observa ele, "sem parecer pedante ou ridículo".

Em 1929, Aurélio deixa a Amazônia e vai, por sugestão do seu amigo Coelho Neto, com quem se correspondia, para a nova aventura: o Rio de Janeiro. Teve dificuldades iniciais de espaço na cena literária, como era de se esperar, mas logo antes da primeira metade dos anos trinta publica crônicas e artigos em periódicos de prestígio nacional como O Malho e a Ilustração Brasileira, além de organizar histórias em quadrinhos para o Tico-Tico retratando a vida de brasileiros ilustres.

É desses tempos, segunda metade dos anos trinta, a descrição de Peregrino Júnior lembrando dos seus encontros com Aurélio nas conversas da Livraria Leite Ribeiro, e fixada em traços rápidos, a pedido de Américo:

"...de um moreno queimado e sujo, enxuto de carnes, rosto magro e ossudo, olhos ardentes, fala descansada e triste".

Seu maior esforço intelectual Aurélio realizou ao concluir e publicar, sem data na folha de rosto, o Dicionário de Sinônimos da Língua Nacional, considerado o primeiro no gênero. Em seguida, escreve e publica o romance Macau, pela Adersen Editores, também sem registro editorial de data. Na opinião de Américo, e depois de analisar longamente a construção de sua trama romanesca, nunca Aurélio Pinheiro fora tão admirável na caracterização das personagens. Agripino Grieco, um dos nomes mais exigentes e cáusticos da crítica impressionista no Brasil daqueles anos, elogiou a técnica do humilde romancista nordestino, afirmando no seu livro Vivos e Mortos, que Aurélio tem capacidade de "transmitir a vida sem desfigurá-la, sem o horrendo vício do exagero".

Aurélio só alcança a consagradora Coleção Brasiliana em 1937, um ano antes de sua morte, e com aquela que seria sua penúltima produção intelectual: À Margem do Amazonas, considerado seu livro de maior ressonância. Em 1938, ano de

sua morte, ainda vive para ver circular Em Busca do Ouro, com o selo da Editora A Noite. Um romance que conta a história da ambição humana ao longo de um rio feito de águas, sonhos e pesadelos a procura da fortuna.

Uma endocardite envolve-lhe o coração cansado e Aurélio Pinheiro fecha os olhos para sempre a 17 de novembro de 1938, aos 62 anos, merecendo no dia seguinte um registro elogioso do Jornal do Brasil. E nada mais.

De novembro de 38 a dezembro de 49 Aurélio Pinheiro é uma ausência absoluta. Um morto sem herdeiros literários. Um órfão de lembranças. Esquecido de todos, espera que Américo de Oliveira Costa o ilumine como um sol obstinado a apagar as sombras que encobrem a sua vida e a sua obra, e como quem descobre uma estrela humilde que a noite dos tempos escondeu.

Senhores Acadêmicos,
Minhas Senhoras, Meus Senhores

Assim como não é possível olhar Aurélio Pinheiro sem os olhos de Américo de Oliveira Costa, tomo emprestado outros olhos, os olhos de André Maurois. Para com eles fazer como fez o crítico francês ao contemplar, em Périgord, na moldura de uma colina, a torre onde Michel de Montaigne escreveu seus ensaios.

Pois foi ali, naquela casa da Rua Mipibu, sob a pequena arcada que lhe serve de pórtico, e à sombra da Palmeira Marroquina que tanto encantava seu amigo Alvamar Furtado, clara recorrência afetiva no discurso que fez para elogiar a vida e a obra do amigo ilustre, foi exatamente ali que ele escreveu a parte mais madura e mais densa de sua obra: seus ensaios de aproximação, suas observações, suas anotações de leitura.

Ali tornou-se, definitivamente, o grande habitante da biblioteca. Ali ergueu sua torre, na ilharga dos morros e das colinas cheias dos ventos de Petrópolis, porque Natal foi sua Périgord.

Américo, o formidável Américo.

O ouvinte erudito dos grandes compositores clássicos. O jornalista refinado. O colunista de Pretextos, e de À Margem dos Livros. O crítico apurado e cuidadoso. O leitor requintado. O conferencista que sabia prender a atenção de todos. Para usar a expressão, no talhe perfeito da síntese da percepção nascida da convivência, vale repetir Alvamar Furtado:

"Um humanista incomparável".

O ensaísta culto e primoroso que se revela logo cedo, em dezembro de 49, quando escreve mais de cinqüenta páginas sobre Aurélio Pinheiro. Poderia ter publicado numa edição autônoma, e não apenas uma humilde plaquete, quem sabe seguida de uma antologia de textos – crônicas, contos e enxertos de romances de Aurélio. Não. Preferiu deixar adormecer na província sua pequena fortuna literária. Como se fosse íntimo, só para ele, o prazer de ter sido justo com Aurélio, realizando a fruição estética no plano da descoberta literária. Só muito depois, mais de quarenta anos, incluiu o ensaio consagrador no quarto e último volume d'O Comércio das Palavras.

É um privilégio, um prêmio do reinado dos mereci-mentos inexplicáveis, ter conhecido o professor Américo de Oliveira Costa, meu conterrâneo ilustre. Ter conversado com ele algumas vezes. E hoje poder deslizar os olhos sobre o dorso dos seus livros que repousam na estante, e tomá-los nas mãos, um a um, e vê-los, todos, carinhosamente autografados.

Relembro, comovido, a primeira visão do professor Américo que em mim tem a estranha força das coisas insondáveis. Foi numa rua do Grande Ponto. Eu era praticamente um menino. Ainda lembro: a minha mãe - que neste momento me ouve - naquela tarde me levava a algum lugar, quando apontou na direção de um homem que caminhava na calçada do outro lado da rua, e disse:

"Aquele é o Dr. Américo de Oliveira Costa. É um escritor e nasceu na sua terra".

Então fixei, para nunca mais esquecer, a figura daquele homem alto, de andar sereno, cabelos penteados, de óculos, gravata, vestindo uma roupa branca, o linho das pessoas

importantes da minha cidade. Só alguns anos depois, e eu já repórter de jornal, pude vê-lo e ouvi-lo de perto. Conversar com ele na Livraria Universitária nas manhãs dos sábados, e merecer, como mereci algumas vezes, entrar na sua biblioteca.

Um dia, ao vê-lo cercado dos grandes autores do mundo, caminhando por entre seus milhares de compa-nheiros ilustres perfilados nas estantes de sua biblioteca, pude afinal compreender a crônica de Edgar Barbosa quando recebeu a notícia da morte de Henrique Castriciano, e comparou o poeta de Ruínas e Vibrações a um Príncipe de Golconda a distribuir, numa aldeia humilde de vaqueiros e pescadores, todo o seu amor aos livros que era a sua fortuna.

Ora, como imaginar, tantos anos depois, que esta noite não é uma ilusão.

Senhores Acadêmicos
Minhas Senhoras e Meus Senhores

Ninguém substitui, na sua plenitude, um intelectual do porte de Américo de Oliveira Costa.

O que desejei e o que prometo, é sucedê-lo. Para que esta Cadeira 27 possa reunir, a partir desta noite e até que a minha noite chegue, três homens que embora intelec-tualmente incomparáveis entre si, são tocados da mesma ilusão literária e temperados com o sal da mesma terra.

É como se os olhos de Américo que reacenderam os olhos de Aurélio na noite de um dezembro como este, agora também ficassem acesos. E juntos, num milagre de ilusão e transcendência, pudéssemos olhar o nosso mar antigo, aceso em lua, como no poema de Gilberto Avelino.

Nenhum de nós teria a dimensão exata de um Américo de Oliveira Costa. Edgar Barbosa, seu amigo, ao recebê-lo nesta Casa numa noite de dezembro de 1949, pintou em cores definitivas o retrato da profunda impressão que Américo lhe causava. Com seu traço de estilista, percebe o homem tocado pela magia da ilusão literária e escreve, antevendo, no timbre do seu destino, aquele homem luminoso:

"Não sois um viajante que por acaso chegasse, sob a calma da noite, batendo a porta com as mãos vazias. Trazeis

para este cenáculo as honras e os lauréis da bela viagem que, desde a adolescência, empreendestes pelo país das letras, em cujas praias ensolaradas desfraldastes as velas do vosso barco, cheio da determinação aventurosa de um jovem marinheiro".

Américo de Oliveira Costa, modéstia à parte, nasceu em Macau, a 22 de agosto de 1910. Neste novembro que passou faria 90 anos. Filho de Pedro Vicente da Costa e de Victória Alves de Oliveira, aos dois anos estava órfão de mãe e, aos quatro, órfão de pai. Mas veio o bom destino e o menino foi ser criado, com carinho, por Dr. Eufrásio e D. Amélia. Ele juiz de direito de Mossoró e ela sua tia, irmã de sua mãe. Nascem ai, no chão mossoroense, suas raízes mais antigas e mais afetivas.

O menino Américo estudou no Colégio Diocesano transferindo-se depois para Natal, onde iniciou os estudos preparatórios. Mas foi concluí-los no Colégio Padre Félix, no Recife. Em 1931 já era acadêmico de Direito. Formado, iniciou sem soberba, mas firme, uma longa vida pública e intelectual que Alvamar Furtado, seu amigo, resumiu assim no seu Tributo a Américo:

"Como homem público deixou sua competência presente na Secretaria Geral do Estado, nas funções de Procurador, Professor de Cultura Brasileira na Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza, por muito anos professor da Escola Doméstica de Natal, da Fundação José Augusto, como membro do Conselho Estadual de Cultura, do Instituto Histórico e Geográfico do Estado, um dos mais ilustres membros da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, Condecorado pelo Governo Francês pelo seu amor à França. Membro do Pen Clube. E, afinal, professor Emérito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte".

Tem razão o mestre Alvamar Furtado, quando alerta, no seu discurso, que a riqueza da vida de Américo de Oliveira Costa "não permite uma maior abrangência num simples olhar pessoal".

Como revelar, em tão pouco tempo, corte a corte, huma dissecação rigorosa, a grandeza literária de uma obra como A Biblioteca e Seus Habitantes, livro que vale por uma biblioteca inteira, elogiado por Carlos Drummond de Andrade, Eduardo Frieiro, Homero Sena, Paulo Rónai, e tantos mais?

Seria pouco, muito pouco, vê-lo apenas como um bem ordenado acervo de frases e anotações. Porque é ali que Américo

parece fundar, nele mesmo, e com a força de uma revelação mágica que não lhe era mais possível evitar, sua nobreza pessoal. Ele que era tão humilde e tão despojado, incapaz de ostentar o estandarte de sua grandeza intelectual. E no entanto ninguém poderia fazê-lo mais do que ele.

Quem primeiro daria o seu olhar iluminador na direção da obra tentacular de Câmara Cascudo, para que nós todos o compreendêssemos melhor e mais profundamente, se não um Américo de Oliveira Costa, o humilde, classificando seu maior ensaio de apenas uma tentativa?

Sua Viagem ao Universo de Câmara Cascudo, Prêmio Nacional instituído pela Fundação José Augusto em 1968, para marcar os Cinqüenta Anos de Vida Intelectual do maior folclorista brasileiro, honra o título. Porque é uma grande viagem, erudita e profunda, até as fontes da formação cascudiana: sua gênese, seus métodos, seus múltiplos e poliédricos olhares.

A exemplo de Aurélio Pinheiro, ninguém enxergará a grandeza de Câmara Cascudo sem os olhos e a cultura de Américo de Oliveira Costa. Quando a editora José Olympio resolveu incluir Cascudo no grupo fechado de suas Seletas antológicas, ao lado de Gilberto Freyre, Carlos Drummond, Gilberto Amado, Peregrino Júnior e José Lins do Rego, entre outros, foi a Américo que a grande editora brasileira recorreu. Embora prejudicada na sua visão grande-angular pela restrição de selecionar, em razão de questões autorais, apenas títulos publicados pela José Olympio, ainda assim é a visão crítica de Américo a garantia da qualidade dos textos escolhidos.

A partir de 1989, começa a publicação dos quatro volumes da série O Comércio das Palavras, uma reunião do que ele, na sua humildade invencível, chamou de Textos e Montagens. É ali, já nos anos finais de sua vida, que o leitor incansável se entrega por inteiro ao trabalho de erguer a sua torre, à sombra de sua Palmeira Marroquina, como fizera Montaigne entre as colinas de Périgord. Eis a conclusão de sua grande herança, a única que transpõe os limites das coisas materiais.

Quem vivia, como ele, o esplendor de sua França? Como ler Proust e Balzac sem ele? Conhecer as Legendas Florentinas sem a luz dos seus olhos? Como visitar Eça de Queiroz sem ser em sua companhia? Como aprender um pouco da vida e da obra

de Gilberto Freyre, sem antes ser um caminhante ao seu lado? Como saber da dor de se perder um amigo sem sentir essa dor pulsando nele mesmo, quando escreve sobre a saudade de Hélio Galvão, a diminuí-lo na sua humanidade?

Atencioso com os mais jovens que o admiravam, e sobretudo generoso e paciente, registrou no terceiro volume do Comércio das Palavras a edição especial da revista Libéracion que compramos de presente para ele, numa livraria antiquária de Paris, em 1992. E onde estão 100 escritores do mundo respondendo a uma mesma e única pergunta: Por que você escreve? Ele recolhe e transcreve a resposta de Jorge Luís Borges porque bem poderia ter sido a sua:

"Escrevo para responder a uma urgência, a uma necessidade interior".

Como um amoroso na relação com os livros, não gostava de vê-los nos sebos. Para ele, mesmo compre-endendo a estranha vida dos títulos raros e esgotados que passam de mão em mão, se mal-arrumados e sujos, pareciam aos seus olhos como seres vivos, "melancólicos, tristes e cansados".

O quarto e último volume do Comércio das Palavras é lançado em 94. Depois de homenagear o "eminente professor e amigo Jean René Dupuy", como um símbolo da sua França, escreve e inscreve, na brancura da folha de rosto, numa estranha premonição, a partilha definitiva de sua fortuna, dedicando a todos os seus - sua mulher, seus filhos, suas noras e netos, e registrando a gratidão afetuosa do autor e do pai .

Nosso último encontro, na sua biblioteca, foi diante da imagem de Nossa Senhora da Conceição, sua madrinha de batismo, padroeira de Macau, a sua terra, e a quem rezava ao anoitecer. Pediu que rezássemos juntos. As vidraças da janela sobre sua mesa filtravam um resto de tarde. Era um instante mágico. Fiquei olhando aquele homem que parecia levitar, com seus olhos míopes, sobre as formas barrocas do panejamento da santa, num êxtase profundo.

O coração de Américo de Oliveira Costa parou na noite de primeiro de julho de 1996, aos 86 anos. Quando vim vê-lo, no salão térreo desta Academia, para o adeus silencioso ao macauense ilustre, não parecia morto. Tinha o rosto calmo e as

mãos sem as marcas do abandono. Ele apenas dormia. Como se repetisse, numa noite de ventos mansos tocando de leve sua palmeira marroquina, a anotação que fizera no primeiro volume do seu Comércio das Palavras:

"Cada um de nós constrói, à sua sorte e à sua maneira, a própria experiência da vida, numa lenta capitalização de conhecimento e compreensão das criaturas e das coisas...".

Américo de Oliveira Costa leu e por isso compreendeu a vida.

Senhores Acadêmicos,
Senhor Presidente,
Minhas Senhoras, Meus Senhores

Eu sou apenas um cronista.

Um colecionador de pequenas histórias.

Alguém a quem o destino concedeu o pobre ofício de escrever em jornais, esse livro de páginas grandes e soltas, tão efêmero e tão verdadeiro, porque tão próximo das grandezas e misérias da condição humana.

A minha literatura é bem aquela pequena literatura ao rés do chão de que fala Antônio Cândido. E eu só tenho a vaidade, como Borges, dos livros que li.

Rubem Braga, rabugento e irônico, acreditava, movido pelo seu ceticismo, que o cronista vive dos restos do banquete literário. E eu fico a imaginar: é como se depois da festa dos grandes romancistas, novelistas, contistas e poetas, os cronistas só então chegassem à mesa. E dos bicos de pão, dos nacos de carne e dos grãos do alvo arroz sobre a toalha branca das altas literaturas, inventássemos nossas pobres histórias para a glória humilde da leitura efêmera e passageira.

Só a generosidade dos Senhores Acadêmicos, aquecida pela chama dessa ilusão literária que arde no espírito dos homens de letras, seria capaz de permitir a honra de um cronista de jornal poder chegar a esta Casa. A Academia de Castriciano, de Eloy e de Cascudo; de Américo e de Oto Guerra; de Manuel Rodrigues e Newton Navarro; de Hélio Galvão e Jorge Fernandes. A Academia de tantas outras luzes.

Na verdade, eu sou um pobre homem da Rua da Frente.

Alguém que arrasta sua alma quixotesca ainda soprada pelos moinhos de ventos da infância, como quem guarda numa velha lata de biscoitos cheirando a baunilha a saudade de um tempo imenso de vida. De um pedaço de rio e de mar. E de uma rua antiga, hoje feita de janelas apagadas e alpendres adormecidos, com seus armadores que suspendem silêncios e lembranças, e de onde os grandes sonhos fugiram, um dia, num galope à beira mar.

Como eu gostaria, nesta noite de dezembro, de ser um rei para trazer comigo ouro, incenso e mirra. Mas o que trago de valor, e o que posso lhes oferecer, é apenas o amor aos livros.

Um amor que comecei a aprender nos anos da juventude, no Grande Ponto, a minha Escola de Sagres. Com Inácio Magalhães de Sena, Manoel Onofre Júnior e João Batista Costa de Medeiros, amigos da vida inteira. Na redação do velho Diário, com Sanderson Negreiros, o grande cronista de Quadrantes; com Luiz Maria Alves, o homem implacável que algumas tardes, enternecido, tomava um cálice de vinho do Porto e repetia trechos inteiros do De Profundis, de Oscar Wilde, ou velhos sonetos de amor que sabia de cor.

Com Otacílio Lopes Cardoso, o amoroso com os livros; Com Djair Dantas, uma coragem de jornalista que a minha geração perdeu; com Oswaldo de Souza, o inesque-cível, na sua solidão requintada; e com Oswaldo Lamartine, esse homem cósmico e genial, o estilista da etnografia brasileira, Príncipe do Sertão de Nunca Mais.

A minha riqueza é esse orgulho de ser filho do grande amor de Seu Severino e D. Benigna; ser irmão de Fátima, Alberto, Lúcia, Francisco Alberto e Marcos. Ser marido de Rejane, pai de Sylvia e Odyle, e de ter um novo amigo que se chama Daniel.

O que dói, e dói de não ter jeito, é não ter aqui o meu tio Newton. Mon Oncle. Meu tipo inesquecível de homem romântico e valente, agonizando no leito de hospital, lutando pela última vez. O meu tio Antônio, tão morto e tão vivo, há tantos anos numa viagem tão longa. Como dói não ter aqui a minha tia Edianewbe, o anjo da guarda que realizou o sonho do menino que desejava continuar seus estudos na capital. Queria poder ver seu rosto.

Ouvir sua voz. Visitá-la numa calma tarde de chuva e assim adormecer em mim essa saudade tão demorada.

Mas o que conforta, é viver nesta cidade tão bonita. É esperar o verão que renova a alegria de viver. É ver as janelas outra vez acesas para a festa do sol. Sentir o perfume dos cajus, das mangas, das mangabas. Ver a chuva sobre os morros. Mergulhar os olhos no seu rio. Tomar banho no seu mar de águas amornadas. É ouvir as vozes da minha gente simples na vila humilde da Redinha e que mais parecem harpejos de um hino ao milagre da vida. É saber que outra vez as noites vão amar as madrugadas. E desse amor nascerão os dias. E desses dias será feita a vida. E dessa vida uma nova paixão de viver.

Chego ao fim da minha jornada literária.
Da crônica geral das minhas emoções antigas.
Do meu inventário de ilusões.

Agora, comovido com a paciência, tão humana, dos que me ouvem, preciso apenas de um segundo para elevar o espírito e repetir, na noite solene, os versos de Antero de Quental, velhos de mais de um século, eternos como a ilusão:

A galope, a galope, ó fantasia,
Plantemos uma tenda em cada estrela!

Muito obrigado a todos.

DISCURSO DE SANDERSON NEGREIROS SAUDANDO O NOVO ACADÊMICO, NA SUA POSSE NA ANL, EM 19.12.2000

VICENTE SEREJO:

Bem no começo dos anos setenta, a gente assomava à redação do Diário de Natal, exatamente às sete horas da manhã. Parava meu carro debaixo de árvores, plantadas amorosamente por Luiz Maria Alves; cumpria o ritual de ouvir o rumor, por sinal feito de silêncio populoso, que o bairro de Petrópolis empresta aos poetas desavisados e navegantes. Lembro que minha condição de chefe de reportagem de jornal exigia a presença de chegar mais cedo, porque os repórteres me esperavam para a pauta do dia. Eu saía do carro, olhava a paisagem, insistia na rápida contemplação de um pedaço de mar, que sempre se debruava num instante visual da Redinha. Havia vozes de pássaros, incansáveis, porque os pássaros não se cansam de cantar o amanhecer e pressagiar a noite, para eles sempre luminosa.

Com a responsabilidade que me cabia, eu tinha de dar o exemplo que a vida de um jornal exige. Me dava conta do meu destino disciplinar e obrigatório. Se os repórteres não tinham chegado ainda, eu ouvia a voz de Vicente Serejo. Ele sempre esteve presente às suas obrigações meia hora antes. Ao entrar na redação, enorme como um salão de festa, sempre me saudava com uma novidade. Não era uma novidade do dia frágil, só momentâneo; era a notícia que ele sempre soube descobrir: o mundo tem surpresas, tem angústias, tem ilusões necessárias, mas, sobretudo, a alegria de existir. Aí, para minha certeza de conhecê-lo, comecei a querer-lhe bem como se eu fora um irmão mais velho. E tenho convicção, apesar de ter havido distâncias e desapro-ximações, tão comuns na vida, principalmente quando me distanciei do jornal, sempre tive nele e com ele a referência de encontrá-lo no cais da partida ou porto de chegada: os barcos sempre se encontram depois da circunavegação que o destino nos traça.

Quando o conheci, poucos tempos anteriores, nessa mesma manhã nascitura – glória de todo jornalista – ele apareceu diante de mim, jovem de 17 anos, para mim desconhecido, e disse: "Vim me apresentar. Vou ser repórter". Olhei para ele e concluí: "Alves já me falou em você. E você tem uma grande matéria para começar como jornalista: vá ao Detran, no Alecrim. Não tem prazo para entregar o que você escrever. O único prazo compete ao repórter escrever tudo o que viu, o que ninguém vê, o que ninguém sabe e sua missão é descobrir o que nunca se disse e nem dirá sobre esta repartição". Não havia, naquela época, carros muito disponíveis. E o repórter começava andando a pé. Ou de ônibus, ou caminhando, ele saiu do alto da Avenida Deodoro, e atingiu o Detran, perdido ou encontrado na tumultuosa realidade que o bairro do Alecrim revela. E voltou, um dia depois, com uma reportagem vitoriosa: descobriu o que era possível, e marcou o início da reportagem com a frase de quem nasceu para ser repórter.

Começava assim a matéria que ele escreveu: " Em todas as salas encontrava-se uma placa que dizia: proibida a entrada de pessoas estranhas". Desde então, sua vida de perscrutador de almas, de analista do quotidiano, de anunciador da poesia do mundo, de navegador de paisagens vitoriosas e anônimas, de singular e exímio auditor de contas do que na vida se gasta e se ganha e se guarda; de absoluto acolhedor de confidências e cismático vigilante de ausências, de vidas e mortes; de marinheiro de barcos naufragados e ressuscitados e capitão de curso de rios; de senhor relativamente moço de domínios e de auroras; faroleiro esquecido de sinais aprendidos e apreendidos; garantidos de certezas e dúvidas, ouvidas e memorizadas; faroleiros de luzes que ganham distâncias; convertedor querelante de músicas, sons e presságios; metódico no que pode a memória guardar de gratidões e crepúsculos; vigia anônimo dos morros que circundam a vida toda do Tirol; embarcadiço das praias inatingíveis de Macau; guarda noturno que podia ter sido nas torres da Catedral antiga, conhecendo, através das cores, e semáforos e sextantes, navios que se perderam, que chegam, que desaparecem; memorialista de coisas tão simples e ricas que a ele parecem absolutas; monge que quis ser no silêncio de uma saudade que, é a presença de Deus – tudo isso é que eu vejo e antevejo, com a sensibilidade

de conhecê-lo, ele que chega agora aos 50 anos e repete a frase com que começou a sua primeira reportagem: "Proibida a entrada para estranhos".

Serejo:

Como todos reconhecem, sua entrada nesta Academia é resultante de uma faina ininterrupta pois, diariamente, você consegue trabalhar a palavra com a virtude de protegê-la, consagrá-la, enriquecendo-a plasticamente, dando-lhe a visualidade de horizontes insuspeitáveis e guiando-lhe por caminhos da poesia de estética meditação. A palavra, tão empobrecida hoje, maculada por mãos inábeis e impuras, que chega a ser, às vezes, no coloquialismo, uma simples interjeição onomatopaica de primatas! O que Vicente Serejo tem escrito, ao longo de mais de vinte anos, tem tido o clarão da memória de que sabe o minuto côncavo da poesia com precisão cirúrgica da exatidão e da objetividade exemplar que o jornalismo sabe ensinar a quem pode aprender. Os fatos e os fastos do quotidiano presumem uma testemunha, mas força é saber mencioná-los, atemporais e vertiginosos.

Aqui não cabe analisar a diferença entre jornalismo e literatura. Valemo-nos da definição de que cultura é tudo aquilo que o homem faz, produz, com criatividade. Os estetas da vigésima Quinta hora insistem em firmar e afirmar um conceito menor de que a crônica, por exemplo, é um gênero literário de pobre significação. Não. A crônica é o diário íntimo do repórter, do jornalista, do escritor, que em vez de guardar suas impressões, de sua visão interior e exterior do espetáculo da vida, em gavetas de esquecimentos, faz a doação de sua solidão privilegiada aos leitores do jornal. Otto Maria Carpeaux ensinava que as melhores páginas de Machado de Assis estavam nas "Crônicas do Velho Senado"; e isso é tudo.

Senhoras e Senhores: Vicente Serejo chegou a Natal em 1960, com nove anos de idade. A cidade grande se afirmava com seu espírito de precoce curiosidade. Estudava, mas, sobretudo, trabalhava – e começou a fazê-lo muito cedo. A vida o levava a contactos que pressagiavam, nele, um futuro escritor; lidava com revistas e livros, até seu tio, o inesquecível Antonio Serejo, arranjar-lhe um emprego na biblioteca do Tribunal de Justiça. Daí em diante, os livros nunca o abandonaram, nem ele

deixou de amá-los, num comércio espiritual incessante, verdadeira guerra santa de busca de originais impressos, que jazem em velhas e dromedárias livrarias, que tanto podem estar no Brasil, como em Portugal e na França.. Serejo diz que herdou do avô a gargalhada – ri muito, chora pouco, mas se comove muito. É generoso, fiel, amigo, mas de temperamento forte, quando sente a injustiça humana bater na sua porta e na porta dos quem ele quer bem. Dona Benigna, sua mãe, é a sua padroeira; ela tem um halo de bondade circulante. É bela nos seus setenta anos, suavizada por uma maneira própria de cativar. Nesse altar cabem outros santos: Mário de Andrade, Luiz da Câmara Cascudo, Manoel Bandeira, Ribeiro Couto e José Lins do Rego. Mas suas admirações literárias tem lances curiosos: ao visitar em Paris, a casa de Balzac, apanhou as folhas da rua e as distribuiu nas páginas dos livros que forma a Comédia Humana. Ouviu, em certa noite de sonho, a tosse tísica de Katherine Mansfield, a contista genial, tão cedo levada dessa vida.

GRAVIDADE

Mas, em tudo, há um centro de gravidade, que move desde a fuga das galáxias até o inquieto coração humano. Esse centro de gravidade aconteceu em 1968, quando uma jovem natalense voltava de Paris, tocada pelos ares novos da revolução estudantil, que arrancava paralelepípedos da rua e conseguiu destronar do poder o General De Gaulle. Essa jovem iniciou um programa de música na Rádio Rural. Era época do tropicalismo. Serejo escreveu a ela uma carta em defesa da MPB. Dessa divergência passageira, nasceu uma convergência eterna. Vicente conheceu, então, Rejane Lopes Cardoso – e nunca mais a perdeu, sequer de vista. Encontraram-se para sempre. Ela morava na rua Afonso Pena, donatária das manhãs do Tirol, pastora das tardes e namorada que esperava, no portão guardado pelo cheiro dos bogaris, o namorado audaz. Vi-os – meninos, eu vi. Eu, que mais tarde fui seu padrinho de casamento, surpreendi-os, certa vez, passeando na calçada, que hoje me parece infindável. A cena hoje soa com um romantismo fora de época. Mas tudo era tão puro, tão espontâneo, tão verdadeiro, que, agora, a ternura humana demora a repetir quadros assim tão intensos. Tudo isso

acontecia sob a égide amorosa de Dona Clóris e seu Omar, pais de Rejane, cuja casa visitei tantas vezes. Hoje, velho Serejo, os anos se passaram numa cadência quase militar, repetindo a batida forte das teclas da máquina de escrever do Coronel Leão Filho, batidas que formavam minutos, minutos que se rememoram hoje como pequenas eternidades. Hoje, autor de três livros, professor universitário, cronista mor da cidade, analista de bons e maus costumes da política, você e Rejane são, principalmente, autores de Sylvia e Odyle. Amoráveis, amorosas, cheias de inteligência e sensibilidade,

Não lhe faço o elogio acadêmico. Dou-lhe o teste-munho de quem o conheceu tão cedo: a mortalidade ou a imortalidade são conceitos empobrecidos e empobrecedores. Há os que doam o que sabem – como Câmara Cascudo. Há os que doam o que têm – os santos, na bondade crescente. Há os que doam o que sentem. Há os que sentem e sabem, como Oswaldo Lamartine, nosso comum padrinho espiritual. Há os que doam a experiência como a singular presença do professor Oswaldo de Souza, seu mestre.

Da praça das Cocadas, ali no Grande Ponto, onde você começou a discutir literatura, até esta noite, nesta Academia Norte-rio-grandense de Letras, sob as arcadas árcades, construídas a golpes de coragem por Manoel Rodrigues de Melo, o grande Manoel, muitos entram, vindos do outro lado da margem: a terceira margem. E outros saem. Fazem parte de várias vidas: vão e vêm, chegam e partem novamente. E, entre eles, assoma e avulta Américo de Oliveira Costa, patrono de Serejo, figura que marcou, com nobreza de vida, com sabedoria universal, com erudição e escolha, com elegância de gestos; e significou para mim a possibilidade de conhecer alguém olímpico, sem perder a simplicidade, bondoso até a timidez de demonstrar essa bondade.

Em fim, parodio o poema de circunstância, guardado por Lenine Pinto, tão ao gosto de Manuel Bandeira, que o pernambucano Thomás Seixas escreveu sobre José Gonçalves de Medeiros. O poema é da década de quarenta, escrito no Rio de Janeiro. Eis os versos resumidos:

"A poesia nesta manhã de Domingo é este passeio inconseqüente de bonde;

A poesia esta manhã é a neblina que cai sobre o Jardim de Alá;

A poesia esta manhã é o meu amigo José Gonçalves de Medeiros, que chegou."

Acrescento: "A poesia esta noite é o meu amigo Vicente Alberto Serejo Gomes, que chegou entre nós".

Shakespeare dizia que, às vezes, a vida nos faz donos do nosso destino.

O destino agora é todo seu. Ó Monsieur Vincent.

V

VÁRIA

NATAL, UM LUXO DA NATUREZA

*Diógenes da Cunha Lima**

Natal deve ter a Cimeira da Poesia. Se Deus, os governos, homens e mulheres de talento ajudarem.

De fato, Natal é uma cidade agradável, como o nome indica. Não tem a beleza monumental, espetacular do Rio de Janeiro, mas tem a beleza miúda, o encanto do detalhe. Olhe Natal com amor e você vai ver, a cada minuto, uma paisagem bonita. O Parque da Dunas tem mais de 1.100 hectares de floresta nativa. O Bosque dos Namorados é um privilégio único. O nosso Rio Potengi é muito mais bonito do que os rios famosos, como o Tâmisa, o Sena, o Mississipi. A nossa brisa - os ventos alísios - colabora para diminuir a agressividade dos homens e as rugas das mulheres. Quando chove aqui é água molhando a luz.

Natal tem também a sorte de ter nome traduzível. Em galego é **nadal**. Já foi, no tempo antigo, a mesma coisa em espanhol. Depois, a Espanha mudou para **navidad**. Mas a vizinhança não alterou a nossa língua. Em português **natividade** ficou reservado à Nossa Senhora. Pouca gente sabe que Noel quer dizer Natal. No sul da França, por evolução lingüística, passou a **nouvel** e, por influência de **nouveau** passou a ser Noel, Papai Natal, Papai Noel.

Nesta Cidade todo dia é dia de Natal. Fiz a frase, a pedido de José Narcélio, e o DNER colocou em placa na Via Costeira. Deu o que falar a turistas, visitantes e natalenses. Para minha surpresa e alegria, a Folha de São Paulo transformou-a em manchete do seu caderno de viagem. Moacir Gomes, o grande arquiteto, pensou em colocar a frase no Pórtico de entrada da Cidade para dar as boas vindas. Infelizmente, a maresia corroeu o metal e a placa foi retirada. Felizmente, Aécio Emerenciano, com natural maestria, pintou o texto em um quadro expressivo.

O natalense é leve, descontraído, alegre. Natal toda é um convite à poesia.

A nossa cidade tem tudo para sediar o encontro Cimeira da Poesia. Os grandes poetas do mundo e representantes de cada um dos Estados brasileiros se reuniriam aqui para viver poesia, para recitar composições, para fazer **chover** poemas sobre os habitantes líricos da Cidade, como aconteceu em Santiago do Chile. A Cimeira servirá para tornar conhecido o que aqui de bom se produziu, a partir de "o filósofo do Brasil, Luís da Câmara Cascudo" como o chamou, recentemente, Gilberto Vasconcelos.

Para que serve a poesia? Para muita coisa. Por exemplo, meu cunhado, Mauro, botava as filhas para dormir ameaçando: "Já para a cama, se não eu leio os livros do seu tio!" E todas iam, quietinhas, para a cama... Um primo meu, Fred Jofilly, quando publiquei Instrumento Dúctil, só o chamava de Instrumento Inútil. E acrescentava: "assim é toda a poesia..." Entretanto, Ortega y Gasset ensina que a poesia (toda a arte) é "uma atividade de libertação. De que nos liberta? Da vulgaridade." O poeta Enzensberger, com o poder verbal e ironia que chega ao sarcasmo para dez mil pessoas em Santiago recitou um poema sobre A Merda. E ninguém achou qualidades negativas na substância do poema. Antes despertou "fabulosas energias críticas". Já ironizara o Poeta: "poucas coisas sugerem que nossos estudantes e aprendizes negligenciem seus deveres esportivos, consumistas e copulativos para se integrarem sem inibições aos prazeres da lírica"

Os gregos, que sabiam das coisas, consideravam os poetas os homens que sabiam o futuro, vale dizer, profetas. Shakespeare considerava o poeta "um legislador não considerado". Shelley dizia ser o poeta um espia de Deus. Cada julgamento tem uma parcela de verdade. O importante é que aqui existe um clima espiritual para dar lugar e ressonância à poesia.

O Chile, com experiência recente, ajudará. Mantive contatos, inclusive com a diretora, minha amiga Ida Gonzales, da Fundación Pablo Neruda, que manifestou simpatia imediata para voltar a Natal e apoiar o evento. Poderíamos trazer a Natal poetas como Juan Guelman da Argentina, Yevgueni Yevtshenko da Rússia, Magnus Enzensberger da Alemanha, Adrienne Rich dos

Estados Unidos, Ernesto Cardenal. Virão, certamente, os grandes poetas do Chile, Nicanor Parra, Gustavo Rojas, Miguel Arteche, José Maria Memet. Virão ótimos poetas do Brasil, como os que lá estiveram, Ledo Ivo e Ferreira Gullar.

Vamos fazer a celebração da palavra com poemas, que dão vida bonita a uma realidade, nesta Cidade que é naturalmente pródiga, tem viço e vigor, a que se pode gabar sem modéstia.

A Cimeira da Poesia deve vir para Natal, um luxo da natureza.

(*) Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

ALGUMAS FONTES PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA DO BRASIL EM PORTUGAL: UMA NOTA INTRODUTÓRIA

*Professor João Batista Pinheiro Cabral**

INTRODUÇÃO

Por duas vezes, em 1976 e em 1979, tive ocasião de visitar arquivos e bibliotecas de Portugal com o objetivo de proceder a um levantamento propedêutico de seus acervos. Da primeira vez, em 1976, premido pelo tempo, fiz apenas uma lista, um roteiro e algumas rápidas visitas àquelas instituições. Em 1979, estando na Universidade Vanderbilt e sob a orientação de meu mentor acadêmico, o saudoso Dr. Alexander Marchant, um dos ,mais sábios e cultos professores que tive, surgiu-me a oportunidade de realizar, para meu próprio uso, um levantamento destinado ao estudo da História do Brasil e do mundo colonial português.

O Dr. Marchant passou-me as informações, escreveu cartas de apresentação, proporcionou-me contactos com outros pesquisadores e professores norte-americanos, portugueses e ingleses, com muitos de seus ex-alunos de diversas partes do mundo e com estudantes de Pós-Graduação interessados no assunto.

Vanderbilt, além de uma excelente biblioteca tinha, à época em que lá estudei, um rotável Centro de Estudos Latino-Americanos, onde predominavam os estudos relacionados com o Brasil[1]. Lá encontrei preciosas referências e informações publicadas sobre o que eu desejava realizar em Portugal.

---

[1] - A Seção Brasileira do Centro de Estudos Latino-Americanos da Vanderbilt University, inaugurada em 1946 pelo então recém-empossado presidente do Brasil, Eurico Gaspar Dutra, foi uma das pioneiras no estudo do Brasil e do mundo luso-brasileiro nos Estados Unidos e nos países de língua inglesa.

Foi, no entanto, o Departamento de História da Universidade Vanderbilt que me proporcionou a ida à Europa em 1979. Por recomendações deste Departamento tive o ensejo de participar da Reunião da **Anglo-American Historical Conference**, no Instituto de Pesquisas Históricas da Universidade de Londres.

Já que iria à Europa, resolvi, com o incentivo do Professor Marchant, passar um longo período no **Public Record Office** (Arquivo Nacional da Inglaterra) e um período menor em Portugal, examinando e vivendo as coleções relacionadas com o Brasil em particular.

Da experiência inglesa tratarei em outra ocasião; da portuguesa passarei a relatar a seguir:

Consultei na preparação deste trabalho inúmeros documentos, dos quais extraí informações e subsídios preciosos; nele não existe a pretensão de originalidade, desejando-se tão somente apresentar ao público interessado um pequeno guia para quem quiser se iniciar nos arquivos e bibliotecas de Portugal. Vale ressaltar, porém que outra viagem de pesquisa poderia - talvez - dar mais atualidade a este trabalho.

Aos muitos autores consultados, professores, pesquisadores, cabe grande parte do critério pelo que nele de proveitoso houver. Quanto aos erros e incorreções são exclusivamente meus.

Por fim, meus agradecimentos à Professora Nise Pires, que pacientemente revisou as garatujas, desde 1979 engravetadas, esperando uma competente e dedicada revisão.

(*) Do Departamento de História, H.I.S., da Universidade de Brasília, UNB, aposentado. Da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

1. Promoção da pesquisa histórica relacionada com o Império Português em geral e com o Brasil em Partarticular

O pioneirismo dos Colóquios Luso-Brasileiros

Representam os Colóquios Luso-Brasileiros (Luso-Brazilian Colloquiuns), que se realizam com uma certa regularidade há quase quatro décadas, um dos principais meios de promoção da pesquisa histórica do mundo português.

Durante o primeiro desses colóquios, que se realizou em Washington – U.S.A., na Biblioteca do Congresso, de 18 a 21 de outubro de 1950, uma das sessões foi dedicada ao tema "INSTRUMENTO DE PESQUISA ACADÊMICA". No decorrer dos trabalhos, o Professor Charles R. Boxer, um dos maiores estudiosos do Império Português, que escreveu extensivamente sobre este tema, apresentou uma bem estruturada colaboração intitulada "ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA COLONIAL PORTUGUESA"[2]; enfatizou aí a urgente necessidade de serem produzidos Guias e Publicações Documentais dos arquivos portugueses relacionados com a civilização e expansão portuguesas, importantes para a História de Portugal e para o Brasil.

Ainda nessa sessão, a pesquisadora Virgínia Rau expôs um interessante e muito informativo trabalho intitulado "ARQUIVOS DE PORTUGAL: LISBOA", no qual fez a descrição de cerca de vinte e cinco arquivos existentes na capital portuguesa. Foi uma exposição cristalina, sucinta e didática, que atingiu plenamente sua finalidade.

Também nessa primeira sessão dos Colóquios, o Professor Bailey Diffie brindou os simposiastas com uma aula magistral sobre "A BIBLIOGRAFIA DOS PRINCIPAIS GUIAS E PUBLICAÇÕES DOS ARQUIVOS E BIBLIOTECAS PORTUGUESAS"[3].

---

[2]- "SOME CONSIDERATIONS ON PORTUGUESE COLONIAL HISTORY" é o título em Inglês.

[3]- "BIBLIOGRAFY OF THE PRINCIPAL PUBLISHED GUIDES TO PORTUGUESE ARCHIEVES AND LIBRARIES", título do original em Inglês.

Todas essas Comunicações apresentadas cumpriram inteiramente os objetivos em vista e se encontram publicadas nos ANAIS DOS COLÓQUIOS INTERNACIONAIS LUSO-BRASILEIROS.

Esses **ANAIS** foram editados, durante muitos anos, pelo meu antigo Professor Alexander Nelson d'Armand Marchant, um dos primeiros e mais notáveis brasilianistas de todos os tempos e autor de um trabalho até hoje não superado, que tem por título **DO ESCAMBO À ESCRAVIDÃO**, traduzido, em 1943, por Carlos Lacerda e que recentemente mereceu uma nova edição. Este livro foi uma decorrência de uma tese de doutoramento, defendida na JOHN HOPKINS UNIVERSITY, em 1941.

A primeira publicação dos **ANAIS** ocorreu em 1953, em Nashville – Tennessee, feita pela Vanderbilt University, onde aliás, fiz meus estudos de doutoramento e onde o professor Marchant lecionou por muitos anos.

2. Publicações que orientam o perquisador

Em 1953 ocorreu a republicação da obra **OS ARQUIVOS E AS BIBLIOTECAS EM PORTUGAL**, de autoria do Dr. Antônio Ferrão; a primeira edição do trabalho fora feita em 1920.

Ainda em 1953, foi publicado um guia relativo a **INSTITUIÇÕES CIENTÍFICAS, LITERÁRIAS E ARTÍSTICAS PORTUGUESAS** pelo Centro de Documentação Científica de Lisboa.

Na década de 50 verificou-se, em países onde o estudo da História já era levado a sério, como Estados Unidos e Inglaterra, por exemplo, uma extraordinária renovação de interesse pelos estudos luso-brasileiros. Isto se percebe, claramente, no artigo que Gwendolin B. Cobb publicou na **Hispanic American Historical Review**, vol. XXXIV, fevereiro de 1954, pp. 110-135, no qual se discutiu o "crescente interesse nas coisas luso-brasileiras", que, segundo declaração do autor, tinham sido, por muito tempo, objeto apenas da preocupação dos pesquisadores nativos portugueses e de alguns poucos brasileiros.

A partir, pois, dos anos 50, ingentes esforços vêm sendo desenvolvidos no sentido de melhor se entender o mundo luso-brasileiro, pesquisando-se os arquivos onde se encontram os documentos dessa eletrizante epopéia, que foi a expansão portuguesa. O resultado foi um reexame, uma reavaliação da experiência colonial no Brasil e dos esforços pioneiros da expansão imperial portuguesa, bem como da subsequente ocupação das terras descobertas através da colonização. Esses dois aspectos do mesmo fenômeno histórico – a expansão portuguesa – têm motivado um grande número de pesquisadores, levando-os a se debruçarem sobre as fontes existentes em Portugal com o objetivo de melhor compreender a História do Brasil, de Portugal e do Mundo criado pela expansão marítima lusitana.

3. Principais arquivos de Portugal, museus, bibliotecas – suas localizações

Os vastos Arquivos de Portugal, seus magníficos Museus e numerosas e monumentais bibliotecas são riquíssimos em manuscritos históricos e trabalhos impressos, como também o são as Municipalidades, os Mosteiros e até mesmo as coleções particulares, muitas das quais não foram, até hoje, suficiente ou exaustivamente utilizadas por pesquisadores brasileiros. Isto foi constatado por mim tanto através de leitura e estudo, como por duas visitas que fiz a Portugal, em 1976 e 1979, com o fim específico de conhecer melhor algumas coleções do vastíssimo acervo lá existente.

De meus estudos e esforços pessoais visando melhor compreender o conteúdo básico das fontes de pesquisa bibliográfica portuguesa que interessam ao estudante de História do Brasil, concluí que não se encontra ao alcance do pesquisador iniciante um Sumário ou um Pequeno Guia que sirva de referência aos interessados no estudo da História Social, Econômica,

Política, Militar e Administrativa do Império português e do Brasil Colonial. Tal fato, evidentemente, torna difícil e até mesmo desencoraja e desestimula a ida de mais brasileiros a Portugal para consultarem arquivos e outras fontes bibliográficas, com indubitável prejuízo para nossa produção historiográfica. Há poucas e honrosas exceções, mas o desafio continua, mesmo com o considerável aumento do número de pesquisadores brasileiros que se têm dirigido a Portugal ultimamente. A maioria preocupa-se em estudar um só tema e pesquisa, em geral, um só arquivo ou, mesmo pesquisando vários arquivos, centra-se em um só tema. Assim, o manual de que tanto carece o pesquisador ainda não foi produzido.

Com a aproximação do 5º centenário da descoberta do Brasil, que se dará na virada do século, talvez seja uma boa oportunidade para a criação de um grupo de estudos que faça um levantamento atualizado das fontes disponíveis para o estudo da História do Brasil e do Império Português. Há todo o interesse que se elabore um manual introdutório, o que espero, ocorra em breve para servir nossos professores universitários e estudantes de pós-graduação. Isto dará também condições a iniciantes e pesquisadores, que dispõem de pouco tempo e recursos limitados, de melhor poderem aproveitar os verdadeiros mananciais que jorram dos arquivos lusos, mas que não são canalizados para a produção historiográfica. Cabe aqui um alerta para essa possibilidade e uma sugestão para que, depois de trabalhados os arquivos portugueses, "garimpemos" os arquivos de outras nações onde exista documentação referente ao mundo luso-brasileiro, segundo o sonho do grande e saudoso historiador brasileiro José Honorio Rodrigues.

Ao contrário da Espanha, que possui três grandes centros de estudos e documentação histórica – Madrid, Simancas e Sevilha – Portugal concentra grande parte de seu acervo histórico primordialmente em Lisboa, onde se encontra a maioria dos arquivos que tive a oportunidade de visitar.

Para se entender as razões dessa posição privilegiada de Lisboa, cabe aqui um breve retrospecto da História lisboeta, conhecida, aliás, por todos nós.

Lisboa já era um próspero porto desde o tempo da dominação árabe na Península Ibérica e foi cristianizada depois

de tomada aos árabes por D. Afonso Henriques. Este monarca fundou a Dinastia dos Borgonha em 1140. Lisboa foi capital durante todo o período dos Borgonha, que findou-se em 1383, por falta de herdeiro ao trono. Sucedeu-a a Dinastia de Aviz, cujo primeiro soberano foi D. João, Mestre de Aviz. Prolongou-se a Dinastia de Aviz até 1580, quando é descontinuada também por falta de herdeiro ao trono, passando Portugal pela experiência da unificação com a Espanha até 1640, quando houve a Restauração.

Mudaram as dinastias mas, devido a seu magnífico porto, Lisboa continua impávida como centro máximo da vida portuguesa e, mais tarde, do vasto império colonial.

Com a viagem de Vasco da Gama e as descobertas, Lisboa transforma-se, graças às especiarias, no mais movimentado e rico porto da Europa. Navios de todas as bandeiras singravam as águas do Tejo, entrando e saindo do movimentadíssimo porto.

A expansão do Império e subsequente descoberta de pedras preciosas e ouro no Brasil tornaram Lisboa ainda mais fulgurante. Nem mesmo o terremoto de 1755 conseguiu, em seu apocalíptico quarto de hora de duração, destruir a posição alcançada por Lisboa como centro do Império. Continuou sendo, e ainda o é até hoje, a grande guardiã das fontes para o estudo da História do Império Colonial Português.

Dentre os arquivos ali existentes, destacam-se os que apresentarei em continuação a este trabalho.

4. Arquivo histórico ultramarino

Este arquivo foi o substituto do outrora chamado Arquivo Histórico Colonial.

Foi criado por Decreto de 09 de junho de 1931 e instalado em um palácio do séc. XVI, que pertenceu ao Conde de Ega.

Fica perto da histórica Rua Junqueira, paralela ao Tejo, no famoso distrito de Belém. Fica a curta distância do Mosteiro dos Jerônimos e da Torre de Belém dos descobrimentos.

O endereço do arquivo é Palácio de Ega, Calçada da Boa Hora, nº 30, Lisboa.

A consulta é permitida aos pesquisadores e professores universitários credenciados e nele se encontra o mais importante acervo para quem deseja trabalhar documentos pertinentes ao império ultramarino português.

Essa instituição foi criada inicialmente com os propósitos seguintes:

- guardar e catalogar documentos relativos a todos os aspectos da História Colonial Portuguesa;
- promover a publicação dos documentos raros que possui;
- Organizar índices e resumos de manuscritos, que estejam em arquivos públicos ou particulares de Portugal ou de outras nações, relativos à história colonial portuguesa.

Tinha, ainda, a intenção de publicar a SÉRIE LEGISLAÇÃO COLONIAL, que havia estado até 1931 sob a égide do Ministério das Colônias ,e, ainda, o ANUÁRIO COLONIAL e o ARQUIVO DAS COLÔNIAS.

Assim sendo, o acervo do Arquivo Histórico Ultramarino contém hoje acervos de bibliotecas e coleções que outrora se encontravam de posse do Ministério das Colônias e de seus órgãos complementares, documentos de todos os Tribunais, repartições e instituições do Estado nas Colônias.

Nele ainda figuram os papéis do extinto Conselho Ultramarino, dos Arquivos da Marinha e do Ultramar.

Focalizando o aspecto das publicações do Arquivo, surgiu, em 1934, a série "COLEÇÃO DOS CLÁSSICOS DA EXPANSÃO PORTUGUESA NO MUNDO", de periodicidade irregular.

Existem, também, outras publicações de grande interesse para os que procuram o Arquivo Histórico Ultramarino com a finalidade de estudo, a saber: A SEÇÃO ULTRAMARINA DA BIBLIOTECA NACIONAL; CÓDICES DO EXTINTO CONSELHO ULTRAMARINO: ESTUDOS E NOTAS de autoria de Hedwig Fitzler, e CÓDICES VINDOS DE MOÇAMBIQUE por iniciativa de Antônio Ennes e CÓDICES DO ARQUIVO DA MARINHA,

anotados e com uma introdução de Ernesto Ennes (publicados em 1928, em Lisboa). Essas publicações foram originariamente solicitadas pela Biblioteca Nacional e depois transferidas para o Arquivo Histórico Ultramarino.

Encontram-se, ainda, publicações de trabalhos importantes, escritos por diligentes funcionários do Arquivo, destacando-se:

- "A FUNDAÇÃO DO GOVERNO GERAL NO BRASIL E O ARQUIVO HISTÓRICO DE LISBOA"de autoria do Dr. Alberto Iria e publicado nos ANAIS DO IV CONGRESSO DE HISTÓRIA NACIONAL, vol. II, 1950;

- "A BAHIA NO ARQUIVO HISTÓRICO COLONIAL DE LISBOA", publicada, também em 1950, nos referidos **ANAIS**;

- "A ORGANIZAÇÃO DOS SERVIÇOS DO ARQUIVO HISTÓRICO", vol. I, 1950, pp., 1-83, do **BOLETIM DO ARQUIVO HISTÓRICO COLONIAL**, artigo contendo importantes informações a respeito do Arquivo Histórico Ultramarino, sua organização, sistema de registro, classificação e reclassificação e que, inclusive, possui ainda dados referentes aos microfilmes possíveis de se obter por compra;

- "O INVENTÁRIO GERAL DOS CÓDICES DO ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO APENAS REFERENTE AO BRASIL", cujo autor é também Alberto Iria; esse trabalho constitui fonte para a História Luso-Brasileira; a Memória apresentada no IV Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros baseou-se em dados dessa obra (o IV Colóquio realizou-se na Bahia, em 1959, e o trabalho foi publicado em **STUDIA**, VOL. XVIII, Agosto de 1966, pp. 41 a 191).

Há, ainda, os trabalhos de Luiz da Fonseca – "ÍNDICE ABREVIADO DOS DOCUMENTOS DO SÉCULO XVI DO ARQUIVO HISTÓRICO COLONIAL DE LISBOA" publicado nos **ANAIS DO PRIMEIRO CONGRESSO DE HISTÓRIA DA BAHIA**, VOL. II, 1950 pp. 7 a 353; os de Silva Teixeira – **INDEX INDICUM DO ARQUIVO HISTÓRICO COLONIAL** (Lisboa, 1947), também de grande utilidade para o pesquisador; é um resumo datilografado mantido na biblioteca do Arquivo Histórico Ultramarino, descreve os ÍNDICES, os INVENTÁRIOS a apresenta uma listagem de várias seções do Arquivo, como, por exemplo, "CONSELHO ULTRAMARINO-CONSULTAS DE PARTES DO CONSELHO DE

FAZENDA – CÓDICES DAS MERCÊS GERAIS – DIREÇÃO GERAL MILITAR DAS COLÔNIAS" etc.

Deve-se consultar, ainda, a cópia datilografada do manuscrito que se encontra no Arquivo com o título de CATÁLOGO DESCRITIVO E ANALÍTICO DOS CÓDICES DO CONSELHO ULTRAMARINO – 1 a 27 (incompleto à época em que consultei).

O Arquivo é mais ou menos organizado de acordo com a ordem de chegada dos documentos à sua sede, bem como segundo as regiões geográficas do antigo Império Colonial Português. Há seções assim classificada: REINO; ILHAS ADJACENTES; ÁFRICA, ÁSIA E OCEANIA; BRASIL; LUGARES DE ÁFRICA e estão quase todas subdivididas e em ordem cronológica.

A coleção do Brasil é tão vasta que ocupa várias salas imensas e seu conteúdo é subdividido de acordo com as Capitanias, organizado cronologicamente e guardado em caixas de metal, maços ou códices.

Os Documentos que não se encontram ainda classificados são reunidos em maços com a inscrição "Documentos em Organização", mas no estado em que se encontravam careciam evidentemente de um melhor tratamento.

Algumas Caixas contêm papéis relativos a tópicos específicos; há duas com documentos referentes a fronteiras, (A demarcação de limites, 1740-1758 e 1759-1806). Em cutras duas Caixas encontram-se os Documentos da Inconfidência Mineira; em uma terceira, com o título SAL, acham-se documentos pertinentes ao monopólio e aos contratos de sal no Brasil.

Há claros sinais de que foi feito um esforço para se conseguir uma ordenação cronológica das caixas, mas alguns documentos estão fora da ordem, ou da época indicada no rótulo. Quer-me parecer ser isso decorrência do freqüente manuseio devido às inúmeras consultas aos documentos, o que contribuiu para desorganizá-los.

Os Maços são marcados de acordo com os anos e não por números, possivelmente para se evitar confusão numérica.

A primeira Seção, onde está a Documentação do antigo Conselho Ultramarino, é de importância fundamental para o estudo

da História do Brasil Colonial e inclui também os manuscritos e registros anexos: Desembargo do Paço (Documentos do Supremo Tribunal); Mesa de Consciências e Ordens; Conselho de Fazenda; Conselho da Índia; Conselho de Guerra; e os Tombos de Ceilão. Como o Conselho Ultramarino era o órgão administrador e fiscalizador de todos os assuntos das colônias, sua coleção mais importante é a volumosa COLEÇÃO DOS PAPÉIS AVULSOS, contendo a correspondência entre o Governo de Portugal e os Vice-Reis do Brasil, bem como os "Memoranda" dos comerciantes e oficiais de todas as partes do Império Português, enviados por funcionários portugueses no Brasil tratando de comércio, finanças e outros importantes assuntos.

Os Livros de Registros representam essencialmente a anotação de documentos oficiais e particulares que foram enviados ao Conselho Ultramarino para serem submetidos às deliberações e recomendações da Coroa. Contêm os pareceres jurídicos e administrativos dos membros do Conselho a respeito de questões a eles submetidas para apreciação. Além das minutas do Conselho Ultramarino, os Livros de Registros contêm as Leis, os Decretos, o Registro dos Avisos (que eram as ordens assinadas pelos Ministros Reais), o Registro das Provisões, o Registro das Cartas Régias, o Registro das Sesmarias etc.

Felizmente o material relativo ao Brasil tem sido objeto de melhor atenção que os documentos que versam sobre outras partes do Império. Alguns documentos têm sido organizados de modo exemplar, como é o caso do excelente "INVENTÁRIO DOS DOCUMENTOS RELATIVOS AO BRASIL EXISTENTES NO ARQUIVO DE MARINHA E ELTRAMAR DE LISBOA", editados por E. de Castro e Almeida, nos volumes 31, 32, 34,36,37,39,46, 50e 71 dos ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO, de 1913 a 1916. O referido Inventário inclui os papéis do Conselho Ultramarino e do Arquivo da Marinha e outros que, antes de 1934, se encontravam na Biblioteca Nacional de Lisboa.

A Seção Geral, referente ao Brasil, trata das Capitanias da Bahia, Ceará, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio de janeiro, São Paulo e São Pedro do Rio Grande, de 1700 a 1822. Os acervos mais volumosos dizem respeito ao Rio de Janeiro e Bahia obviamente por terem sido as capitais da Colônia.

Gwendolin Cobb, em seu já mencionado artigo, na HISPANIC AMERICAN HISTORICAL REVIEW, Vol. XXXIV, fev. 1954, pp. 110-135), nos fala dos documentos que foram levantados a partir desse Inventário; esses documentos foram microfilmados e os microfilmes levados para a Bancroff Library, na Califórnia.

J. A. G. de Melo Neto editou o seu paciente trabalho "RELAÇÕES DE PAPÉIS AVULSOS E DE CÓDICES RELATIVOS À CAPITANIA DE PERNAMBUCO (1605-1794 e 1597-1671): MANUSCRITO DO ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO".

A **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro** editou uma utilíssima coleção de 15 volumes, entre 1956-1959, muito apropriadamente chamada "CATÁLOGO DE DOCUMENTOS SOBRE A HISTÓRIA DE SÃO PAULO EXISTENTE NO ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO".

É uma verdadeira galáxia de documentos pertinentes ao Brasil.

5. Arquivo nacional da Torre do Tombo

O Arquivo Nacional da Torre do Tombo remonta ao tempo de Dom Sancho I, que em 1188 o chamou de "meu repositório". Ao falar assim, referia-se ele à coleção de manuscritos que, segundo o costume da época, acompanhava sempre os soberanos onde quer que fossem.

Com o aumento de volume dos documentos sua mobilidade tornou-se impossível e, por isto, por volta de 1352 o material foi colocado na torre de Albarra, em Portugal, e sua custódia foi confiada a um guarda-mor, que até 1842 exercia concomitantemente as funções de cronista do Estado.

Por volta de 1600 o arquivo havia adquirido o título de arquivo Real e lá pelo séc. XVIII era chamado de Arquivo Real e Nacional.

As funções do Arquivo incluíam não só a guarda e a conservação dos documento, mas, ainda, em seus primeiros séculos, a expedição de Certidões e Atestados.

A partir da primeira metade do séc. XIX passou a ser designado oficialmente Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Com as revoluções liberais de 1820-21 todos os arquivos de instituições eclesiásticas importantes de Portugal foram incorporados a seu acervo, porém continuam, infelizmente, sem organização adequada (pelo menos até a época em que fiz a pesquisa, em 1979).

Esse Arquivo continua desempenhando suas funções de Arquivo Nacional. Já passou por inúmeras reformas, sendo a maior delas em 1752, quando foi transferido para o Mosteiro de São Bento, onde até hoje ocupa uma ala inteira de prédios do Governo.

Acha-se localizado no Palácio das Cortes, Largo de São Bento, Lisboa.

Exigia, para seu uso, quando lá trabalhei, documentação comprobatória de compromisso acadêmico do usuário.

O acervo desse Arquivo pode ser dividido em duas seções: a primeira parte é composta por documentos organizados em Coleções e por uma miscelânea de documentos de origem e natureza variadas. A segunda é constituída por incorporações posteriores ao estabelecimento do Regime Liberal (1820-21) e contém os papéis dos Tribunais, Departamentos e repartições do Estado e da Igreja, de acordo com suas designações.

Foi-me impossível encontrar um único guia completo para o conteúdo total do Arquivo, mas há vários guias parciais, reunidos parcialmente, que podem ser úteis para os pesquisadores e os estudiosos em geral.

O melhor desses guias talvez seja o de Mesquita de Figueiredo, intitulado **GUIA PRÁTICO DO ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO**, publicado pela primeira vez em 1922. Com certeza pode-se encontrar uma cópia desse GUIA tanto no próprio Arquivo, como na Biblioteca Nacional de Lisboa.

Há, também, um livro com o título de O ARQUIVO DA TORRE DO TOMBO. SUA HISTÓRIA, CORPOS QUE O COMPÕEM E ORGANIZAÇÃO, publicado pela primeira vez em

Lisboa em 1905, de autoria de P.A. de Azevedo e Antônio Baião, que também se encontra na Biblioteca Nacional de Lisboa. O Corpo Cronológico e as Gavetas são as duas coleções mais importantes para o estudo da História do Brasil e das Províncias Ultramarinas Portuguesas. O Corpo Cronológico é o maior da coleção da miscelânea de documentos; contém, por exemplo, papéis do Tesouro, isto é, da Fazenda Real, e boa parte da correspondência original entre os Vice-Reis do Brasil e da Índia Portuguesa. Nele se encontram quase 90.000 documentos em, aproximadamente, 600 maços, divididos em 03 partes e organizados cronologicamente. Em cada documento da primeira página dos maços, figura um resumo de seu conteúdo, o que permite ao pesquisador economizar bastante tempo.

Felizmente, há no Arquivo, um índice para o Corpo Cronológico de documentos, chamado "SUMÁRIO DO CORPO CRONOLÓGICO", que se constitui precioso auxiliar de pesquisador.

Era costume, até, 1755, guardar-se certos documentos importantes em Gavetas. Antes, fazia-se referência às Gavetas de acordo com seu conteúdo, que era acumulado de modo aleatório.

As Gavetas contêm uns 6.000 documentos em maços e entre eles predominam os referentes aos séculos XV, XVI e XVII. Nelas se encontram, ainda, Cartas de Doação, Testamentos e Tratados Internacionais, os quais são agora numerados em Caixas, mas sua organização cronológica ou onomástica pareceu-me bastante complexa e ainda estava longe de ser ideal.

O Arquivo Nacional da Torre do Tombo contém uma gama de documentos importantes, entre as quais se destacam:

- As CARTAS MISSIVAS, que são as cartas dos soberanos portugueses (1.717 ao todo, em 04 maços).
- CARTAS DE VICE-REIS E GOVERNADORES DA ÍNDIA E DE OUTRAS PESSOAS PARA O REI (há um maço de 190 documentos só com as cartas relacionadas com o Brasil);
- A COLEÇÃO ESPECIAL, incorporada ao arquivo em 1820-21, contém cartas de diversas ordens religiosas espalhadas pelo Império Colonial enviadas para suas respectivas matrizes na Metrópole, além de algumas Bulas e documentos papais e

outros documentos relativos a todas as ordens religiosas existentes no Império;

• Os DOCUMENTOS DA JUNTA DE COMÉRCIO são particularmente importantes, pois a Junta fazia parte do Ministério do Reino; foi estabelecida por Decreto de 1755, tendo sido elevada à categoria de Tribunal Supremo em 1788 com a denominação de Real Junta de Comércio, Agricultura, Fábricas e Navegação destes Reinos e seus Domínios; nesses documentos pode-se observar a história econômica dos séculos XVII e XVIII e são fundamentais para a história de nosso período colonial; felizmente, há um índice, de nº 305, através do qual se pode ter uma idéia do conteúdo dos documentos, suplementado por um Inventário dos Maços.

• Importante documentação está também contida nas coleções do ARQUIVO DE FAZENDA e do CONSELHO DE GUERRA que lá se encontram e, mais, as do: Desembargo do Paço; Ministério do Reino; Ministério dos Negócios Estrangeiros; Companhia União Mercantil; Cartório da Junta de Tabaco; Arquivo Militar.

6. Outros importantes repositórios de documentação de interesse da pesquisa

Merece ainda destaque a documentação que se encontra em cada uma das entidades abaixo mencionadas.

• BIBLIOTECA DA AJUDA, fundada em 1756 para substituir a que foi destruída pelo terremoto de Lisboa; localizada no Palácio da Ajuda, antiga residência da família real, ficando perto do Arquivo Histórico Ultramarino. Contém uma bem cuidada coleção de documentos e manuscritos.

• FILMOTECA ULTRAMARINA PORTUGUESA, fundada em 1952, localizada na rua Junqueira, nº 86, funcionando sob os auspícios do Centro de Estudos Ultramarinos, situado no Palácio de Ega, Calçada da Boa Hora. É excelente a organização da

filmoteca. Seu acervo é identificado com facilidade mediante consulta ao **CATÁLAGO DA BIBLIOTECA E ROTEIRO DA FILMOTECA ULTRAMARINA PORTUGUESA**, publicado em 1962 e periodicamente atualizado.

- BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA, fundada em 1796 com o nome de Biblioteca Pública da Corte, situada, atualmente, no Largo da Biblioteca Nacional.
- ARQUIVO HISTÓRICO DOS MINISTÉRIOS DAS FINANÇAS, criado em 1937 e importante para o estudo das Companhias Pombalinas de Comércio e para a História Socio-econômica do Brasil, tráfico de escravos, entre outras matérias.
- ARQUIVO DA CASA DA MOEDA, contendo documentos referentes a cunhagem de moedas, do século XVI ao século XX, de interesse dos numismatas.
- ARQUIVO DE DESENHOS DE DIREÇÃO DA ARMA DE ENGENHARIA, dispondo de muitos mapas e objetos cartográficos.
- ARQUIVO GERAL DA ALFÂNDEGA DE LISBOA, que contém documentos incorporados da Alfândega de Setúbal e da Casa da Índia.
- ARQUIVO GERAL DA MARINHA, de muito interesse para o estudo do serviço militar da Marinha, com listas de tripulações, entre outros documentos.
- ARQUIVO GERAL DO MINISTÉRIO DE OBRAS PÚBLICAS, localizado na Praça do Comércio (Terreiro do Paço). É moderníssimo. Nele estão vários documentos relativos às Companhias Pombalinas.
- ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR, contendo os documentos do antigo Arquivo Geral do Ministério da Guerra.
- ARQUIVO E BIBLIOTECA DO MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS, localizado no Largo de Rilvas-Lisboa, importante para conhecimento da História Diplomática.
- ARQUIVO DA MITRA E IGREJA PATRIARCAIS DE LISBOA.
- ARQUIVO DO TRIBUNAL DE CONTAS.
- BIBLIOTECA DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, situada na Rua da Academia de Ciências.
- BIBLIOTECA E ARQUIVO DA ASSEMBLÉIA NACIONAL PORTUGUESA.

- BIBLIOTECA DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA.
- ARQUIVOS particulares localizados fora de Lisboa.
- Alguns ARQUIVOS E BIBLIOTECAS também situados fora de Lisboa. Por falta absoluta de tempo não me foi possível sequer visitar qualquer Arquivo ou Biblioteca particular. A relação abaixo é compilada de publicações várias e informações recebidas oralmente: A Biblioteca da Universidade de Coimbra; Arquivo Municipal de Coimbra; Biblioteca Pública Municipal do Porto; Arquivo da Câmara Municipal do Porto; Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora; Biblioteca Pública de Braga, fundada pelos romanos e que por mais de mil anos manteve a reputação de centro religioso de Portugal; Biblioteca Pública de Ponta Delgada, situada nos Açores e guardando uma grande parte da documentação referente às descobertas portuguesas na África, Ásia, América e, em especial, aos Açores.

Como se vê, há necessidade de retomar a tarefa da elaboração de um guia compreensivo e atualizado das fontes para o estudo de história do Império Português, especialmente no que se refere ao Brasil.

Os espanhóis e os norte-americanos estão preparando grandes festividades que incluem Seminários, Simpósios e Encontros de Estudos comemorativos dos 500 anos da descoberta da América. Talvez já seja tempo de nos preocuparmos seriamente com a passagem dos cinco séculos da descoberta do Brasil para promovermos eventos acadêmicos alusivos à data, entre os quais se poderia incluir a elaboração do Guia atualizado a que venho me referindo neste trabalho. Fica a sugestão.

O MISTÉRIO DO POETA E A DECIFRAÇÃO DO POEMA

*Paulo de Tarso Correia de Melo**
(Para Celso da Silveira)

Está documentado que Antônio Bento, norte-rio-grandense e critico de arte, que descobriu e documentou a obra de Ismael Neri, teria chamado João Lins Caldas, Pai do modernismo brasileiro. Se existisse uma história sistemática da literatura norte-rio-grandense, Caldas seria um dos capítulos mais importantes, fascinantes e misteriosos.

Nascido em Goianinha, a 1º de agosto de 1888, não estão documentados detalhes de sua formação. Em 1912, aos 24 anos, portanto, parte para o sul do país, primeiro no Rio de Janeiro, onde permanece até 1927 e daí até 1930 na cidade de Bauru, Estado de São Paulo. Volta ao Rio em 30 e em 1933 retorna a Assu, berço de sua tradicional família paterna, onde vem a falecer em 18 de maio de 1967, dois meses e meio antes de completar 70 anos. A última vez que tinha estado em Natal foi em 1958, após 19 anos sem vir à capital do Estado.

No Rio de Janeiro, na condição de autodidata, relacionou-se com algumas das figuras literárias mais expressivas da época. Entre elas registram-se Olavo Bilac, Da Costa e Silva, Alberto de Oliveira, Tasso da Silveira, Mário Pederneiras, Álvaro Moreira, Murilo Araújo, Vespasiano Ramos, Pereira da Silva, Augusto Frederico Schmidt. José Geraldo Vieira registrou: "conheci-o no tempo de Lima Barreto, Hermes Fontes e Antônio Torres, na porta da livraria Garnier".

Vale pesquisar, prioritariamente, a intensidade destas relações, se convívio íntimo ou encontros de porta de livraria. Porque o mistério em torno de João Lins Caldas decorre, em muito, da ausência de pesquisa. No Rio Grande do Norte, Celso da Silveira, somente, impediu que ele fosse esquecido, graças a uma coletânea de 58 poemas e alguns depoimentos publicada em 1975. Entre os depoimentos apenas três são razoavelmente informativos: José Geraldo Vieira, Maria Eugênia Montenegro e Francisco Amorim. Este último dá notícia de Caldas em Natal, já

em 1908"colaborando nos jornais do tempo, emprestando sua assistência literária à A República, à Gazeta de Notícias e ao Jornal de Natal". Refere mais adiante "na sua permanência no Rio de Janeiro, atuou na imprensa carioca. O Globo, A Nação, a Gazeta de Notícias, o RioJornal e o Imparcial, vez por outra recebiam a sua colaboração. Deu, também, a sua contribuição literária ao Malho, à Revista para Todos, à Careta, ao Fon-fon. Colaborou, com assiduidade nos almanaques de Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Sul, das Senhoras, Ilustração Portuguesa e Luso-Brasileira". Vale pesquisar em todas estas fontes, bem como, em outras que refere Maria Eugênia Montenegro: "Teve vários contos, quadras, poemas publicados na "A Gazeta de Notícias", no "Correio da Manhã", no "O Jornal", na "A Pátria". Neste jornal publicou "Yettatori (Mau Olhado) poema que foi transcrito e um artigo sobre Sacco e Vanzetti. Colaborou ainda no Mira-mar, na A Nação, A Vanguarda, A Notícia e nas revistas: Fon-fon, De Tudo, Faceira, Seleta, Nordeste, Para Todos. Nesta revista publicou um soneto que escreveu na cidade do Cerro, em Minas Gerais, em folhas de malacacheta, com o canivete. Ainda colaborou no Diário de Pernambuco, Jornal do Comércio, Correio de Bauru, Folha do Norte e Correio do Povo de Porto Alegre.

José Geraldo Vieira definiu Caldas como um esquizofrênico genial. No seu livro Carta a Minha Filha em Prantos confessa-o como seu personagem "Cassio Murtinho, do segundo romance que vivi e escrevi. (Território Humano). No meu romance ele está hipertrofiado pelo que a técnica exigiu, mas o esquema humano e sobre-humano foi autêntico."

Vieira registra que Caldas "perpetrava 20 a 30 sonetos por dia em abas de carteiras de cigarros ou beiradas de jornais". Refere que chegou a abrigar um sua casa, a pedido de Caldas, uma "bagagem literária" constante de "malas e malas dessas de porão de navio" além de "embrulhos, malas ordinárias e caixotes". Segundo Vieira, cada mala continha 300 cadernos de 100 folhas cada e cada pacote 50 cadernos do mesmo tipo.

Seriam os originais de Ego Ego, Deus Tributário, Pulso de Febre, Chão de Enterro, Poeira do Céu, Litanias de um Doido, Alma de Ontem, Águas de Sonho, Casa de Pássaros, Árvore de Raios. Nenhum foi publicado.

Celso da Silveira refere "hoje lhe restam alguns poemas salvados de uma inundação no bairro da Ribeira, em Natal". Maria Eugênia diz que "João Lins Caldas tornou-se o mais amargurado dos poetas por tudo que perdeu pelo mais insignificante inimigo - a abjeta traça – que reduziu a picadinhos de papel o seu alcandorado sonho de um Prêmio Nobel de Literatura".

De tudo isso ficou registrado um corpus de 58 poemas somente. Durante a visita a Natal em 1958, os registros jornalísticos falam apenas de "um caderninho velho e gasto de que o poeta ia tirando seus versos. Caderninho gasto e velho tanto quanto ele mesmo, o poeta".

Todos os testemunhos são unânimes em referir as excentricidades e dificuldades de convivência de Caldas. Francisco Amorim diz que "o seu espírito tinha mutações surpreendentes que tocavam as raias da neurose". Chama-o de idealista, visionário, dizia que Caldas "sonhava com um mundo de coisas como se realizadas estivessem". Seria ele um mitômano que acreditava-se autor de uma extensa obra, reduzida, na verdade, a um caderninho velho e gasto?

Deste "caderninho velho e gasto" de 58 textos, constam 19 sonetos, o que de acordo com José Geraldo Vieira, não perfariam a produção de um dia. Entre eles o de data mais antiga é de 1905. Quatro outros são de 1908 e um de 1909, perfazendo 6 os datados, todos anteriores a sua ida para o sul. Os sonetos, embora de fatura exemplar, guardam marcas dos temas da época e impressões de poetas brasileiros e portugueses do tempo, privilegiando Cruz e Souza e Alphonsus de Guimarães e outros tantos autores curiosamente posteriores a Caldas como Augusto do Anjos e Florbela Espanca. Isso não seria de admirar considerando-se o que declara José Geraldo Vieira: "As invenções de Cocteau, Apollinaire, Aragon, Sá Carneiro e tudo quanto, bem depois, foi inventado no léxico, na sintaxe, no formal e no essencial (...) era feito naquela época pelo Caldas, essa autoridade virtual, que só sabia a sua língua".

Quando o caderninho registra poemas em versos brancos, típicos do modernismo, destacam-se A Casa Nos Conta Sua História, Necrológio do Amigo, Poema (O teu mundo é novo), O Sombra e aquele que poderia figurar como um dos mais belos e universais poemas escritos neste Rio Grande do Norte: ISABEL.

ISABEL

Uma Isabel morreu no mundo.
Tinha pai e mãe, irmãos e sobrinhos, aquele mundo de primos no mundo.
Avós enterrados, bisavós trepidantes nos cernes duros de árvores agigantadas.
Ascendentes outros na nervura de asas e barbatanas de peixes.
Isabel hoje estava cansada.
Remontava das suas origens a dias muito anteriores aos dias de Tebas,
Viveu de fresco os poemas de Homero,
A guerra de Tróia,
O passado de Sócrates,
E, caída Cartago, soldados ruivos, assalariados, mortos.
Não soube nada da sua crônica.
Era uma mulher, vestida de saia, os cabelos compridos
E se alimentava de pão, rapadura e mel.
Isabel tinha linhas nas mãos.
Uma sorte que estava escrita, diferente sem dúvida das outras sortes.
O destino de Isabel, o destino da vida como dos outros que carregam a morte.
Eu nunca vi Isabel.

A partir do título, tudo é emblemático. Isabel é, ao mesmo tempo, nome aristocrático e popular. Rainhas, santas e mulheres do povo o carregaram.

Se não se deve confundir poema conciso com poema curto, a totalidade deste poema é concisa, enxuta, essencial. Faz lembrar Whitman quando dizia que não existe verso livre. Todas as palavras deste poema têm razão de ser e lugar exato.

Começa com uma constatação:

Uma Isabel morreu no mundo.

A partir daí, nos três versos subsequentes, um levantamento de parentescos aparentemente detalhado, mas na verdade uma generalização que vai além de uma mulher e engloba toda a natureza numa perspectiva monista. "Retomando o pensamento de Heráclito de Efeso, Ernst Haeckel, discípulo de Darwin, prega o monismo, ou seja, a hipótese de que, apesar das aparências, tudo, no universo, se identifica na origem. Para Haeckel, todos os seres se originam da monera, composto espontâneo de azoto, hidrogênio, oxigênio e carbono. Essas idéias tiveram divulgação no Nordeste, através da Escola de Recife, liderada por Tobias Barreto". É o que esclarece Francisco das Chagas Pereira em seu ensaio sobre Ferreira Itajubá.

O monismo proposto não é apenas biológico, mas histórico, nos 5 versos que sucedem a segunda constatação: Isabel hoje estava cansada. Nestes 5 versos generaliza-se, no tempo, um ser humano sendo todos os seres humanos, perspectiva moderníssima e eterna em poesia.

Após uma terceira constatação: Não soube nada de sua crônica - outros 5 versos, aparentando particularidades e aprofundando generalidades. Neste conjunto figura a única palavra regionalista do texto - *rapadura*, admiravelmente colocada entre duas outras da alimentação bíblica: pão e mel.

No último verso do terceiro grupo a definição definitiva do destino da personagem e da sua espécie. É uma quarta constatação que pretensamente desmente todo o poema: eu nunca vi Isabel.

Na verdade ninguém a viu melhor.

---

* Membro (eleito) da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Notas de Leitura:
um olhar sobre si mesmo tendo como referência o outro

*Pedro Vicente Costa Sobrinho**

Logo após a Independência, a visão romântica do Brasil era de um jovem país de futuro promissor, destinado a cumprir um papel importante no conjunto das nações do novo e do velho mundo. A exaltação da terra, do seu clima, do seu solo exuberante, de suas riquezas naturais estavam presentes nas obras dos românticos, sobretudo na sua poesia.

No entanto, a visão paradisíaca da nova pátria não se bastava, pois faltava-lhe um povo cujas características o dotassem de uma personalidade distinta e original, constituindo-se a partir dela uma nacionalidade genuinamente brasileira. Nessa direção, a literatura indianista, como forma mais acabada de expressão intelectual dos ideais do nacionalismo dos românticos, principalmente no romance de José de Alencar, "criou uma Idade Média brasileira", o que era talvez uma forma de dar conteúdo histórico ao nacionalismo. Em Iracema, essa busca vai ainda mais longe, e coloca no ambiente da lenda o nascimento da nacionalidade (Leite, p. 173).

O discurso positivo dos românticos estava longe de se adequar à realidade de um país atrasado, miserável, oligárquico, fragmentado e excludente, cuja economia repousava na exploração do trabalho escravo.

A partir dos anos setenta do século passado, começaram a circular no Brasil as novas teorias de cariz positivo-evolucionista, que tinham como centralidade os modelos raciais de análise, elaborados por Galton, Lombroso, Le Bon, Gobineau e outros. Mais o determinismo geográfico de Ratzel (Schwarcz, p. 62 a 64).

A nova geração de intelectuais pátrios, com destaque para Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Nina Rodrigues, mais tardiamente Oliveira Vianna, assimilou os novos determinismos climáticos e raciais, e, a partir desses referenciais teóricos forâneos, buscou explicações para o país, para a razão de suas vicissitudes e atraso crônico, muitas vezes sendo levada a externar um certo pessimismo quanto ao futuro da nacionalidade.

Até os anos de 1930, vários estudiosos debruçaram-se sobre a questão nacional, buscando explicar o caráter e o destino do homem brasileiro. Com exceção de Manoel Bonfim, as determinantes geográficas, raciais e culturais, com ênfase na miscigenação e baldeamento de culturas são predominantes e balizaram as reflexões do pensamento intelectual brasileiro. Na década de 1930, três obras foram publicadas e passaram a constituir-se em cânones para a análise da realidade brasileira: Casa-Grande & Senzala (Gilberto Freyre, 1933); Evolução Política do Brasil (Caio Prado Júnior, 1933) e Raízes do Brasil (Sérgio Buarque de Holanda, 1936).

A obra de Gilberto Freyre ancorava-se na antropologia cultural, principalmente no relativismo de Frans Boas, compulsava novas fontes e vinculava novas abordagens sobre relações raciais, sexuais e familiares. E mais, e fundamentalmente, buscou explicar o homem brasileiro através de suas raízes fincadas no passado, na herança colonial e suas transformações ocorridas no século XIX, considerando também como exitoso o empreendimento colonizador português, concluindo como perfeitamente adequada a adaptação de sua cultura aos trópicos.

Em *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda desenvolveu o conceito de "Ibéria" englobando as culturas de Portugal e Espanha, unidade que, segundo Antonio Candido, se desmanchará em parte no discorrer do discurso. A natureza da cultura e do homem ibéricos foram delineados em seus traços essenciais:

> A autarquia do indivíduo, a exaltação extrema da personalidade, paixão fundamental e que não tolera compromissos.(...) Por isso mesmo que rara e difícil, a obediência aparece algumas vezes para os povos ibéricos, como virtude suprema entre todas.(...) ...obediência cega, e que difere fundamente dos princípios medievais e feudais, tenha sido para eles até agora, o único princípio político verdadeiramente forte. A vontade de mandar e a disposição para cumprir ordens são-lhes igualmente peculiares. As ditaduras e o Santo Ofício parecem constituir formas tão típicas de seu caráter como a inclinação à anarquia e à desordem.

A estes povos acresce-lhes ainda o culto dos valores universais e permanentes; a repulsa a toda moral fundada no trabalho e a precaridade de ideais de solidariedade (Holanda, p. 9 a 12).

Em trecho mais adiante, o autor explicita a tese que norteia sua obra:

> A experiência e a tradição ensina que toda cultura só absorve, assimila e elabora em geral os traços de outras culturas, quando estes encontram uma possibilidade de ajuste aos seus quadros de vida. Neste particular cumpre lembrar o que se deu com as culturas européias transportadas ao Novo Mundo. Nem o contato e a mistura com raças indígenas ou adventícias fizeram-nos tão diferentes dos nossos avós de além-mar como às vezes gostaríamos de sê-lo. No caso brasileiro, a verdade, por menos sedutora que possa parecer a alguns patriotas, é que ainda nos associa à Península Ibérica, a Portugal especialmente, uma tradição longa e viva para nutrir, até hoje, uma alma comum, a despeito de tudo quanto nos separa. Podemos dizer que de lá nos veio a forma atual de nossa cultura; o resto foi matéria que se sujeitou mal ou bem a essa forma (idem, p. 12).

Se em Freyre e Holanda os elementos culturais (para o primeiro misturados, para o segundo essencialmente ibéricos) que forjaram a nacionalidade brasileira, cunharam em nosso caráter um conjunto de traços definidores e de relativa permanência, como se as sombras dos mortos se projetassem sobre os vivos, em Caio Prado Júnior, o marxismo, de pouco assimilado, conduziu a novas interpretações da realidade brasileira.

Em sua obra Evolução Política do Brasil, Prado Júnior passa a explicar, segundo Mota, as relações sociais a partir das bases materiais, apontando a historicidade do fato social e do fato econômico, colocando em cheque a visão mitológica que impregnava a explicação histórica dominante. As classes sociais emergem, pela primeira vez, nos horizontes da realidade social brasileira como categoria analítica (Mota, p. 28).

Nove anos depois, no seu livro Formação do Brasil Contemporâneo, Prado Júnior, já melhor adestrado no uso do marxismo e do seu método, buscou interpretar o Brasil a partir do que denominou "o sentido da colonização", e desse modo explicar o presente através do estudo de sua realidade colonial, sua base econômica, utilizando categorias analíticas como produção, distribuição e consumo. O livro de Prado Júnior foi saudado por Dante Moreira Leite como veiculador da interpretação que põe um ponto final na leitura ideológica da realidade brasileira. Segundo ele, "A mensagem final do livro é, comparada às ideologi-

as, evidentemente otimista: as características da vida brasileira não foram impostas pelo destino, mas por condições concretas que podem ser modificadas" (Leite, p. 316).

Ao resgatarmos a produção intelectual que buscou explicar o nosso presente pelas nossas raízes, tomando por referencial teórico as várias teorias deterministas (raciais, climáticas, culturais e econômicas), verificamos que essas reflexões são marcadas por um olhar sobre si, mesmo tendo como referência o outro; quer como paradigma a ser alcançado, quer por atribuição de culpa pelo nosso atraso. Se parte dessa produção intelectual externou um pessimismo nada alentador, ou um certo conformismo, outra parte reconheceu o atraso mas o assimilou naturalmente, como decorrência do nosso processo civilizatório, todavia superável, pela nossa adesão tardia mas irreversível ao projeto da modernidade.

Por sua vez, os marxistas e as correntes derivadas ou próximas dessa vertente dialogaram com o atraso também se referindo ao outro próspero, atribuindo a razão das desventuras latino-americanas às mais diversas formas de dominação estrangeira: colonialismo, neocolonialismo, imperialismo etc. Com certa sofisticação a corrente cepalina, tendo por expoentes Celso Furtado e Raul Prebisch, culpou pelo nosso subdesenvolvimento as nações centrais e seus capitalistas, por meio do sistema de relações de trocas desiguais (Prebisch), ou do mecanismo das exportações de capitais, controlando nossa economia por dentro (Furtado), conseqüentemente, impedindo o desenvolvimento industrial autônomo. Mais recentemente, a moderna teoria da dependência, versão Fernando Henrique Cardoso/Enzo Faletto, acenou para a possibilidade de países como o Brasil alcançarem o industrialismo sem revolução, através do desenvolvimento dependente e associado aos países centrais, vislumbrando com isso a nossa identificação com o outro, pelo menos com sua face urbana-industrial. A democracia, a cidadania, as liberdades, os direitos civis e sociais são outra conversa.

---

* Pedro Vicente Costa Sobrinho é professor da UFRN, com doutorado em Ciências da Comunicação (ECA-USP).

Referências Bibliográficas

BONFIM, Manoel. *A América Latina:* males de origem. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993.

CANDIDO, Antonio. *O significado de Raízes do Brasil,* in Raízes do Brasil, HOLANDA, Sérgio Buarque. 13a. edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

CARDOSO, F. H.; FALETTO, Enzo. *Dependência e desenvolvimento na América Latina.* Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.

FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

FURTADO, Celso. *Desenvolvimento e subdesenvolvimento.* Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

GURRIERI, A. *La obra de Prebisch em la Cepal.* México: Fundo de Cultura Econômica, colecion "Lecturas" n. 46, 1982.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

JOYCE, James. *Dublinenses (Os mortos).* Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1984.

LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro:* história de uma ideologia. São Paulo: Pioneira, 1976.

LEWIS, Paul H. *La crisis del capitalismo argentino.* Buenos Aires: Fundo de Cultura Econômica, 1993.

MORSE, Richard M. *O espelho de Próspero:* cultura e idéias nas Américas. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira* (pontos de partida para uma revisão histórica). São Paulo: Ática, 1977.

PRADO Júnior, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo* (Colônia). São Paulo: Brasiliense, 1963.

_____. *Evolução política do Brasil e outros estudos.* São Paulo: Brasiliense, 1972.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças:* cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870/1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

POEMAS DE

JARBAS MARTINS

AD PERPETUAM REI MEMORIAM

I

Sob um céu
de ferrugens e salitre
nutre o potengy
sua podre geografia
da Ponte de Igapó
sucata de extintas viagens
escultura fantasma
que une a cidade ao manguezal do tédio
divisa seus limites cartográficos
e ante a ofensa azul do mar
esconde-se no Refoles
refúgio de piratas
e dragas sonolentas
preso entre a anquilose
e a baixa voltagem dos crepúsculos
contempla
a colisão do trem contra a paisagem
suga os alicerces
de velhos casarões
que armazenam
como um troféu
a lembrança
do último domingo de regatas
o apito estrangulado
do cargueiro

agrava a paz da tarde portuária
e denuncia
o peixe sob as locas
à margem das gamboas
e caminhos de caranguejos
os mortos do Cemitério dos Ingleses
bebem as águas residuais
do rio.

II

então este rio potengy
talvez não seja mais que uma memória
azulcicratizações de gordas sombras
e águas semoventes
uma espada de mercúrio
do flanco esquerdo da Ponte de Igapó
à Pedra do Rosário
atravessará o coração do rio
mas isto se dará
entre a 25ª hora
e a Hora Oficial da Abolição dos Mangues
uma garça de petróleo
estancará seu vôo
sob a mira de um canhão de raio laser
deste porto de miasmas
zarpará
o último cargueiro
em busca de um país
onde os peixes cegos riem
aonde os peixes jamais irão

QUINTAS

Com tanto azul por cima dos telhados
o céu é um lugar comum.
Enlinhada na antena de TV
a arraia
que não passeou nas várzeas da infância impune.
As placas das pequenas ruas
exibem à sucata da tarde
nomes suspeitos como uma rasura.

Pulsa indiferente a vida
nos quintais, nos terrenos baldios,
na mentira que esplende no out-door,
na carcaça lisa de um pneu, na cerca
que separa a usura dos sonhos.

Algum insulto, protesto ou nome de mulher
- caligrafia de carvão e ódio -
riscará a pele de seus muros,
mas logo os redimirá o gume de uma faca
breve e limpa como um copo de cachaça.
(Milagre em off-set, nos jornais
brilhará amanhã o nome de algum morto).
Hospedeira do bairro, a miséria
ganhará, nestes domínios, nomes múltiplos:
delinquência, fome, xistossomose.
Identificados em si não terão maior importância

e, como a música barata de um bar,
integram-se no cotidiano e adiam qualquer coisa:
a dívida, um gesto obsceno ou este poema.

SONETO
à moda de 1945

Mulher e cidade. Objeto imóvel uma.
A outra (mulher) imagem e movimento.
Cidade - chão, minério. Mulher - pluma.
Recordo as duas, e uma e outra invento.

Não a mulher que, em seu amor, presuma
a estratégia do amor - odioso e lento;
não a cidade que, em sua arte, assuma
a forma efêmera e virtual - Momento.

Mas a mulher que acusa um odor triste;
que é riso, canto breve, sol minúsculo;
brusco crispar de vôo e de penugem.

Mas a cidade que em sua cor persiste;
NATAL, o Potengy, mangue e crepúsculo
- áspero céu de sal e de ferrugem.

onde as dunas
onde as dunas da cidade
onde as dunas da cidade do natal
onde as dunas da cidade de natal sem deus

aonde o verão
aonde as dunas do verão
aonde as dunas velozes do verão
aonde as dunas do verão veloz de deus

cais sonhos sobrados
RIBEIRA
                bares amores
vagões abandonados

IV

BIBLIOGRAFIA DOS ACADÊMICOS (continuação)

ALUIZIO ALVES

Angicos – Editora Pongetti, Rio de Janeiro, 1940 – 2ª. ed.: Fundação José Augusto, Natal, 1997.

Homenagem ao Dr. José Augusto prestada pela Rádio Educadora de Natal – DEIO, Natal, 1942.

Nordeste: problemas de Recuperação Econômica – Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, 1953.

Mensagem às Elites – Departamento Estadual de Imprensa, Natal, 1965.

Resposta ao Desafio do Nordeste – S/ indicação de editora – S/data.

Sem Ódio e Sem Medo – Borsoi Editor, Rio de Janeiro – 2ª ed.: Editora Nosso Tempo, Rio de Janeiro, 1970.

A Verdade que não é Secreta – Nova Lima Artes Gráficas, Rio de Janeiro, 1976.

A Primeira Campanha Popular no Rio Grande do Norte – IHGRGN, Natal, 1976.

O que Eu não Esqueci – Leo Christiano Editorial Ltda., Rio de Janeiro, 2001.

DORIAN JORGE FREIRE

Os Dias de Domingo (Crônicas escolhidas pelo escritor Tarcísio Gurgel, na vasta produção jornalística do autor). 2ª ed. – Fundação Vingt-Un Rosado-Coleção Mossoroense, Mossoró, 1999.

GILBERTO AVELINO

O Moinho e o Vento – Fundação José Augusto, Natal, 1977.

O Navegador e o Sextante – FJA, Natal, 1980.

Noturnos (Incluído em "O Navegador e o Sextante").

Os Pontos Cardeais – FJA/RN Econômico, Natal, 1982.

Elegias do Mar Aceso em Lua – FJA/RN Econômico, Natal, 1984.

O Vento Leste – FJA/Editora Clima, Natal, 1986.

Além das Salinas – FJA, Natal, 1990.

As Marés e a Ilha – FJA, Natal, 1995.

ITAMAR DE SOUZA

Comentários à Encíclica Populorum Progressio – Salvador, 1967.

Migrações para Natal – Imprensa Universitária-UFRN, Natal, 1976.

Migrações Internas no Brasil – Editora Vozes, Petrópolis, 1980.

O Compadrio: da Política ao Sexo – Editora Vozes, Petrópolis, 1981.

A Luta da Igreja contra os Coronéis – Editora Vozes, Petrópolis, 1982.

Os Degredados Filhos da Seca – Editora Vozes, Petrópolis, 1983.

Universidade: Para Quê? Para Quem? Editora Universitária-UFRN, Natal, 1984.

A Seca no Nordeste: um Falso Problema – Editora Vozes, Petrópolis, 1985.

A República Velha no Rio Grande do Norte – Centro Gráfico do Senado, Brasília, 1989.

Deus, a Modernidade e a Era do Narcisismo – Centro Gráficio do Senado, Brasília, 1992.

Bartolomeu de las Casas – Editora Ser, Brasília, 1992.

São José de Campestre – Nordeste Gráfica, Natal, 1998.

Diário do Rio Grande do Norte (Nova História do RN) – Editora do Diário de Natal, Natal, 1998.

Câmara Cascudo: Vida e Obra – Editora do Diário de Natal, Natal, 1999.

Os Mártires de Cunhaú e Uruaçu – Editora do Diário de Natal, Natal, 2000.

JOÃO BATISTA CASCUDO RODRIGUES

A Mulher Brasileira – Direitos Políticos e Civis – Imprensa Universitária, Fortaleza, 1962.

Universidade e Comunidade – Editora Universitária – UFRN, Natal, 1975.

O Colégio de Antônio Gomes, Centro Pioneiro da Educação Secundária em Mossoró e sua Região – 2ª. ed. – Coleção Mossoroense, Mossoró, 1980.

Interiorização da Universidade – Coleção Mossoroense, Mossoró, 1983.

Modernização, Sociedade, Família e Província – Coleção Mossoroense, Mossoró, 1983.

Tempo e Vida – Fundação José Augusto – Coleção Mossoroense, Natal/Mossoró, 1985.

O Corredor Cultural de Mossoró, um Projeto Comunitário – Coleção Mossoroense, Mossoró, 1986.

Joaquim Ignácio de Carvalho Filho, Servidor do Rio Grande do Norte – Coleção Mossoroense, Mossoró, 1988.

LUÍS CARLOS GUIMARÃES

O Aprendiz e a Canção – Coleção Jorge Fernandes, Natal, 1961.

As Cores do Dia – Departamento Estadual de Imprensa, Natal, 1965.

Ponto de Fuga – Editora Clima/Fundação José Augusto, Natal, 1979.

O Sal da Palavra – Editora Universitária – UFRN, Natal, 1983.

Pauta de Passarinho – Boágua Editora, Natal, 1992.

A Lua no Espelho – S/ indicação de editora, Natal, 1993.

O Fruto Maduro – Fundação José Augusto, Natal, 1996.

113 Traições Bem-Intencionadas – EDUFRN – Editora da UFRN, Natal, 1997.

PAULO MACÊDO

Memória Contemporânea – Editora Itinerário, Recife, 1979.

Sociedade Natalense – Natal, 2000.

SANDERSON NEGREIROS

O Ritmo da Busca – Natal, 1956.

Fábula, Fábula – Secretaria de Educação e Cultura-RN, Natal, 1961.

Lances Exatos – Coleção Província, Natal, 1967.

Fábula, Fábula (Poemas reunidos) – Edições Pirata, Recife, 1980.

A Humana Palavra Necessária – Natal, 1978.

Sócrates, o Patrono do Humanismo – CCHLA - UFRN/CERN, Natal, s/data.

A Hora da Lua da Tarde – Livraria Independência/Fundação José Augusto/Editora Chegança, Natal, 1998.

UMBERTO PEREGRINO

Desencontros – Livraria José Olympio Editora, 1941.

Três Mulheres – Editora Antunes, Rio, 1959.

Pedro Cobra e Outros Acontecidos – José Olympio Editora, Rio, 1984.

História de não Contar – Presença Edições, Rio, 1990.

Nossas Vidas, Nossas Almas – Biblioteca do Exército Editora, Rio, 1958.

Crônica de uma Cidade Chamada Natal – Editora Clima, Natal, 1989.

Imagens do Tocantins e do Amazonas – Biblioteca do Exército Editora, Rio, 1943.

Euclides da Cunha, Historiador Militar – Editora Henrique Velho, Rio, 1943.

Vocação de Euclides da Cunha – Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, Rio, 1946.

Idéias sobre Assistência e Educação Alimentares no Brasil – Edição SAPS, Rio, 1950.

Augusto Severo, Pioneiro e Mártir da Conquista do Ar – Departamento de Imprensa-RN, Natal, 1954.

Significação do Marechal Hermes – Ed. da Biblioteca do Exército, Rio, 1956.

História e Projeção das Instituições Culturais do Exército – Coleção Documentos Brasileiros – Livraria José Olympio Editora, Rio, 1967.

Euclides da Cunha e Outros Estudos – Gráfica Record Editora, Rio, 1968.

A Guerra do Paraguai na Obra de Machado de Assis – Coleção Estudos Contemporâneos – Universidade Federal da Paraíba – Departamento Cultural, João Pessoa, 1969.

Técnica e Cultura – Reflexões sobre Euclides da Cunha – Biblioteca do Exército Editora, Rio, 1971.

O Jornalismo na Poesia Popular dos Folhetos de Cordel – Curso de Jornalismo Assis Chateaubriand, 1980.

O País de Santa Teresa – Vesper Comunicação e Editora Ltda., Rio, 1983.

O Exército Singular da Comunicação na Vida e na Obra de Euclides da Cunha – Biblioteca Tempo Universitário 69 – Editora Tempo Universitário – Universidade Federal do Ceará, Rio/ Fortaleza, 1983.

Literatura de Cordel em Discussão – Presença Edições/ Fundação José Augusto, Rio/Natal, 1984.

Crônica do Bairro do Catete – História, Vivências – Ed. Rioarte, Rio, 1986.

O Desastre Amoroso de Euclides da Cunha – Ed. Casa de Cultura São Saruê, Rio, 1987.

História da Biblioteca do Exército – Sem indicação de editora, s/ data.

Tenentismo em Debate e Outros Assuntos – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio, 1993.

VICENTE SEREJO

Cena Urbana – Editora Universitária – UFRN, Natal, 1982.

Cartas da Redinha – Nossa Editora, Natal, 1984.

Canção da Noite Lilás – Editora Lidador, Rio de Janeiro, 2000.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Oficinas Gráficas da EDUFRN
Editora da UFRN, em julho de 2001.